



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Tharlles Lopes Gervasio

**Construções “#SóQueNão”, “#SóQueSim” e “#SóQueNunca” à luz da
Linguística Cognitiva**

Rio de Janeiro

2016

Tharlles Lopes Gervasio

**Construções “#SóQueNão”, “#SóQueSim” e “#SóQueNunca” à luz da Linguística
Cognitiva**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a Dra. Sandra Pereira Bernardo

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G286 Gervasio, Tharlles Lopes.
Construções “[hashtag]SóQueNão”, “[hashtag]SóQueSim” e “[hashtag]SóQueNunca” à luz da linguística cognitiva / Tharlles Lopes Gervasio. – 2016.
107 f.: il.

Orientadora: Sandra Pereira Bernardo.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Linguística – Teses. 2. Linguagem – Teses. 3. Cognição – Teses. 4. Facebook (Rede social on-line) – Teses. 5. Ironia na literatura – Teses. 6. Análise do discurso – Teses. I. Bernardo, Sandra Pereira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.86

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Tharlles Lopes Gervasio

**Construções “#SóQueNão”, “#SóQueSim” e “#SóQueNunca” à luz da Linguística
Cognitiva**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 11 de janeiro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Sandra Pereira Bernardo (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a Dr^a Maria Lúcia Leitão de Almeida
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a Dr^a Naira de Almeida Velozo
Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria de Fátima e Doralino Gervasio, por acreditarem em meu potencial, muitas vezes, mais do que eu mesmo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me sustentar em todos os momentos.

A meus pais, grandes incentivadores de meus estudos e exemplos de respeito e humildade.

A minha irmã Agda Luana, por tanto admirar meu gosto pelos estudos.

À Prof^a Dr^a Sandra Pereira Bernardo, orientadora amiga, a quem tomo como exemplo de sabedoria e superação e, ainda, pelo acolhimento, guiando meus passos nas veredas da Linguística Cognitiva.

À Prof^a Dr^a Glória Braga Onelley, por ter sido minha primeira orientadora acadêmica, pelos anos de convivência, pela sua seriedade e competência.

À Prof^a Dr^a Marina Lima Mansur, por ter “profetizado” que meus estudos seguiriam os caminhos da Linguística Cognitiva. Obrigado pela amizade e pela generosidade em ter me cedido tantos textos que serviram como incentivo.

À amiga Jovana Maurício, por me fazer crer que eu superaria os momentos difíceis.

Ao amigo Felipe, por me fazer perceber que sou sempre capaz de avançar.

Aos membros desta banca, os quais aceitaram fazer parte da defesa.

A todos que me apoiaram no decorrer deste percurso e compreenderam minhas ausências para que este sonho se concretizasse.

RESUMO

GERVASIO, Tharlles Lopes. *Construções “#SóQueNão”, “#SóQueSim” e “#SóQueNunca” à luz da Linguística Cognitiva*. 2016. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Nesta dissertação, analisam-se as construções “só que não”, “só que sim” e “só que nunca”, aplicadas ao discurso como expressões indicadoras de oposição ou, em alguns casos, reiteração, acompanhadas de certa nuance de ironia. Tais construções são analisadas à luz da Gramática de Construções, de Goldberg (1995) e da Mesclagem Conceptual de Fauconnier e Turner (2002). As ocorrências foram extraídas da muito utilizada rede social *Facebook*, por se notar grande frequência de uso dessas construções em suas postagens, principalmente sob a forma da *hashtag* “#sóqueX”, em que o elemento X é figurado pelos advérbios “não”, “sim” ou “nunca”. Como se tratam de construções semelhantes sintática e semanticamente, em seu sentido básico, busca-se mostrar que as extensões de sentido veiculadoras da ironia – entendida segundo Coulson (2001; 2005) – são fornecidas pragmaticamente, a partir do contexto de uso dessas expressões. A ironia é um recurso linguístico muito utilizado nos mais variados textos da modalidade escrita e oral. Acrescenta-se, ainda, que ao utilizar tal recurso, o escritor/falante intenta dizer ao leitor/ouvinte o contrário do que diz, contradizendo ou mesmo invectivando, de algum modo, a si próprio ou ao outro. A análise de tais construções revelou que “só que não” desempenha, nas porções textuais em que figura, o papel de gatilho para oposição das ideias apresentadas; ao passo que “só que sim” indica reiteração do pensamento expresso nos textos e “só que nunca” pode indicar, além de oposição, uma forte recategorização dos fatos propostos.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Linguagem Virtual. Mesclagem Conceptual. Gramática de Construções. Ironia.

ABSTRACT

GERVASIO, Tharlles Lopes. *Constructions “#SóQueNão”, “#SóQueSim” and “#SóQueNunca” in the light of Cognitive Linguistics*. 2016. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

In this work, the constructions “só que não”, “só que sim” e “só que nunca”, applied to the discourse as indicative expressions of opposition or, in some cases, reiteration, accompanied by a certain nuance of irony are analyzed. Such constructions are analyzed in light of the Construction Grammar (GOLDBERG, 1995) and Conceptual Blending (FAUCONNIER; TURNER, 2002). The data were extracted from the widely used social network *Facebook*, by noted high frequency of use of these constructions in its posts, mainly in the form of the hashtag “#sóqueX” in which the element X is figured by the adverbs “não”, “sim” or “nunca”. As they are constructions syntactically and semantically similar in their basic meaning, this research seeks to show that the extensions of meaning which carry the irony – understood according to Coulson (2001; 2005) – are provided pragmatically, from the context of use of these expressions. The irony is a linguistic resource widely used in a range of writing texts and especially in the oral texts. It is useful to mention that when using this resource, the writer / speaker intends to tell the reader / listener the opposite of what he says, contradicting or even inveighing, somehow, against himself or others. The analysis of these constructs revealed that “só que não” plays the role of a trigger that highlights the opposition of the ideas presented, whereas “só que sim” indicates reiteration of the thought expressed in the text and “só que nunca” may indicate, in addition to opposition, a strong re-categorization of the proposed facts.

Keywords: Cognitive Linguistics. Virtual Language. Conceptual Blending. Construction Grammar. Irony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	<i>Link</i> de identidade entre a pessoa deslumbrante e sua contraposição	21
Figura 2 –	Processo de mesclagem conceptual	25
Figura 3 –	<i>Print</i> para exemplificação da tela de um usuário do <i>Facebook</i>	45
Figura 4 –	<i>Print</i> para exemplificação do caso 1	51
Figura 5 –	<i>Print</i> para exemplificação do caso 2	51
Figura 6 –	<i>Print</i> para exemplificação do caso 3	52
Figura 7 –	Mesclagem para o <i>post</i> (10)	61
Figura 8 –	Mesclagem para o <i>post</i> (11)	64
Figura 9 –	Mesclagem para o <i>post</i> (12)	67
Figura 10 –	Mesclagem para o <i>post</i> (13)	70
Figura 11 –	Mesclagem para o <i>post</i> (14)	73
Figura 12 –	Mesclagem para o <i>post</i> (15)	76
Figura 13 –	Mesclagem para o <i>post</i> (16)	80
Figura 14 –	Mesclagem para o <i>post</i> (17)	83
Figura 15 –	Mesclagem para o <i>post</i> (18)	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Disposição dos tipos de construções básicas de estrutura argumental	18
Tabela 2 –	Quantitativo geral das construções “(#)SQX” coletadas no <i>Facebook</i>	53
Tabela 3 –	Quantitativo geral de tipo de “(#)SQX” por categorias de postagem	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CMC – Conversação Mediada por Computador
- GC – Gramática de Construções
- GT - Gramática Tradicional
- LC - Linguística Cognitiva
- MC – Mesclagem Conceptual
- NGB - Nomenclatura Gramatical Brasileira
- TEM – Teoria dos Espaços Mentais

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1	A Linguística Cognitiva: Conceitos Fundamentais	14
1.2	A Gramática de Construções do ponto de vista de Goldberg (1995)	17
1.3	Teoria dos Espaços Mentais	20
1.4	Mesclagem Conceptual	23
1.5	A relação entre a Mesclagem Conceptual e a Ironia	30
2	A LINGUAGEM VIRTUAL E O <i>FACEBOOK</i>	34
2.1	O “internetês”: generalidades	34
2.2	O uso da linguagem virtual enquanto marca de estilo	37
2.3	A questão dos gêneros no âmbito digital	39
2.4	O gênero virtual <i>Facebook</i>	42
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	49
3.1	Composição e caracterização do <i>corpus</i>	49
3.2	Mecanismos de análise	53
4	CONSTRUÇÕES #SQX E MESCLAGEM CONCEPTUAL	58
4.1	#SóQueNão (ou #SQN)	59
4.1.1	<u>Grupo 1: Postagens de autopromoção/ lúdicas</u>	59
4.1.2	<u>Grupo 2: Postagens de crônicas/ depoimentos/ de interesse geral/ informativas/ propagandas</u>	62
4.1.3	<u>Grupo 3: Postagens de conscientização social/ cunho moral/ opinião</u>	65

4.2	#SóQueSim (ou #SQS)	68
4.2.1	<u>Grupo 1: Postagens de autopromoção/ lúdicas</u>	68
4.2.2	<u>Grupo 2: Postagens de crônicas/ depoimentos/ de interesse geral/ informativas/ propagandas</u>	71
4.2.3	<u>Grupo 3: Postagens de conscientização social/ cunho moral/ opinião</u>	74
4.3	#SóQueNunca (ou SQNc)	77
4.3.1	<u>Grupo 1: Postagens de autopromoção/ lúdicas</u>	77
4.3.2	<u>Grupo 2: Postagens de crônicas/ depoimentos/ de interesse geral/ informativas/ propagandas</u>	81
4.3.3	<u>Grupo 3: Postagens de conscientização social/ cunho moral/ opinião</u>	83
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXO	96

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, pretendemos analisar as construções “#SóQueNão”, “#SóQueSim” e “#SóQueNunca”, por nós sintetizadas como construções “#SQX” em postagens extraídas da rede social de grande difusão global *Facebook*. Essas construções, as quais se fazem tipicamente presentes em textos informais, são muito utilizadas pelos internautas e servem para indicar, sobretudo, um traço irônico nos *posts* em que figuram.

Para a real compreensão das extensões de sentido dessas construções que muito se aproximam da modalidade oral de uso da língua, optamos por selecionar publicações que apresentavam o emprego das construções nos mais variados contextos discursivos. Escolhemos, ainda, contextos os quais permitissem que o leitor do texto lançasse mão de seu conhecimento de mundo ao máximo e fosse capaz de ativar os devidos armazenamentos de sua memória como usuário da língua, para que houvesse, assim, a devida apreensão do papel semântico-pragmático desempenhado pelas construções.

Nosso objetivo consiste em evidenciar o papel desempenhado por essas construções como gatilho para expressão de ironia e/ou humor em postagens do *Facebook*. Para tal, em razão do caráter interacional desse tipo de comunicação, consideramos os *posts* atos de fala que exprimem o ponto de vista dos usuários dessa rede social sobre os mais diversos assuntos. Nesse cenário comunicativo, as construções “#SQX” ativam enquadres para conceptualização dos pontos de vistas defendidos.

Este estudo se baseia em assunções basilares da Linguística Cognitiva. Nosso entendimento do termo “construção” estabelece-se de acordo com a visão apresentada na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), da mesma forma que fazemos uso dos pressupostos teóricos que regem a Mesclagem Conceptual, proposta por Fauconnier e Turner (2002). Para melhor compreensão do caráter irônico do nosso objeto de estudo, ancoramos nosso estudo de acordo com o que postula Coulson (2001; 2005) a respeito da ironia.

A análise proposta, neste estudo, está estruturada da seguinte forma: no capítulo 1, apresentamos um panorama geral da Linguística Cognitiva enquanto corrente teórica, trazendo à baila, sobretudo, os conceitos empregados em nossa análise. No segundo capítulo, também de caráter teórico, tecemos uma breve discussão a respeito da linguagem utilizada no âmbito cibernético, bem como a respeito das características pertinentes à mídia digital *Facebook*.

No terceiro capítulo, demonstramos os pilares metodológicos, tais como composição e caracterização do *corpus* e mecanismos de análise, os quais balizam nosso estudo. No quarto capítulo, considerando que os *posts* levantados podem ser compreendidos como atos de fala (AUSTIN, 1990; SEARLE, 1991), trazemos uma análise descritivo-interpretativa de caráter qualitativo dos dados selecionados (todos os *posts* levantados encontram-se no Anexo), bem como as mesclas para as conceptualizações propostas. Por fim, no último capítulo, estabelecemos considerações finais a respeito do nosso trabalho.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos da Linguística Cognitiva, sobre os quais fundamentamos teoricamente nossas análises, a saber: considerações gerais sobre a Linguística Cognitiva (1.1); a visão goldbergiana sobre construções (1.2); a Teoria dos Espaços Mentais (1.3); a questão das mesclas conceptuais (1.4) e, por fim, a associação entre a mescla e a ironia (1.5).

1.1 Linguística Cognitiva: Conceitos Fundamentais

Na década de 60, a expressão “linguística cognitiva” já era bastante utilizada no âmbito dos estudos linguísticos. Contudo, é nos anos 80 que o termo ganhou maior destaque ao ser adotado por estudiosos como Langacker, Talmy, Fillmore, Lakoff e Fauconnier.

Embora esses autores considerassem a ideia de que o fazer linguístico fosse uma propagação de algo que primeiramente se desse na mente, sentiram-se motivados a procurar uma linha teórica que relacionasse sintaxe e semântica, sobretudo, no que tange à forma e ao sentido. Foram justamente as inquietações desses experientes pesquisadores que lançaram as bases do que viria a ser chamado Semântica Cognitiva.

A Linguística Cognitiva (LC) encara uma concepção de língua sob uma ótica não modular, na qual não há uma dissociação dos princípios atuantes na linguagem de outras habilidades balizadas na cognição, tal como a união entre língua e conceptualizações. Assim, na LC, o sentido não é tido como reflexo do real, tal como se acredita em abordagens formais. Pelo contrário, na LC, o significado é tido como algo construído por meio da experiência do humano com o mundo a sua volta.

Para a LC, portanto, a forma linguística reflete capacidades cognitivas em geral - e não somente linguísticas -, tais como a habilidade de categorizar e estabelecer relações de analogias entre domínios. É com essa assunção que a LC passa a ser encarada como um movimento teórico coeso, conquistando novos adeptos.

Como afirma Fauconnier (1997, p. 1), “a linguagem é a ponta visível do *iceberg* da construção invisível do significado”, ou seja, as palavras não portam em si a totalidade do

significado. Fauconnier (1994), ao afirmar, também, que a “linguagem não carrega o sentido, mas o norteia”, fez dessa máxima uma das premissas basilares da LC.

Uma hipótese bastante cara à LC, portanto, é a noção de que a linguagem não é um sistema autônomo, mas sim um meio de gerenciamento, processamento e propagação de conteúdo semântico-pragmático. Nessa teoria, fala-se muito em conhecimento de dicionário e conhecimento enciclopédico. O primeiro diz respeito ao sentido portado pelos termos, ao passo que o segundo se refere ao conhecimento experienciado na vivência no mundo. A LC acredita que o conhecimento do dicionário constitui parte do conhecimento enciclopédico, visto que, de acordo com essa teoria, as palavras interagem com o mundo por meio da cognição.

Na LC, o sentido é algo construído na mente. Esse sentido passa por constantes categorizações e recategorizações a partir do contato do usuário da língua com o mundo exterior e seus aspectos. O uso da língua gera, assim, inovações (cf. LANGACKER, 1999).

Entre os princípios fundantes da LC, encontramos a concepção de que a língua reflete princípios que se dão na cognição. Há, nesse sentido, uma continuidade entre a cognição humana e a linguagem, uma vez que essa é compreendida como uma reação da experiência humana, sobretudo, a corporificada com a realidade que o cerca.

Consoante Lakoff e Johnson (1999), a LC está balizada nas impactantes premissas de que conceitos abstratos são construídos através de metáforas; o raciocínio é, mormente, inconsciente e a mente é, em sua essência, corporificada. Lakoff e Johnson (1999) asseveram, ainda, que, devido às experiências corpóreas de cada ser, todo e qualquer indivíduo vivo é capaz de categorizar. Entre os seres, o que interfere é o nível de sensibilidade e capacidade que cada um possui para a manipulação de objetos.

Desse modo, compreendemos que categorias são formadas tendo como ponto de partida a experiência e são agrupadas em protótipos, em que se torna possível a realização de associações imaginativas balizadas no ato de categorizar. Daí, surgem os chamados “esquemas imagéticos” (*image schemas*), que podem ser compreendidos, segundo Croft e Cruse (2004, p. 45), como versões esquemáticas de imagens, isto é, padrões esquemáticos os quais partem de domínios imagéticos – tais como “contâiner, trajetória, ligações, força e equilíbrio” (cf. LANGACKER, 1987) – e que estruturam a experiência balizada no corpo.

Assim sendo, toda conceitualização humana é elaborada por um esquema imagético. Isso acaba por reafirmar a ideia proposta pela ciência cognitiva de que os conceitos humanos e a memória passam pela corporificação.

A respeito disso, Lakoff e Johnson (1999, p. 34) afirmam, como já ressaltado aqui, que a nossa percepção de mundo passa pela nossa orientação corpórea. Desse modo, ao afirmarem que o comunicar tem como base o mesmo sistema de conceitos utilizados na formação do nosso raciocínio e dos nossos atos, os autores citados alegam que “nossos corpos delimitam um conjunto de orientações espaciais que utilizamos não somente na nossa própria orientação, mas na percepção do relacionamento de um objeto com o outro”.

Vale ressaltar, ainda, que, embora nos fins dos anos 70, a LC tenha ganhado peso como posição linguística, nunca se caracterizou como uma teoria unificada da linguagem. Isso significa dizer que a LC é, portanto, um “arquipélago”, como assevera Geeraerts (2006, p. 2), por conglomerar, em seu interior, diversas abordagens que coincidem entre si em suas assunções fundamentais.

Ressaltemos, pois, que Geeraerts (2006, p. 3) atenta para a questão de que é necessária uma distinção clara entre *Linguística Cognitiva* – grafada com letra maiúscula –, nossa base teórica, e *linguística cognitiva* – grafada com letra minúscula –, a qual se refere a todas as abordagens em que línguas naturais são estudadas como um fenômeno mental. O pesquisador reitera sua observação afirmando que a LC é, porém, um campo de pesquisa linguística existente dentro do campo da linguística cognitiva.

O que traz a especificidade da LC no campo da linguística cognitiva enquanto ciência e como um modelo que em muito se afasta de abordagens formais são, basicamente, quatro pilares (GEERAERTS, 2006, p. 4 – 6):

- 1) “O significado linguístico é perspectivico”, isto é, o sentido não é apenas um reflexo objetivo do mundo, mas também uma forma de moldar o mundo.
- 2) “O significado linguístico é dinâmico e flexível”. Isso ocorre devido ao fato de que, apesar do sentido ter relação com o moldar do mundo externo, nós temos que lidar com as modificações ocorrentes no mundo.
- 3) “O significado linguístico é enciclopédico e não-autônomo”, ou seja, nós construímos o sentido na língua e por meio dela. Esse sentido não é um módulo desvinculado da mente; mas sim uma resposta de toda nossa prática como ser humano.
- 4) “O significado linguístico é baseado no uso e na experiência”. A experiência linguística é uma experimentação de real uso da linguagem. Assim, a LC preconiza

um modelo de gramática centrada no uso, isto é, uma gramática emergente do uso real da língua e que considera aspectos discursivo-pragmáticos atuantes na interação.

Nesses modelos centrados no uso, é na dimensão simbólica de uma língua que encontramos sua essência, justamente porque sua estrutura linguística é originária do uso (cf. TOMASELLO, 2003). Em outras palavras, essa abordagem exalta o posicionamento de que a apreensão de estruturas linguísticas tem associação com seu uso real.

Sinteticamente, a LC põe em xeque o caráter arbitrário da análise formalista para significado dos termos, ressaltando, ao contrário, que não é cabível olhar para a forma de algo e ditar seu significado. Em outros termos, a LC problematiza a impossibilidade de se ter uma semântica desvinculada de um contexto pragmático.

Para a análise do nosso fenômeno, as construções “(#) só que sim”, “(#) só que não” e “(#) só que nunca”, as quais sintetizamos sob a forma da construção “(#) SQX”, tomamos como necessárias a compreensão da Gramática de Construções (GC), da Teoria dos Espaços Mentais (TEM) e da Mesclagem Conceptual (MC).

1.2 A Gramática de Construções do ponto de vista de Goldberg (1995)

Na literatura linguística, muito tem se falado em construções (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY, 1993; GOLDBERG, 1995, 2006; KAY, 1997; CROFT, 2001, 2006). Contudo, foi com Goldberg (1995) e sua “Gramática de Construções”, na qual a autora realiza um estudo de sentenças simples em língua inglesa, que a temática do estudo das construções ganhou maior repercussão no âmbito da LC.

Goldberg (1995) constatou, por meio de sua pesquisa que, ao constituírem um pareamento entre forma e significado, sentenças desde as simples até as mais complexas evidenciam unidades simbólicas baseadas na troca entre forma e significado, ou seja, essas sentenças instanciam construções.

A obra representa, como elucidada a própria autora (cf. GOLDBERG, 1995, p. 2), um esforço para retornar as construções para o seu devido lugar, argumentando que deveriam ser encaradas como entidades teóricas. A autora acresce, ainda, que devemos reconhecer as construções como sendo essenciais para descrição linguística.

Construções são compreendidas como unidades básicas da linguagem. Padrões frasais são considerados construções desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir de propriedades de suas partes componentes ou a partir de outras construções reconhecidas (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Posto isso, sinteticamente, uma construção constitui um pareamento entre forma e significado, isto é, um esquema que associa forma e função, constituindo-se parte do conhecimento que possuímos a respeito da língua. Em outros termos, construções portam em si a capacidade de exprimir cenas básicas, relativas à experiência do homem no mundo – não promovendo, nessa perspectiva, diferenciação entre léxico e gramática (cf. GOLDBERG, 1995).

Tomando construções como unidades básicas da língua, Goldberg (1995, p. 5) enumera construções básicas de estrutura argumental, as quais organizamos, com finalidade didática, na Tabela (1).

Tabela 1 – Disposição dos tipos de construções básicas de estrutura argumental

TIPO DE CONSTRUÇÃO	SENTIDO BÁSICO	CONFIGURAÇÃO SINTÁTICA
1. Bitransitivas	X CAUSAR Y RECEBER Z	Sujeito – verbo – objeto ₁ – objeto ₂
2. Movimento Causado	X CAUSAR Y MUDAR Z	Sujeito – verbo – objeto - oblíquo
3. Resultativa	X CAUSAR Y TORNAR-SE Z	Sujeito – verbo – objeto – Xcomp.
4. Movimento Intransitivo	X MOVER Y	Sujeito – verbo – oblíquo
5. Conativa	X DIGIRIR AÇÃO PARA Y	Sujeito – verbo – oblíquo _{para}

Fonte: Goldberg, 1995.

Podemos, mais especificamente, compreender a existência de diferentes construções pelo corolário:

C é uma construção se C é um par forma-sentido < Fi, Si > de modo que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não seja estritamente predizível do conhecimento de outras construções previamente estabelecidas.

Sob o enfoque da GC, em síntese, a gramática de uma língua não é composta por um conjunto de regras que se aplicam sobre itens lexicais, mas, muito além, na perspectiva da GC, a gramática é uma rede composta por pareamentos convencionalizados de forma e sentido. Isto é, de estruturas gramaticais cujas propriedades não são estritamente predizíveis do conhecimento de outras construções já presentes no repertório gramatical.

Além de desenvolver a abordagem construcional para cláusulas elementares com *slots* abertos a serem preenchidos, a definição de construção e os princípios postulados por Goldberg (1995) permitem a descrição de pareamentos de forma-sentido para construções fechadas, como é o caso de *só que não*, *só que sim*, *só que nunca*. Em termos formais, consideramos tais construções fechadas em razão de seu caráter quase cristalizado, visto que apenas o elemento circunstancial após o *que* é substituído, conforme o tipo de ironia a ser expresso.

Como essas três expressões, empregadas para expressar ironia, em termos sintáticos, apresentam estrutura semelhante, acreditamos que a diferença entre tais construções pode ser embasada por uma versão branda do primeiro corolário do princípio da não-sinonímia de Goldberg (1995, p. 67), segundo o qual se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, devem apresentar diferenças pragmáticas¹. Conforme será abordado adiante na análise dessas construções, embora as três sejam gatilhos para ironia e/ou humor, cada uma desempenha papéis distintos em termos da intenção quanto ao teor da ironia.

¹ *Princípio da não-sinonímia*: se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta (GOLDBERG, 1995, p. 67).

1.3 Teoria dos Espaços Mentais

Entre os pressupostos teóricos da LC, vale destacarmos, nesse ponto, a “Teoria dos Espaços Mentais” (TEM), cuja ideia fundante, segundo Fauconnier (1994) é de que espaços mentais surgem de acordo com o desenvolvimento do discurso.

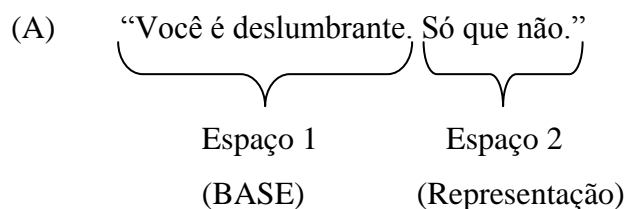
Espaços são, na realidade, domínios (*mappings*) conceituais. Esses domínios portam em si representações mentais que possibilitam à estrutura cognitiva interação com a estrutura gramatical. Assim, há o estabelecimento da projeção de elementos que se relacionam em diferentes domínios.

Há um espaço denominado “Base”, o qual comporta em seu interior a interação comunicativa. É partindo, em geral, do espaço “Base” que outros espaços são configurados, a fim de que novas informações emergentes do contexto comunicativo sejam alojadas.

Como apontam Croft e Cruse (2006, p. 34), entre o espaço base e qualquer espaço construído, deve existir um mapeamento dos elementos encontrados em cada espaço. Isso porque muitos fenômenos semântico-pragmáticos intrigantes são frutos de possíveis mapeamentos entre espaços mentais.

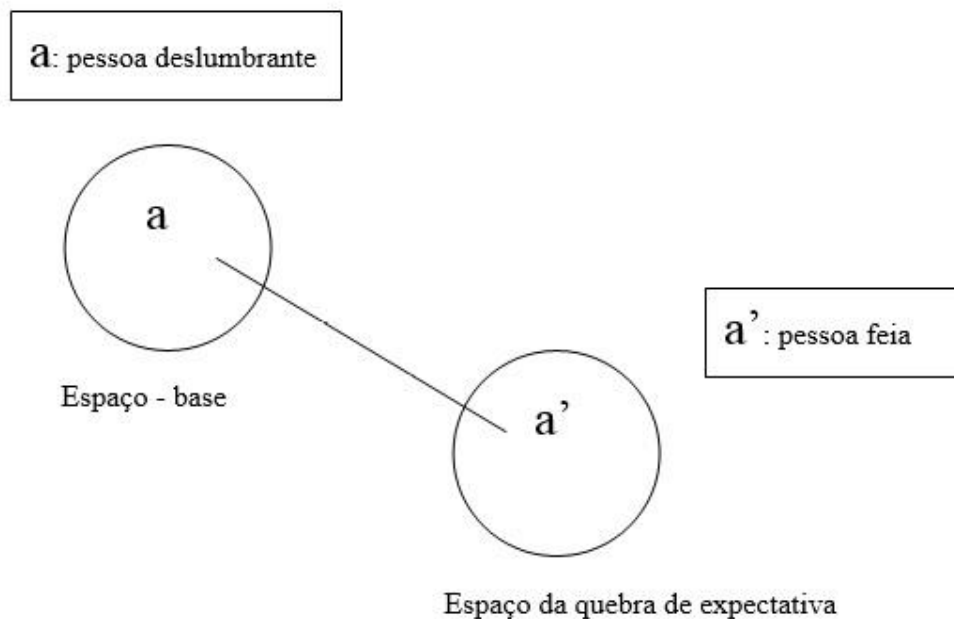
Os espaços mentais são construídos por meio de indicadores linguísticos, os quais são denominados “construtores de espaços mentais” (*space builders*). Esses construtores de espaços são, na verdade, mecanismos existentes na língua que, ao serem utilizados, abrem um novo espaço mental ou promovem deslocamento da cena para um espaço que já existe. Entre os construtores de espaço mental, podem figurar sintagmas preposicionais, morfemas modo-temporais, conectivos, anguladores, advérbios ou até mesmo orações temporais e condicionais (cf. FAUCCONNIER, 1997).

Nas construções “(#)SQX” – em que “X” representa os advérbios “sim”, “não” ou “nunca” –, acreditamos que é justamente o advérbio de afirmação ou negação, parte constituinte dessa construção que promove o deslocamento da crença de algo dito na primeira parte do período ou mesmo dito no contexto para a construção de espaço mental de contrafactualidade/ oposição, como observamos no exemplo (A), representado na Figura 1.



Essa relação de identidade está representada na figura 1:

Figura 1 – *Link* de identidade entre a pessoa deslumbrante e sua contraposição



Fonte: O autor, 2016.

(analogia a uma pessoa feia, compreendida, pragmaticamente, por meio do construtor de espaço mental “só que não”).

Modelos formais, baseados em uma observação composicional que não disponibilizam ferramentas adequadas de descrição, encontrariam dificuldades no momento de análise dessas construções, visto que, nelas, parece haver uma espécie de manobra linguística que quebra a expectativa do interlocutor ou mesmo gera contradição.

Por outro lado, o período torna-se aceitável e explicável do ponto de vista linguístico, se considerarmos que há, nas sentenças, uma questão de correspondência analógica. Isso se dá pelo fato de que a pessoa que está implícita em “só que não” é uma representação da pessoa que foi considerada pelo locutor como “deslumbrante”.

Podemos afirmar, então, que a realização de uma análise sintático-semântica sem que se considere a organização externa do sistema linguístico é, praticamente, impossível, visto que o sentido promovido pela combinação das sentenças “Você é deslumbrante” e “Só que

não”, reside justamente num conteúdo extralinguístico de conhecimento dos interlocutores a respeito de algo que, em muitos casos, precede o momento de fala.

Esse fato muito nos chamou atenção e, ao observarmos o constante emprego dessas construções introdutoras de contrafactualidade nos sites de relacionamento, percebemos que, neles e, mais especificamente, em suas *hashtags*, a expressão vinha atrelada inseparavelmente do “não”, “sim” ou “nunca” – como em *#sóqueX* – podendo tais fatos imprimir ironia ao discurso, ganhando, pois, nesses contextos, autonomia discursiva.

Assim, na TEM, os espaços constituem domínios conceituais locais que torna possível a fragmentação da informação e disponibiliza, ainda, outras bases para que referências sejam promovidas.

Sinteticamente, na TEM, intenta-se observar o que há na origem das representações que se dão na mente e o que as conduz à conexão com outras de maneira tal que um elemento pertencente a um domínio (base, fonte, gatilho) pode ser utilizado para acessar outro elemento pertencente a outro domínio cognitivo (meta, alvo) (cf. FAUCONNIER; SWEETSER, 1996).

O que deve ser ressaltado na TEM é que termos e construções evocam *frames* (enquadres) semânticos, podendo construir, ainda, espaços ou, no mínimo, o espaço base, donde partirão outros espaços.

Segundo Fauconnier e Sweetser (1996, p. 8), a TEM fornece um modelo que une cognição e semântica. Essa teoria esclarece uma série de problemas linguísticos, uma vez que traz para observação gramatical, por exemplo, questões balizadas na compreensão humana de mundo.

Assim, o trabalho proposto em Fauconnier (1997), trouxe à baila um modo de estudo da língua que preconizasse a ligação entre conexões cognitivas e línguas em uso real, considerando, portanto, noções de projeções metafóricas, organização de quadros, figura e fundo, além de um *background* cognitivo-social e pragmaticamente estabelecido.

Ademais, há, na TEM, uma preocupação em relacionar essas representações mentais ao processamento de uso da língua. Desse modo, concordamos com Bronzato (2000, p. 52), quando a autora afirma que a gramática é “a conexão visível entre um estágio cognitivo aparentemente misterioso e um comportamento particular e identificável do ser humano”.

Em síntese, compreendemos que a TEM (FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996; FAUCONNIER; TURNER, 2002; SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009) converge com o proposto pela Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), uma vez que admite a ideia de que uma das funções da língua é fazer com que o homem crie

construções apropriadas aos contextos de uso, tendo como ponto de partida um número básico de estrutura gramatical.

1.4 Mesclagem Conceptual

Com o passar do tempo, a TEM recebe como avanço a “Mesclagem Conceptual” (MC), fenômeno que entendemos como uma operação mental elementar que determina a construção do sentido (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Como exposto neste capítulo, o sistema de conceituação do ser humano possui grande potencial simbólico, o qual, por sua vez, incide sobre a construção dos sentidos. De acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 6), isso se deve a três operações consideradas básicas e que possuem relação entre si, os três Is da mente humana, a saber: *identidade*, *integração* e *imaginação*.

Ser capaz de notar o que pode ser equiparado ou oposto entre as coisas e ter sensibilidade para observar sua **identidade**, com o propósito de promover relações entre elas ou cerceá-las, é fruto de uma operação complexa e elaborada que se dá na mente do indivíduo. Não é algo que se encontra apoiado em um ponto inicial primitivo de modo cognitivo, neurobiológico e evolucionário, já que perceber relações identitárias está no campo de um processo muito mais elaborado de **integração** de conceitos. Esse processo, como apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 6), é repleto de propriedades estruturais e dinâmicas e, ainda, restrições operacionais, trabalhando, contudo, rapidamente, sem ser percebido no plano de fundo do cognitivo.

Ademais, identidade e integração não são capazes de explicar o sentido e seu desenvolvimento na mente humana sem que se lance mão da **imaginação**. Mesmo em caso de falta de estimulação externa, o cérebro consegue elaborar simulações imaginativas, tais como fantasias, cenários, histórias ou sonhos. Em contrapartida, os processos imaginativos que identificamos nesses casos complexos de elaboração do pensamento se fazem presentes inclusive na mais simples construção de sentido, uma vez que os resultados do processo de mesclagem conceptual são sempre imaginativos e criativos.

A conceptualização é, mormente, concebida por meio do processo de mesclagem conceptual de espaços mentais interligados, abertos, de maneira dinâmica, ao acionamento de rotinas cognitivas. Essas rotinas corroboram para o processamento e apreensão de tudo o que acontece no mundo.

Os espaços mentais são produtos da elaboração *online* da fala e do pensamento ou, como dissertam Fauconnier e Turner (2002, p. 40), “espaços mentais são pequenos pacotes construídos durante o nosso falar e pensar²”. São construtos que possuem como suporte *frames* e modelos cognitivos idealizados (MCIs).

Esses últimos dizem respeito, segundo Lakoff (1987, p. 68), a um complexo conjunto estruturado de representações do conhecimento que pode ser organizado de vários modos. Aqueles, os quais, por sua vez, assim como os MCIs, no que tange ao modo como se ligam a organizações complexas do conhecimento, podem ser compreendidos, segundo Fillmore (2006, p. 373), como “qualquer sistema de conceitos relacionados de modo que, para compreender qualquer um deles, deve-se entender toda a estrutura na qual se enquadram³”.

Assim, a mesclagem conceptual é uma atividade mental básica e de característica imaginativa, proveniente de uma conexão de espaços mentais em forma de rede, tendo como formação mínima o envolvimento da projeção de quatro espaços pelos menos (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 40 - 44):

- **Projeção entre domínios (espaços iniciais de entrada)** – projeção parcial dos espaços-*input* 1 e 2 interconectados.
- **Espaço genérico (esquema genérico)** – um espaço mental genérico projeta a organização e a estruturação abstrata em comum entre os *inputs*, isto é, a estrutura partilhada pelos domínios em qualquer momento do desenvolvimento da rede de mesclagem conceptual.
- **Espaço-mescla** – espaço em que os elementos dos espaços iniciais de entrada (*input*) são, em parte, projetados.
- **Estrutura emergente** – o espaço-mescla, resultado dessa projeção parcial, apresenta uma estrutura emergente própria, com uma configuração divergente das existentes nos *inputs*.

² “Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action”.

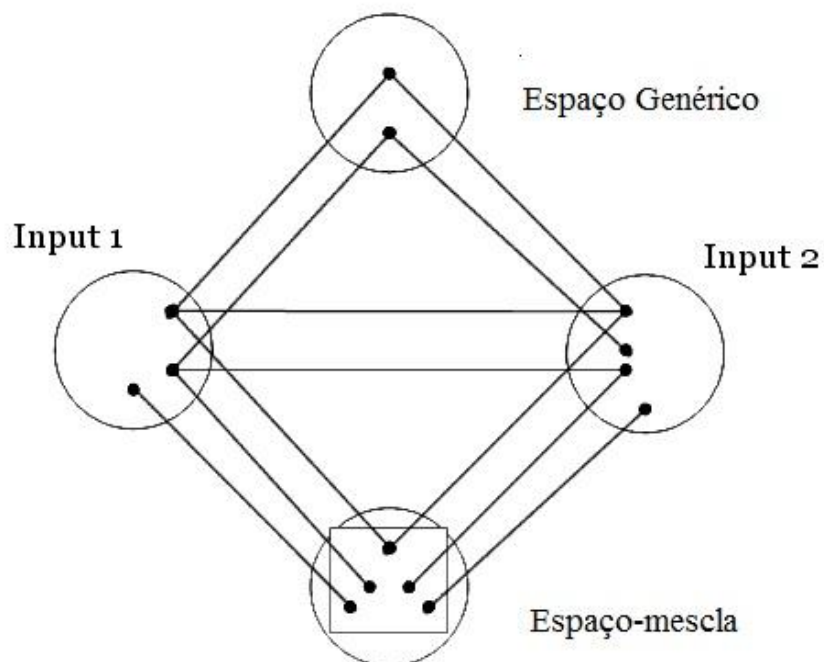
³ “(...) any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”.

A estrutura emergente pode ser arquitetada por meio de três processos:

- 1) *Composição* – os elementos projetados dos *inputs* componentes do espaço-mescla concebem novas relações que se tornam disponíveis e que não existiam separadamente nos domínios antecedentes à integração.
- 2) *Completamento* – *frames*, modelos cognitivos idealizados, conhecimentos prévios e esquemas culturais ainda não ativados nos *inputs* podem ser requeridos pela nova formação de elementos no espaço-mescla.
- 3) *Elaboração* – devido à instauração da nova lógica, torna-se possível a existência de processos cognitivos com desempenho, isto é, com novas etapas de trabalho cognitivo no bojo da mescla.

A Figura 2 constitui uma representação geral do processo de mesclagem conceptual.

Figura 2 – Processo de mesclagem conceptual



Fonte: Fauconnier; Turner, 2002.

Inspirada pelos trabalhos de Fauconnier (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), Pina (2006, p. 293) compreende a MC como uma

operação cognitiva básica do homem, que governa uma parte da criatividade (produção de novos *links*, novas configurações e novos significados e conceitos correspondentes) e que depende dos mapeamentos cognitivos entre os espaços mentais.

Desse modo, entendemos, tal como observamos em Fauconnier (1997), que primordiais para a mesclagem (*blending*) ou integração são a projeção, em parte, dos *inputs*, o mapeamento entre domínios, o espaço genérico, a mescla de entidades ou eventos e a estrutura emergente. Conforme apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 92), não estabelecemos espaços mentais, conexões e mesclas por acaso. Pelo contrário, agimos dessa forma porque essas operações nos propiciam um *insight* global, um entendimento em escala humana e, ainda, uma nova significação, fazendo-nos eficientes e criativos.

Para os autores, a *compressão* alcançada por meio da mescla entre relações conceptuais, as quais são denominadas *relações vitais*, constitui um dos traços mais importantes de nossa eficiência, *insight* e criatividade. Fauconnier e Turner (2002, p. 92 – 101) apontam algumas das *relações vitais* normalmente encontradas nas compressões dos processos de integração conceptual, a saber⁴:

- (i) **Tempo** – como os eventos são temporalmente situados, o tempo pode funcionar como uma relação vital que conecta dois (ou mais) eventos nos espaços de entrada. Na mescla, a relação vital entre esses espaços externos é comprimida, tornando simultâneos eventos distantes no tempo. Toda a trajetória da vida de uma pessoa pode representada por fatos marcantes, como nascimento, formação escolar, casamento, nascimento de filhos, por meio da compressão do tempo de tudo que aconteceu entre um fato e outro.
- (ii) **Espaço** – relação vital muito semelhante ao TEMPO, no sentido de que os espaços costumam ser comprimidos na mescla. Um exemplo de compressão de espaço seria a comunicação por videoconferência que coloca os participantes numa mesma sala, apesar se encontrarem fisicamente em locais distintos.

⁴ Resumo das relações vitais escrito por Bernardo em texto de projeto de pesquisa (2013).

- (iii) **Representação** – relação vital que relaciona uma entidade ou evento a outra entidade ou evento que representa, mas pode ser de um tipo diferente. Por exemplo, um professor de física que tenta explicar o sistema solar a uma turma de crianças do ensino médio, usando bolas de ping-pong coloridas para representar o Sol e os planetas em torno do Sol.

Na mescla, a bola de ping-pong amarela pode ser o Sol. A relação entre os espaços externos de *input* com o Sol e com a bola que o representa precisa ser comprimida, originando uma relação vital de UNICIDADE/SINGULARIDADE no espaço mescla (interior), que fornece uma maneira de compreender duas entidades distintas como uma mesma entidade individual na mescla. Isso mostra como uma relação vital entre espaços externos (neste caso, REPRESENTAÇÃO) pode dar origem a uma relação vital intra-espacial diferente na mescla (neste caso, a UNICIDADE/SINGULARIDADE).

- (iv) **Mudança** – responsável pela conexão de um elemento em outro, ou um par de elementos em outro, a relação vital de MUDANÇA entre os espaços externos de *input* também pode ser comprimida intra-espacialmente numa relação de UNICIDADE. Em “O patinho feio tornou-se um belo cisne”, a MUDANÇA, que ocorre ao longo do tempo, é comprimida de forma que um patinho feio e um belo cisne são entendidos como uma mesma entidade.

- (v) **Papel-valor** – relação vital que liga os papéis aos seus valores. A compressão PAPEL-VALOR, relação entre espaços externos, também resulta em UNICIDADE/SINGULARIDADE na mescla. Por exemplo, a relação entre o papel RAINHA e o valor ELIZABETH II pode ser comprimida na mescla, resultando em UNICIDADE, em uma única entidade, que pode ser referida como RAINHA ELIZABETH II.

- (vi) **Analogia** – relação vital estabelecida pela compressão PAPEL-VALOR. Na frase “A cidade de Brighton é a coisa mais próxima que o Reino Unido tem com São Francisco”, existem duas mesclas pré-existentes em funcionamento ligadas a duas redes de integração distintas. Uma mescla contém o papel CIDADE e o valor BRIGHTON, a outra mescla contém o papel CIDADE e o valor SÃO FRANCISCO. Ambas as mesclas são estruturadas pelo *frame* que relaciona uma cidade cosmopolitana e liberal ao mar. A compressão das relações vitais de papel e valor através dessas duas mesclas de redes integração diferentes estabelece a ANALOGIA entre BRIGHTON e SÃO FRANCISCO.

Assim, a ANALOGIA é uma relação vital entre espaços externos mantida entre duas mesclas de diferentes redes de integração. Essas mesmas mesclas servem como entradas para uma terceira rede de integração. Na analogia, a nova mescla é comprimida por IDENTIDADE. BRIGHTON e SÃO FRANCISCO podem ser descritas como "análogas", porque compartilham identidade na mescla.

Em “*My Doom* é o último de uma série de vírus de computador de grande escala disseminado quando se abre um anexo de e-mail”, é ilustrada outra maneira com que a relação por ANALOGIA entre espaços externos pode ser comprimida: o conceito de vírus de computador consiste em uma mescla convencional que resulta de dois espaços iniciais PROGRAMA DE COMPUTADOR DESTRUTIVO e VÍRUS BIOLÓGICO. A relação por ANALOGIA dos espaços externos entre PROGRAMA DE COMPUTADOR DESTRUTIVO e VÍRUS BIOLÓGICO é comprimida em uma relação CATEGORIA na mescla. A relação de categoria é do tipo “A é um B”: PROGRAMA DE COMPUTADOR DESTRUTIVO é um VÍRUS.

- (vii) **Desanalogia** – a relação entre espaços externos por DESANALOGIA pode ser comprimida no espaço interior como uma relação por MUDANÇA. Essa pode então ser comprimida em UNICIDADE/SINGULARIDADE na mescla. A frase “Meus impostos ficam maiores a cada ano” refere-se a uma mescla de uma série de impostos distintos e desanálogos (diferentes). Como resultado da mescla, a relação entre espaços por DESANALOGIA é comprimida em MUDANÇA: na mescla, as diferenças entre as contas individuais recebidas em cada ano são entendidas em termos da MUDANÇA como resultado dos aumentos anuais.

Essa relação no espaço interno pode ser ainda mais comprimida em UNICIDADE: na mescla, há um imposto único que continua a mudar e aumentar. Isso mostra como as relações de espaço interior também podem sofrer compressão ("redução") nas relações vitais, facilitando ainda mais o processo de alcance de uma escala humana para compreensão.

- (viii) **Parte-todo** – A frase “Essa é Jane Silva” representa uma metonímia PARTE-TODO expressa por alguém ao olhar para uma fotografia do rosto de uma mulher, porque o falante identifica a pessoa inteira pelo seu rosto. Conceber a metonímia em termos de uma mescla propicia um quadro mais claro de como a metonímia está funcionando. Metonímias como essas são compostas por dois espaços de *input*: JANE SILVA e seu ROSTO. Uma relação vital PARTE-TODO estabelece esses elementos como contrapartes dos dois espaços de *input*. Na mescla, a relação PARTE-TODO é comprimida em SINGULARIDADE.

- (ix) **Causa e efeito** – um exemplo dessa relação, segundo Fauconnier & Turner (2002), é a distinção entre toras de madeiras queimando na lareira e um monte de cinzas. Esses dois elementos são ligados em uma rede de integração por meio da relação CAUSA-EFEITO entre os espaços externos, que conecta a queima da madeira (a CAUSA) com o monte de cinzas (o EFEITO). A relação CAUSA-EFEITO normalmente é “empacotada”/atua em conjunto com a relação vital de TEMPO, que sofre dimensionamento, e de MUDANÇA, comprimida em UNICIDADE/SINGULARIDADE. Por exemplo, imaginar que um falante aponta para as cinzas e profere a frase “Aquela madeira demorou muito tempo para queimar” resulta em uma mescla construída por meio da compressão do TEMPO para a queima, reduzindo as toras e as cinzas em uma única entidade.

A relação CAUSA-EFEITO também pode ser comprimida numa relação vital PROPRIEDADE. Por exemplo, uma consequência do uso de um casaco é que o usuário se matém aquecido. Entretanto, quando se descreve um casaco como “quente”, como na expressão *um casaco quente*, há uma compressão entre a CAUSA de vestir o casaco e o EFEITO de ser quente. Na realidade, o casaco em si não é quente, mas, na mescla, essa relação vital é comprimida em PROPRIEDADE do casaco.

- (x) **Intencionalidade** – relações vitais ligadas à esperança, ao desejo, à vontade, ao medo, à crença, à lembrança e a outras atitudes mentais e disposições direcionadas a/pela essência das pessoas. Tanto ações e sentimentos dos falantes, quanto ações e sentimentos do ouvinte são guiados e interpretados pelas intenções atribuídas a cada situação. A frase “Ele morreu de câncer” carrega uma intenção diferente da frase “O câncer o levou”.

Embora, consoante Fauconnier e Turner (2002, p. 102), as *relações vitais* estejam associadas ao retratar do nosso cotidiano, são muito menos estáticas e unitárias do que podemos cogitar. Isso porque a mesclagem conceptual as comprime e descomprime de maneira contínua, criando, assim, sentidos emergentes.

1.5 A relação entre a Mesclagem Conceptual e a Ironia

De acordo com Fauconnier e Turner (2006, p. 306 - 307), embora se discuta que a mesclagem seja uma operação cognitiva básica, devemos levar em consideração que ela opera em muitos tipos de casos diferentes. Desse modo, segundo os autores citados, a mesclagem é uma operação que incide sobre redes de integração conceituais, ou seja, recai sobre redes que envolvem muitos espaços mentais.

Por ter um caráter processual dinâmico e que pode ocorrer repetidamente em algumas redes, a mesclagem pode se dar em diversos desses locais. Devemos ressaltar, pois, que o modelo de rede tem relação com o processamento *online* decorrente da interação, isto é, tem relação com a dinâmica cognitiva dos usuários da língua com a finalidade de construir significados que atendam a propósitos contextuais (FAUCCONNIER; TURNER, 2006, p. 312).

Durante o nosso levantamento de dados, pudemos também perceber que o usuário das construções “SÓ QUE X” intentava – sutilmente ou não – esboçar em seu texto o caráter irônico. Quanto ao recurso linguístico da ironia, para Neves (2006, p. 81),

a ironia opera uma atividade cognitiva diferente da negação direta, tanto na sua estruturação – o irônico tem função comunicativa, é marcadamente informativo, não envolve escala interpretativa, gera sempre uma implicatura, viola a requisição da informatividade, detona uma operação de processamento duplo –, quanto nos seus efeitos de sentido – por exemplo, enquanto a ironia é uma estratégia de polidez, a negação direta é um ato ameaçador da face. Além disso, a ironia é recurso mais complexo do que a negação explícita e espraia seus objetivos a pontos inatingíveis para a forma de negar diretamente (pelo menos, de forma tão econômica).

Neves (2006, p. 81) afirma que a ironia é resultado do processamento cognitivo da mesclagem. Associaremos, portanto, para uma mais ampla compreensão dos dados em análise, as ideias de “construção” e “mesclagem conceptual”, a fim de que possamos constatar a ironia impressa no discurso por meio de nosso objeto de estudo.

Neves (2006) ainda assevera que, nos contextos em que se apresenta a ironia, não deve haver a utilização de “negação direta” – do tipo “não”, “nunca”, “jamais” etc –, visto que “a construção gramatical da ironia quebra o cânone (a construção gramatical habitual) por não usar marcador de negação explícito” (Neves, 2006, p. 83), contrapondo-se ao que notamos, a seguir, em (1). Contudo, nossa análise, a qual não está balizada na consideração de itens

desvinculados de um contexto, mas em construções advindas da língua em uso, possibilita-nos, justamente, no caso da expressão irônica “#sóquenão” apresentada em (1), compreender que o operador de negação *não*, que aparece, em termos gráficos, em uma construção paralela ao contexto matriz iniciado pelo verso da canção de Rosana é, tanto para a construção quanto para o contexto em que se insere, de função essencial, a fim de que ocorra o caráter opositivo e irônico, como se atesta em (1):

(1) Como uma deeeeeeeeeeeusaaaaaaa, você me mantééééééééém~~
 Estava procurando uma foto antiga e acabei encontrando quilos de imagens desse
 tipo nos meus arquivos.
 haushuhs

(07/2014)

Primeiramente, vale citar que o texto extraído de uma página no *Facebook* está localizado abaixo de uma foto em que uma mulher, aparentando ter por volta de 35 anos, com peruca loira, luvas pretas, maiô de couro e máscara de mulher-gato posa não com cara de sensual, sádica – como sugeriria a indumentária –, mas sim sorridente, demonstrando divertimento por vestir a fantasia. Isso acaba sendo uma quebra de paradigma que chama a atenção do interlocutor. Em termos cognitivos, há, aí, um deslocamento de frame (*frame shifting*) ou reenquadre, o que já corrobora para a formação de uma nova leitura do texto.

Quanto ao aspecto verbal, repleto de intertextualidade, podemos constatar diversos traços da escrita cibernética. Logo no início, é-nos apresentada a sequência *Como uma deeeeeeeeeeeusaaaaaaa, você me mantééééééééém*, numa alusão à canção *O amor e o poder*, sucesso dos anos 80 da MPB, interpretado pela cantora Rosana, o que sugere, portanto, uma analogia entre a vestimenta de mulher fatal e a soberania de uma deusa. No verso da canção, observamos, ainda, o alongamento do ditongo “eu” e do traço indicativo de palavra feminina “a” no substantivo “deusa”. Esses alongamentos foram usados intencionalmente para indicar, na escrita, a sonoridade e a expressividade com que a cantora a cantava em suas apresentações.

O verso comentado é, na verdade, um prenúncio da comicidade que vai se desenrolar com os demais elementos do *post*⁵. Após, observamos que o autor, no caso uma mulher, ao mencionar que procurava por fotos antigas, diz que encontrou *quilos de imagens* onde se nota

⁵ Termo, em inglês, amplamente utilizado nas redes sociais, equivalente à “postagem, publicação”.

a presença do substantivo partitivo de medida exata “quilo” – ao contrário, por exemplo, do partitivo de medida inexata “porção” – seguido da preposição “de”, antecedendo o substantivo “imagens” com a intenção de demonstrar exagero.

Em seguida, observamos uma repetição aleatória de letras indicadora do riso – *haushuahs* –, acompanhada de várias *hashtags*, dentre elas as *#souumadiva* *#sóquenão* para evidenciar mais ainda que a postagem se tratava de algo cômico, uma vez que esta última nega a ideia da anterior na qual a mulher se denomina “diva”. Por meio do exemplo dado, sentimo-nos inclinados a compreender que, entre os elementos aqui listados – tanto verbais quanto não-verbais –, o elemento caracterizador e norteador da leitura irônica da publicação foi a construção gramatical *sóquenão*. Isso porque o seu uso no contexto abrigou diferentes enquadres (*frames*) de uma mesma cena e MCIs (Modelos Cognitivos Idealizados).

Isso nos leva a crer, portanto, que, por meio do exemplo dado, a ironia é resultado do processamento cognitivo da “mesclagem” (*blending*). “Mesclagem – ou integração – conceptual (*conceptual blending*)” é um trabalho mental que estaria associado à nossa habilidade para formulação de novos sentidos.

Nessa operação haveria, então, a projeção parcial entre dois espaços mentais, os quais, por sua vez, possibilitariam uma correspondência entre elementos análogos (cf. FAUCONNIER, 1997; COULSON, 2001; FAUCONNIER; TURNER, 2002), tal como visto em (1). O que devemos considerar é que, no contexto discursivo permeado de linguagem irônica, como asservera Coulson (2005, p. 8), “o ouvinte é confrontado com uma mescla a qual deve se desempacotar em dois espaços: um espaço de reação esperada e um espaço de gatilho contrafactual⁶”. Sobre as expressões irônicas, Coulson (2005, p. 3) disserta que:

Declarações sarcásticas são relevantes porque lembram o ouvinte de uma declaração anterior, ou norma compartilhada que rege expectativas. Além disso, essa menção ecóica sustenta que a função comunicativa de um discurso irônico é transmitir a atitude do falante para a declaração ou norma que está sendo ecoada⁷ (COULSON, 2005, p. 3).

⁶“(…) the listener is confronted with a blend that she must unpack into two input spaces: an expected reaction space and a counterfactual trigger space”.

⁷“Sarcastic utterances are relevant because they remind the listener of an earlier statement, or shared norm that governs expectations. Moreover, echoic mention theory holds that the communicative function of a sarcastic utterance is to convey the speaker’s attitude towards the statement or norm that is being echoed”.

Desse modo, segundo Coulson (2005), as expressões que indicam ironia são importantes pelo fato de evocarem na mente do ouvinte uma asserção prévia ou uma regra compartilhada capaz de cercear expectativas manifestas no momento da elocução. Isso faz com que reflexo da atitude do enunciador ou da regra compartilhada, a função comunicativa central do discurso irônico.

Assim, por meio de (1), justificamos mais uma vez nossa escolha pela MC, por compreendermos que ela é um trabalho mental que estaria associado à nossa habilidade para formulação de novos sentidos. Nessa operação, como explicitado, haveria a projeção parcial entre dois espaços mentais, os quais, por sua vez, possibilitariam uma correspondência entre elementos análogos (cf. FAUCONNIER, 1997, COULSON, 2001, FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Ressaltemos, pois, aqui, que, no momento de análise do nosso *corpus*, optamos por lidar com a Mesclagem Conceptual (MC) em detrimento da TEM. Essa escolha se justifica pelo fato de que nossos dados apresentam, em grande parte dos casos, associação de texto e imagem, o que acaba por sugerir a necessidade de uma abordagem teórica multimodal para que haja elaborada apreensão dos sentidos neles presentes.

Croft e Cruse (2006, p. 39), tomando por base a discussão elaborada em Fauconnier e Turner (2002) de que a mesclagem é um processo no qual o espaço mapeado permeia o racional humano, observam que, no trabalho mais recente dos autores, eles parecem ter distanciado um pouco a MC da TEM. Isso porque, para Croft e Cruse (2006, p. 39), mudou-se o foco de como enunciados evocam não apenas enquadres semânticos, mas ainda evocam outros espaços representativos do nosso conhecimento e de como esse conhecimento pode transitar entre esses espaços, para o foco de como a informação emergente de dois espaços constituídos para incluir domínios é combinada, a fim de que se dê a produção de estruturas conceptuais inovadoras e singulares.

Aspectos teóricos específicos, não tratados nesse capítulo, serão explicitados ao longo do capítulo referente à análise de dados do presente trabalho.

2 A LINGUAGEM VIRTUAL E O FACEBOOK

Este capítulo, dividido em quatro partes, se caracteriza como um panorama geral sobre o que tem sido discutido por alguns estudiosos a respeito da linguagem utilizada na internet, bem como o estilo de escrita dos internautas; e, ainda, sobre a questão dos gêneros emergentes no âmbito digital, sobretudo, a mídia eletrônica *Facebook*.

2.1 O “internetês”: generalidades

A internet permite que encontremos textos que se aproximam da linguagem falada por ser aberta a todas as gerações e, sobretudo, por promover uma interatividade que ultrapassa as barreiras de diferentes classes sociais e econômicas. Acrescentemos, ainda, como assevera Ferrari (2012, p. 07), que, com a mídia eletrônica, mesmo a informação “perde sua característica unívoca, de relação um para um, para transformar-se em dado com múltiplos significados e leituras”.

Nesse espaço de múltiplas vozes, onde tudo se torna famigerado muito rapidamente, temos visto, a cada instante, o eclodir de novas formas de expressão que tentam dar conta do estilo daquele que se lança na vida virtual. Vemos não só uma concatenação de gêneros textuais que se sobrepõem e se completam, como também o aparecimento de textos que necessitam de imagens para ter seu sentido completo e *vice-versa*.

Desse modo, o espaço cibernético parece requisitar inovações que ultrapassam os limites da tecnologia e esbarram em questões sintático-semânticas e, também, discursivo-pragmáticas, influenciando muito na forma como usuários da língua passam a vê-la e vivenciá-la. Um exemplo bastante claro são as redes sociais, ambientes virtuais nos quais observamos que o gramatical se mistura ao agramatical e ambos, com frequência, se misturam ao situacional.

A internet, por conseguinte, tem sido grande propagadora de novas formas de expressão na linguagem por todo o mundo devido a sua fluidez. Algumas palavras são abreviadas sem que se sigam padrões; letras e símbolos são mesclados e, por meio de tudo isso, falares – nem sempre compreensíveis num primeiro instante – são construídos e geram

novas significações, as quais podem se renovar em função de um dado contexto. A essas novas formas de expressão, grafia, ou neologismos que aparecem na rede, portanto, deu-se o nome de “internetês”, sintetizado por Rajagopalan (2013, p. 40) da seguinte forma:

Para alguns estudiosos de internet, o internetês é nada mais que uma forma de transmitir mensagens, utilizando escrita reduzida e “truncada” que imita a modalidade da fala. E, por conseguinte, eles entendem que os efeitos do internetês são, em larga medida, nocivos à norma culta e prejudiciais à juventude, que, uma vez “viciada” no novo linguajar da moda, fica impedida com eficiência as regras da escrita culta.

Como pudemos observar na citação mencionada, o modo de expressão utilizado por muitos nos meios virtuais parece ser, ainda, para algumas pessoas, tema de estigma. Entretanto, notamos que, no interior da *web*, essa comunicação “truncada”, isto é, privada de algumas de suas partes essenciais e responsável por possíveis vícios na escrita culta nem sempre é vista de forma rechaçada, como considera a ótica tradicionalista da língua.

Assim, o internetês, apontado por Rajagopalan (2013, p. 37) como a “linguagem ou linguajar que os internautas estão espalhando pelo mundo”, ainda gera muito debate, sobretudo, na Academia e divide opiniões. Para alguns estudiosos mais puristas da linguagem, esse modo de manifestação da língua faria sentido apenas em ambiente virtual e não haveria nem mesmo uma remota possibilidade, fora do seu meio de propagação, isto é, a *web*, de afetar o uso da língua tida como padrão em sua totalidade (cf. CIPRO NETO, 2009). Talvez, esse pensamento seja o mais confortável para os mais tradicionais, os quais ainda julgam como precária a comunicação em que se lança mão do uso internetês, pois, para eles, essa forma de utilização da língua estaria pondo em risco, além do conteúdo da mensagem, a linguagem padrão.

Algo a ser considerado, com efeito, é que, se por um lado escrita canônica já possibilita múltiplas intepretações; por outro, a escrita virtual, por ser menos monitorada, torna-se ainda mais passível a ambiguidades. Isso se deve ao fato de que, na escrita proposta na virtualidade, devido à rapidez tão característica desse meio, os sentidos também passam a ser produzidos pelos interactantes de modo bem similar à oralidade.

Mencionemos, porém, que, embora por vezes truncado, o internetês tem como diferença o seu aspecto bastante fluido. Podemos considerá-lo uma linguagem em constante construção, se levamos em consideração que muitas alterações têm ocorrido na língua

inclusive por meio dos ambientes virtuais. O internetês, na realidade, é fruto da criatividade dos usuários da língua na *world wide web*⁸. Não se constitui como língua artificial como o “esperanto”, que possui um criador, mas real como português, inglês ou francês.

Posto isso, na internet, esse “linguajar” é, então, aceito, bem-vindo e até faz parte da formação do riso, da ironia ou coopera para a construção da imagem daqueles usuários que procuram se mostrar legais, divertidos e ganhar “curtidas” ou “seguidores” das mais variadas partes. Na linguagem virtual, estar afeito às regras gramaticais nem sempre significa escrever bem. Na *web*, escrever bem representa, verdadeiramente, alcançar a aderência do interlocutor às teses propostas por meio dos efeitos de sentido que se intenta produzir.

O internetês consiste, assim, em uma espécie de código linguístico aberto a receber mudanças provenientes da interação de seus usuários, os quais, muitas vezes, por não terem disponíveis recursos prosódicos ou expressivos próprios da fala, inovam com esses usos na escrita.

Seguramente, os novos meios eletrônicos não estão atingindo a estrutura da língua, daí que sua interface com a linguística não se dá precisamente no que toca aos aspectos nucleares do sistema, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Mas estão atingindo o aspecto nuclear do **uso** pela manifestação mais importante que é o **texto**. São novas formas de textualização que surgem e devem ser analisadas com cuidado, em especial quanto aos processos de condução tópica, produção de sentido e relações interpessoais. (MARCUSCHI, 2010, p. 79)

Assim sendo, a linguagem da internet é utilizada muitas vezes para dar conta de intenções comunicativas emergentes no momento da interação entre seus usuários. Ela não pode ser considerada um jargão utilizado com a finalidade de excluir pessoas ou fazer inacessível um discurso como muitos puristas preferem acreditar e difundir.

Para Crystal (2005), o advento da internet permite a existência de uma revolução na linguagem sem afetar as formas previamente atuantes na língua. Trata-se de uma comunicação distinta da fala até mesmo em termos de troca de informações e apreensões de sentidos. O texto escrito no papel acaba, de certa forma, se tornando imutável; ao passo que o texto virtual abre espaço para variações a cada busca feita na *web*.

Reduções, faltas de acentuação gráfica, ausência de letras maiúsculas em inícios de sentenças ou mesmo erros ortográficos não são tomados, na escrita cibernética, como

⁸ Também “web” ou, simplesmente, “www”, significando, em português, “rede de alcance mundial”.

inabilidade do autor. Na escrita internetiana, então, esses tão considerados erros de escrita pela normatividade, são “perdoados”, visto que são frutos de um processo escrito sagaz e frugal. Tais usos têm, ainda, a possibilidade de serem efêmeros, uma vez que podem surgir objetivando atender necessidades momentâneas para o estabelecimento ou a manutenção da comunicação.

O uso do internetês, dessa maneira, faz-nos perceber, tal como já observou Crystal (2001, p. 170) a respeito da linguagem utilizada nos *chats*, que a nossa língua é muito versátil entre os interactantes, sobretudo os mais jovens. Isso nos faz constatar que o uso funcional da língua na internet muito se afasta das proposições feitas pelos manuais gramaticais. Assim, vemos uma ação mais fluida, menos monitorada ou revisada, estando mais sujeita a erros ortográficos e discrepâncias sintáticas.

Contudo, temos de admitir que essa discussão não deveria ser voltada apenas para a questão do internetês, mas para a própria oposição linguagem oral X linguagem escrita como um todo. Nas redes sociais, temos, então, uma interação estabelecida por meio de um hibridismo linguístico, em um cruzamento da modalidade oral com a escrita, possível razão pela qual o cânone tome tal uso como forma depreciativa da linguagem (cf. SOUZA; DEPS, 2007).

Muitas vezes, esse uso linguístico cibernético chega a refletir a celeridade do processamento cognitivo *online*, ou seja, em um *status* natural da produção, da elaboração da linguagem na mente. Logo, isso pode elucidar, ainda, cognitivamente, para os interlocutores das mensagens um traço estilístico, isto é, uma expressão pessoal do autor da mensagem escrita na qual o internetês é aplicado.

2.2 O uso da linguagem virtual enquanto marca de estilo

As redes sociais trouxeram muitas inovações para o bojo da comunicação por meio de computador. Os *sites* de relacionamento concatenam pessoas das mais diversas classes sociais em perfis criados por elas mesmas na virtualidade, a fim de espriarem, na *web*, seus interesses, informações pessoais, fotos, vídeos, áudios e textos. Essa multimodalidade midiática no uso das redes sociais traz para esses perfis, em alguns casos, a atenção de pessoas com interesses semelhantes ou, em outros, totalmente distintos.

Na vida *cyber surge*, portanto, uma nova forma de se comunicar com o mundo, de imprimir em seu discurso o que estudiosos de diversas áreas chamam de seu próprio “estilo”. Quanto a esse último termo, Martins (2008, p. 18) postula que

(...) alguns só consideram o estilo na língua literária, outros o consideram nos diversos usos da língua; alguns relacionam o estilo ao autor, outros à obra, outros ainda ao leitor, que reage ao texto literário; alguns se concentram na forma da obra ou do enunciado, outros na totalidade forma-pensamento.

Nessa perspectiva, somos capazes de inferir que a noção de estilo ainda é algo confuso, podendo tal conceito encapsular as mais variadas definições. Contudo, consideraremos, no presente trabalho, a noção de “estilo” como uma forma de exprimir pensamentos, traços da subjetividade.

Consideramos “estilo” uma forma de apresentar marcas de expressividade no discurso em que a atividade do locutor – escritor, e por que não internauta? – promove, na prática discursiva, “efeitos não tão claramente interpretáveis quanto os sintáticos e semânticos, mas também não irrelevantes a ponto de não colaborarem para individualizar o discurso e, por ele, o locutor” (POSSENTI, 2008, p. 273).

Para expressão de seu estilo, uma nova seleção – o que o autor escolhe – é feita, em que novos elementos de ordem linguística e, na vida virtual, sobretudo, extralinguística se combinem, a fim de que novos sentidos no texto sejam concebidos. É importante ressaltar que há, na grande maioria dos casos, uma dependência de elementos que não pertencem ao sistema linguístico em si, visto que muitos textos publicados nas redes sociais da internet só podem ser compreendidos se tomarmos por base o contexto discursivo externo, onde aconteceram os fatos aos quais elas se referem.

Lembremos, também, que, no campo de estudos estilísticos, de acordo com Ullmann (1968, p. 158), considera-se que a seleção pode se dar de forma consciente ou inconsciente. Consciente quando, intencionalmente, representam aspectos estéticos de expressão; e inconsciente quando partem da experiência pessoal, por impulso, de modo automático, isto é, instintivamente. O autor mencionado comenta, também, que a seleção de um escritor está limitada pelos recursos expressivos na língua, os quais variam de acordo com a situação dada (ULLMANN, 1968, p. 168).

É-nos interessante, assim, ressaltar que, embora considerados transgressores da norma, como visto, por parte dos puristas, não se pode negar que os usuários da rede fazem escolhas

por reconhecerem – mesmo sem se darem conta disso – a língua como elemento portador de múltiplas possibilidades e veiculador de novas formas de expressão. Compreendidas, pelos mais tradicionais, como “gírias”, esses usos linguísticos emergentes da interação em ambiente digital têm se estabelecido e, em muitos casos, sido incorporadas ao léxico dos falantes da língua – internautas ou não – no cotidiano real.

Ao se apropriar dessas inovações na produção de seus discursos e impressão de sua marca estilística, o internauta corrobora para a ideia de que o estilo também pode, de certa forma, ser moldado por motivações sociais. No que tange a essas mudanças, Carvalho (1989, p. 26 - 27) assevera que a

língua se faz mediante mudanças que são manifestações de criatividade na linguagem. Mas estudar mudanças não consiste apenas em estudar alterações e desvios. As necessidades expressivas se renovam porque o homem não pensa e diz aquilo que se pensou e disse antes. Como a língua não é um *érgon*, um produto pronto e acabado, ela se faz continuamente, porém se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua.

A mudança começa a se desenvolver como deslocamento de uma norma. Ela se modifica sobretudo onde o sistema não corresponde às necessidades expressivas e comunicativas dos falantes.

Com base no exposto, compreendemos que uma língua é caracterizada como viva se houver nela a possibilidade de assimilação, em seu interior, de inovações advindas da interação entre seus usuários de elementos tais como as gírias. Desse modo, pelo que se delinea, o uso do internetês enquanto marca de estilo – ou não – tem impactado a vida do usuário da internet em diversos aspectos. Observamos seus “vestígios” tanto no próprio domínio virtual quanto fora dele, pois, assim como na vida real, não se pode mensurar, na “vida virtual”, o nascimento de novas expressões – algo que contribui para comprovação de mutabilidade da língua.

2.3 A questão dos gêneros no âmbito digital

A temática dos gêneros textuais é bastante debatida no meio dos estudos linguísticos, não sendo, dessa forma, algo novo. Desde a década de 60, correntes como a Análise da

Conversação, Linguística Textual e Análise do Discurso buscam dar conta da compreensão dos gêneros já existentes e do surgimento de novos gêneros.

Variados são os gêneros textuais que surgiram no bojo da tecnologia digital. Vemos, assim, que a virtualidade trouxe inovações também no modo de se expressar e interagir entre os pares. Para muitos, os gêneros emergentes de contextos eletrônicos possuem similaridade com os gêneros da oralidade e da escrita. No entanto, como assevera Marchuschi (2010, p. 15), embora essa semelhança exista, os gêneros tidos como digitais causam, ainda, em sua maioria, grande impacto na linguagem utilizada para o estabelecimento da interação social. O autor (*op. cit.*, p. 21) aponta, também, para o fato de que os gêneros podem cercear um contexto comunicativo se não forem tomados como estrutura, mas como enquadres cognitivos.

Erickson (2000, p. 2), ao observar o comportamento dos gêneros em âmbito cibernético, afirma que um

gênero é um padrão de comunicação criado por uma combinação de forças individuais, sociais e técnicas implícitas em uma recorrente situação comunicativa. Um gênero estrutura a comunicação ao criar expectativas partilhadas a respeito da forma e do conteúdo da interação, amenizando, assim, a carga de produção e interpretação⁹.

Logo, embora os gêneros funcionem ainda com índices de organização social e cultural, eles atuam, como já comentado, em um contexto, encontram predominância em uma determinada conjuntura, mas não estão alheios a outros gêneros. A respeito da conexão da escrita com os gêneros eletrônicos, Marcuschi (2010, p. 78), então, afirma que:

(...) Nós sabemos que o tempo real é um dos fatores que dá à produção oral em situações autênticas uma característica peculiar. Por exemplo, autocorreções, hesitações, repetições, truncamentos, reinícios etc., que ficam na própria superfície do texto produzido. Isto pode ser observado na superfície dos textos produzidos nos bate-papos, mesmo de quem tem grande prática e velocidade na digitação. A preocupação com a correção não é grande, o automonitoramento diminui e é menos cobrado, mas pode existir.

⁹ “A genre is a patterning of communication created by a combination of the individual, social and technical forces implicit in a recurring communicative situation. A genre structures communication by creating shared expectations about the form and content of the interaction, thus easing the burden of production and interpretation”.

Consoante Marcuschi (2010, p. 78), podemos compreender que os gêneros eletrônicos têm feito propagar um novo formato de escrita a qual mantém relação extremamente próxima à oralidade. Razão disso pode residir no uso da linguagem escrita, porém em um processamento *online* semelhante a uma conversação informal, o que favorece as produções autênticas da linguagem nos dados contextos. Ressaltemos, pois, que a internet, se utilizada de modo apropriado, por seu caráter versátil e rápido, pode servir como forte instrumento para que se torne possível a comunicação entre as pessoas das mais diversas partes do mundo e classes sociais, até mesmo devido a sua ampla flexibilidade linguística.

O que muitos parecem não levar em consideração, na verdade, é que a *internet* abriu muitas portas para comunicação e possibilitou, ainda, uma profusão enorme de gêneros textuais. Sobre isso, balizando seus estudos na área da tecnologia de informações, Erickson (2000, p. 2) disserta que:

Um número de investigadores levantou a possibilidade de que a fluidez do meio digital, e o potencial para uma união mais estreita entre um gênero e sua comunidade discursiva vai acelerar bastante a evolução dos gêneros¹⁰.

No decorrer de seu estudo, Erickson (2000, p. 2 - 3) chama atenção de que algo também a ser levado em consideração quando se fala em gêneros digitais é o devido *status* da conversação e se essas podem, realmente, ser consideradas gêneros. O autor cita, ainda, o fato de que, para alguns autores, gêneros são modos bem estruturados do discurso e se detêm a documentos.

Essa concepção parece-nos contrária ao pensamento de Bakhtin (1997, p. 106), quando o autor diz que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo”. Em termos gerais, Bakhtin trata os gêneros do discurso como elementos sujeitos a atualizações ou modificações, mesmo porque se encontram inseridos em uma conjuntura social e histórica.

Desse modo, inferimos, pautados na breve revisão apresentada, que não há um consenso a respeito da definição de gêneros textuais. Por outro lado, devemos admitir que o âmbito digital é muito mais flexível e maleável que o discurso falado ou mesmo posto no

¹⁰ “A number of investigators have raised the possibility that the fluidity of the digital medium, and the potential for tighter coupling between a genre and its discourse community will greatly speed the evolution of genres”.

papel. Isso, de certo modo, acaba por gerar influência nos gêneros em sua totalidade e trazer o foco da atenção para o debate da questão dos gêneros digitais, os quais podem apresentar uma refacção constante no seu emanar discursivo.

2.4 O gênero virtual *Facebook*

A *web* vem ganhando volume e inovações a cada dia. Nesse ambiente eletrônico, como dissertado anteriormente, fala, escrita e imagem mesclam-se, compondo, nesses termos, gêneros próprios e de caráter multimodal. Isso pode ser observado no modo como se configura tal meio midiático. Nele, encontram-se associados textos, áudios, vídeos e imagens, além da sobreposição de hipertextos, *hyperlinks* ou mesmo propagandas que se espalham pela interface de uma página virtual. Como termo já dicionarizado, segundo Ferreira (2008, p. 296), o termo *internet* diz respeito a um:

Conjunto de redes de computadores ligadas entre si. Rede de computadores de âmbito mundial, descentralizada e de acesso público, cujos principais serviços oferecidos são o correio eletrônico e a Web.

Dessa forma, a internet interliga computadores, constituindo uma rede global e sistemática de comunicação. Sabemos que muito de seu sucesso se deve propriamente ao seu caráter multimodal. Segundo Erickson (1997; 2000), o ambiente virtual sugere a emergência de novos gêneros que dêem conta da interação *online*. Semelhantemente, Crystal (2001) também aponta para o fato da *internet* mesclar, por exemplo, novos e velhos gêneros.

Na interação nas redes sociais, muitas vezes, para ganhar a adesão do interlocutor no que é proposto, faz-se uso do que chamaremos de “textualização multimodal”, isto é, utilização dos múltiplos recursos disponíveis, tanto de escrita quanto semióticos, nas mídias digitais. Reside aí a razão de termos, em grande escala, uma junção de texto, imagem, som, *hashtags*, *emoticons*¹¹, tal como se tem no próprio *Facebook*, a título de exemplificação, em

¹¹ Os *emoticons* são elementos tipográficos que representam emoções ao que é curtido, comentado ou compartilhado. De acordo com Jablonka (2012, p. 130), *emoticons* é o “nome dado a uma sequência de caracteres tipográficos ou umas imagens simbólicas, que representam o rosto humano e expressam as emoções dos participantes no processo de comunicação”.

que podemos contemplar uma junção de diversos gêneros – ou subgêneros, se considerarmos o próprio *Facebook* um “macrogênero” – ali dispostos: *post*¹², comentários, *hiperlinks*, *chat*, propagandas, entre outros.

Foi por meio das grandes conexões promovidas pela internet e pela inovação de cunho multimodal da rede que se abriu espaço para a chamada “Conversação Mediada por Computador¹³” (CMC). Nesse tipo de interação, como salienta Herring (2013, p. 99), as mensagens são transmitidas em forma de blocos de informação, “sem que os destinatários possam ver o processo de digitação”. Acreditamos, tendo por base o estudo proposto em Erickson (2000) – a respeito do sistema denominado *Babble* – e Marcuschi (2010), que o *Facebook* é, na realidade, um eficaz sistema e ambiente para a CMC.

Erickson (2000, p. 4), ao analisar o já citado sistema de CMC denominado *Babble*, afirma que ele opera como uma “ecologia de gêneros”. Do mesmo modo, consideremos que o sistema *Facebook* também promove a formação de uma ecologia de gêneros, visto que, nele, há uma concatenação de diversos gêneros virtuais dispostos em sua interface, os quais objetivam atender uma gama de gostos de seus usuários e atrair novos adeptos.

Apesar de não constituir foco do nosso estudo, mas por termos nossos dados extraídos do *Facebook*, julgamos necessário dedicar parte de nosso trabalho ao conhecimento desse gênero textual. Essa rede social serve como um novo meio de uso da língua enquanto elemento de interação. Consideremos que, nela, embora o estabelecimento das relações se dê no ambiente virtual, as interações decorrentes disso são entre indivíduos reais, não constituindo, portanto, algo imaginário, irreal, tal como se pode depreender, por alguns, da acepção do termo “virtual”.

Uma das motivações para elaboração desse tópico no presente capítulo foi, então, tentar caracterizar em linhas gerais o *Facebook*, rede social que, com base nas leituras feitas, consideramos como um gênero digital. Nossa própria experiência enquanto usuário dessa mídia nos leva à compreensão de que são alguns recursos disponíveis no gênero em pauta e de grande difusão em outras redes sociais ou mesmo internet – tais como a utilização do símbolo da *hashtag* (#), *emoticons*, vídeos e fotos – que fazem com que um *post* se torne mais vivo e atrativo que outros.

¹² Traduzido, em português, como “postagem”. Nesse trabalho, por ser um termo a ser muito referido ao logo do texto, faremos uso ora do termo no original em inglês, ora em português.

¹³ Do inglês, *Computer-Mediated Communication*.

Vale mencionarmos que a interação pelo *Facebook* – por concatenar em si diversos gêneros digitais – pode ser estabelecida de modo tanto síncrono¹⁴ quanto assíncrono¹⁵, se levadas em conta todas as ferramentas disponíveis nesse sistema. Isso porque, como comentado anteriormente, há diversos gêneros disponíveis nessa mídia virtual, os quais, embora atuem de modos distintos para o bom funcionamento do sistema como um todo, são interdependentes. Exemplo disso se dá na relação *post* X comentário, em que não existe a possibilidade de se publicar um comentário sobre um assunto sem um *post* previamente elaborado.

Nas postagens do *Facebook*, caso os seus membros estejam conectados ao mesmo tempo, notamos uma defasagem mínima entre o *post* feito e o comentário emitido subsequentemente. Por vezes, temos uma impressão de que esses turnos conversacionais escritos promovidos na CMC estão em andamento, sem qualquer descompasso. É curioso observar que as postagens do *Facebook* podem estruturar diferentes tipos de conversação, que vão se encadeando umas as outras de acordo com os comentários/ respostas dadas pelos usuários do próprio sistema, as quais são bastante variadas, embora se dêem em um mesmo contexto tecnológico.

Consoante Carvalho e Kremer (2013, p. 80), tomando por base a pesquisa do *Ibope Nielsen Online*, do ano de 2011, o *Facebook* representa, na atualidade, o *site* de relacionamentos de maior uso no Brasil. A mesma pesquisa indicou, ainda, que 750 milhões de pessoas em todo o mundo utilizam a página citada. O *Facebook* possui uma interface de grande interação que facilita a comunicação entre seus adeptos, daí uma gama tão grande de usuários das mais diversas faixas etárias, gêneros e classes sociais. Lembremos, ainda, que, no início de sua divulgação no Brasil, algumas ferramentas da interface do *site* não possuíam versões em português, o que corroborou uma maior difusão e familiarização dos usuários de língua portuguesa com os termos em inglês.

A imagem abaixo, extraída por meio do *site Google Images* de uma página de humor, ilustra um “print” da interface de um usuário – embora fictício no caso abaixo – *online* do *Facebook*:

¹⁴ Também “sincrônico”. Diz-se, segundo Ferreira (2008, p. 450), de algo “que ocorre ao mesmo tempo”.

¹⁵ Segundo Ferreira (2008, p. 93), diz-se de algo “que não ocorre, ou não se processa, em sincronia com algum evento ou processo, ou segundo uma taxa constante em relação a determinada referência”.

Figura 3 – Print para exemplificação da tela de um usuário do Facebook



Fonte: Humor com bobagem, 2015.

Como se pode observar na figura apresentada, a rede social em pauta se diferencia de outras por seu aspecto visual robusto. Ela forma um espaço em que os interactantes podem apresentar sempre que quiserem, por meio de fotos, vídeos, texto ou, simplesmente, *emoticons*, seu estado de espírito e atividades do cotidiano.

Alguns dados do perfil de um usuário podem ser – além de visualizados – curtidos, comentados ou compartilhados, normalmente, apenas por amigos ou seguidores (*followers*) do dono do perfil. Já nas páginas ditas “públicas ou abertas ao público”, torna-se possível um espraiamento maior das postagens mais rapidamente, o que pode fazer do conteúdo dessa postagem algo incontrollável.

Interessante é que, na interação mediada por *Facebook*, os participantes ou, vulgarmente, “amigos do *face*”, caso queiram se engajar em determinado assunto abordado em alguma página do sistema, podem consultar as postagens anteriores que ficam disponibilizadas a um *click* de um recurso denominado *feed de notícias*.

É no item “mural”, uma das principais ferramentas da *timeline*, ou “linha do tempo” em português, que os integrantes dessa rede social expõem seus *posts*, os quais possuem as mais variadas temáticas. Normalmente, esses textos – ora escritos, ora imagéticos apenas –

vão desde saudações rotineiras como “bom dia, amigos do *face!*” ou fotos de um simples passeio a anúncios informativos de cunho político-social e de interesse geral.

Na *timeline*, o alerta de algo novo que foi postado é a visibilidade. A informação nova ganha, na ordem cronológica dos eventos postados pelos amigos usuários da rede, o *status* de primeiro plano, o que a torna mais visível e motiva a feitura de subseqüentes curtidas, comentários e compartilhamentos. Em geral, para que os comentários sejam feitos abaixo de uma postagem de uma *timeline* particular, faz-se necessário que laços sociais existam – ainda que minimamente – entre os interactantes, com o objetivo de que o estabelecimento da interação se torne possível.

Apesar de termos descrito diversos itens e ferramentas dispostas no Facebook, para nossos propósitos, focaremos nosso interesse no já brevemente comentado *post* – conhecido como “postagem” em português. Nele, um usuário pode fornecer para seus amigos virtuais uma nova informação escrita ou visual a respeito de uma opinião, pensamento ou nova atividade.

Os *posts* realizados no *Facebook* são das mais diversas ordens. Podem ser políticos, formais, informais, lúdicos, sarcásticos ou, ainda, informativos, os quais podem fazer com que algo simples e desconhecido ou não-intencional tome dimensões imensuráveis devido à fluidez do sistema virtual em pauta. Vale ressaltarmos também que as postagens informativas tendem a ser mais longas e a apresentar mais utilização dos recursos gráficos da língua, apresentando, assim, maior zelo na escolha dos termos como recursos de estilo.

Por outro lado, em postagens de caráter mais irônico, observamos um estilo de escrita que, embora, mormente literário, apresenta menor formalidade em termos contedústicos. Em outras palavras, constatamos uma menor preocupação com a pontuação e recursos gráficos, além do uso de recursos relativamente tidos como orais e marcadores discursivos como “aham”, “uhum”, “huuum” etc. Outro ponto observado é que as postagens irônicas tendem a ser, em termos de extensão, mais curtas que as demais.

Os *posts* e comentários aparecem no *Facebook* na seqüência temporal em que foram emitidos e geram, com isso, uma ideia de turnos conversacionais em produção. A linguagem presente nesses “turnos” é, em geral, informal e não monitorada, podendo receber imagens, *emoticons* ou mesmo vídeos. Quanto aos *posts*, no geral, não possuem limite de tamanho e nem número de caracteres a ser utilizados em sua elaboração.

É interessante comentar que os *posts* presentes na *timeline* funcionam como força motivadora para os comentários e ações posteriores por parte de seus leitores. As postagens funcionam, portanto, como estímulos discursivos que podem desencadear a atividade de

outros usuários do *Facebook*. Isso, na verdade, estimula a interação entre os usuários dessa mídia digital, uma vez que, ao curtirem, comentarem ou compartilharem um *post* inicialmente feito, contribuem para a vivacidade e dinamicidade dessa rede social.

Abaixo do *post* realizado, situam-se as opções já comentadas *like*, *comment* e *share*, traduzidas em língua portuguesa como, respectivamente, “curtir”, “comentar” e “compartilhar”. Para que um texto escrito ou visual seja acrescido à postagem, o amigo virtual deve se utilizar da ferramenta “comentário”, que, por vezes, acaba dando origem a novas postagens por parte de outros usuários, como forma de apoio ou debate do texto inicialmente elaborado e postado.

Em dados momentos, podemos perceber que o gênero *post* ou a própria escrita do *Facebook* em geral apresenta traços que se fazem presentes em textos pertencentes a gêneros mais formais de escrita. Todavia, encontramos, ainda, nesse novo modelo de escrita, um incremento de novos elementos ao corpo do texto, sobretudo daqueles elementos que mantêm estreita relação com a oralidade.

A escrita maiúscula, por exemplo, nos *posts* sugere que seu escritor está gritando ou xingando seu receptor. Por questões de decoro, esse tipo de utilização gráfica tem sido evitada. Isso nos faz perceber que, no contexto virtual, mesmo simples letras maiúsculas recebem uma nova função para além daquelas propostas pelos tradicionais manuais de regras ortográficas.

Acreditamos, ainda, tal como aponta Marcuschi (2010, p. 5), ao analisar a interação em *chats*, que, também no *Facebook*, existe uma relação mais hiperpessoal que interpessoal entre os pares. As participações em um *post*, por exemplo, muitas vezes, não são pautadas no indivíduo e suas relações de um para um. Pelo contrário, essas participações são pautadas em uma visualização coletiva do que foi postado, o que pode tornar isso algo fora do controle, divergindo, por conseguinte, de uma interação face a face. No *Facebook*, dessa maneira, as interações são personalizadas e não se dão, no geral, sob forma anônima. Quando isso acontece, têm-se os perfis denominados *fakes* ou falsos.

Sabemos que a escrita eletrônica, usualmente, apresenta uma aparência que muito faz rememorar os gêneros mais próximos da realidade oral, como é o caso da rede social *Twitter* por exemplo. Entretanto, o *Facebook* tem apresentado, em maior escala, uma escrita bem mais icônica e idiossincrática se comparado ao *Twitter*.

Para nosso trabalho, optamos por selecionar postagens que possuíssem uma gama de propósitos comunicativos e características ou traços estilísticos que sugerissem a utilização das construções “(#)SQX”. Sendo assim, nosso objetivo não é caracterizar a atividade de

elaboração do *post* enquanto gênero, mas fornecer, didaticamente, ao nosso leitor, o ambiente discursivo que utilizamos como *ground* para recolhimento das construções mencionadas, as quais constituem nosso objeto de análise.

Em síntese há, nesses termos, no *Facebook*, uma grande sobreposição de recursos semióticos e, em seus textos mais formais, notamos, como apontam Carvalho e Kremer (2013, p. 86), uma “relativização do rigor linguístico”, visto que os textos produzidos nas redes sociais têm se mostrado mais livres e fluidos. Observamos, ainda, que, mesmo com recursos imagéticos e sonoros distribuídos em todo seu sistema, existe, na rede social em pauta, uma preponderância da escrita em detrimento de qualquer outra modalidade discursiva.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como vimos explicitando ao longo do trabalho, temos como objetivo realizar uma pesquisa com vistas à investigação dos usos das construções “(#)SQX” em eventos comunicativos reais. O estudo dessas construções aplicadas aos mais variados contextos nos possibilitou a compreensão de sua função semântico-pragmática no discurso do *post*.

Nossa análise é de caráter, mormente, qualitativo, verificando empregos das construções “#SQX” em produções escritas, em uma perspectiva sincrônica. Este capítulo se constitui da apresentação dos procedimentos metodológicos aplicados não só no levantamento de dados e na formação do nosso *corpus*, como também na análise dos dados que integram esse *corpus*, registrado em sua totalidade no Anexo.

Desse modo, dividimos o presente capítulo em duas seções. Na primeira (3.1), discorreremos sobre a composição e caracterização do *corpus* de nossa observação. Apresentamos todos os estágios adotados para o alcance dos intentos da pesquisa. Já na segunda seção (3.2), arrolamos os mecanismos de análise adotados na presente pesquisa.

3.1 Composição e caracterização do *corpus*

Inicialmente, pensávamos, para a composição do nosso *corpus*, o qual se deu em uma perspectiva sincrônica, em recolher não apenas as ocorrências da construção “#SóQueNão (Só que não, separadamente)”, mas também em sua manifestação abreviada sob a forma da *hashtag* #SQN, em postagens de duas redes sociais, a saber, *Facebook* e *Twitter*. Optamos pelo gênero – ou subgênero – postagem, pois se trata de um texto de caráter variado em que o uso da construção mencionada se mostra costumeiro.

Começamos nossa coleta e análise piloto por meio de postagens publicadas, portanto, em páginas pessoais e coletivas em *www.facebook.com* e *twitter.com* durante três meses. Nossa procura se deu por meio das *hashtags*¹⁶ “#SóQueNão” ou “#SQN. Para tanto, fizemos uso dos espaços para buscas, disponíveis nos *sites* mencionados, e, ainda, o uso da ferramenta

¹⁶ Segundo informações disponíveis no *site* <http://portugues.uol.com.br>, o uso de *hashtags* serve para “indexar um tópico ou assunto nas redes sociais com o objetivo de permitir o acesso de todos a uma determinada discussão, já que, ao clicar nas *hashtags*, elas transformam-se em *hiperlinks* (hiperligação de um texto a outros documentos, resultando em um hipertexto).”

de fotografia – ou ferramenta de “printar” – da tela do computador, a qual entra em ação por meio da tecla *Print Screen SysRq*.

Contudo, durante o período de análise preliminar, constatamos que os dados provenientes do *Facebook* possuíam informação textual em termos de extensão e conteúdo mais robustos em comparação aos dados extraídos do *Twitter*. Em outros termos, os dados extraídos da primeira rede possuíam mais conteúdo informacional e um maior entorno discursivo no qual estava inserida a instanciação da construção quando comparados aos da segunda.

Acreditamos que uma possível razão para uma diferença tão brutal entre os dados extraídos das diferentes redes seja talvez a impossibilidade de criação de *posts* no *Twitter* com mais de 140 caracteres. Tal fato, portanto, não favoreceria o estabelecimento do contexto.

Assim, decidimos ater-nos a formar nosso *corpus* apenas com dados extraídos do *Facebook*. Outra razão que justifica nossa escolha é o maior número de recursos disponíveis nessa rede social, os quais já foram mais detalhadamente esmiuçados no capítulo 2, mais precisamente na seção 2.4, dedicada a esse gênero digital.

Antes de prosseguirmos para os mecanismos de análise, vale esclarecermos que, para constituição de nosso *corpus*, optamos por descartar alguns *posts* que, durante a pesquisa, apresentassem as construções “(#)SQX”, mas que não contribuiriam, futuramente, com nossas análises. Apresentamos os seguintes casos:

- 1) *Posts* com uma única linha de texto, em que um texto principal fosse apresentado por meio de vídeo. Exemplo:

Figura 4 – *Print* para exemplificação do caso 1



Fonte: Facebook, 2015.

(2) Olha o que vou levar no TCC segunda (hiperlink 1) (hiperlink 1) (hiperlink 1) kkkkkkkkkk

2) *Posts* em que o maior conteúdo informacional da mensagem fosse expresso por texto escrito no interior da imagem. Exemplo:

Figura 5 – *Print* para exemplificação do caso 2



Fonte: Facebook, 2015.

(3) Enciclopédia ambulante! Haha #SóQueNão

- 3) *Posts* confusos ou mal escritos, não favoráveis a possíveis descrições e interpretações ou que só se tornassem realmente compreensíveis com a visualização de outro recurso tal como vídeo. Exemplo:

Figura 6 – *Print* para exemplificação do caso 3



Fonte: Facebook, 2015.

- (4) Hashtag adoro TAGS! Hahaha Dessa vez uma tag desafio "50 perguntas em 5 minutos". Moleza ein? Será que consegui responder dentro dos 5 minutos? Será que respondi todas elas? Hmmmmm... Dá o play 📺 INSCREVAM-SE NO MEU CANAL | CURTAM | COMPARTILHEM | COMENTEM 📺 Beijos beijos

Excetuando os exemplos apresentados acima, nos quais os rostos dos usuários, seus nomes e imagens, quando “printados” da tela do *Facebook*, foram cobertos com o efeito *spray* para resguardar suas identidades e seus direitos de imagem, nos demais exemplos correntes no corpo da dissertação, por questões de discrição e uniformidade do texto, optamos por descrever as imagens subsequentes ao texto principal dos *posts*. No momento de descrição e interpretação, alteramos os nomes dos autores das postagemens.

Da mesma sorte, nosso intento inicial era obter um equilíbrio, em termos de quantidade de dados, para que pudéssemos realizar uma análise sincrônica de caráter qualitativo, com mais propriedade. Contudo, por meio da coleta de um número de 86 dados, percebemos que das construções “(#)SQX”, a mais produtiva de todas é a “(#)SQN”, conforme elencamos na Tabela (2).

Tabela 2 – Quantitativo geral das construções “(#)SQX” coletadas no *Facebook*

Tipo de Construção (#)SQX	(#)SóQueNão	(#)SóQueSim	(#)SóQueNunca	Total de Ocorrências
Número de Ocorrências	43	14	29	86

Fonte: O autor, 2016.

Embora o número de *posts* selecionados, como podemos aferir, seja diverso, essa opção metodológica não afetará nossa análise, uma vez que, como já mencionado, não constitui nosso propósito cotejar a ocorrência de uso de cada uma das construções no *Facebook*. Igualmente, consideramos satisfatório o quantitativo para os nossos objetivos.

3.2 Mecanismos de análise

Após termos encerrado o processo de levantamento e disposição dos dados, procedemos à análise desses elementos e à escrita, de fato, da dissertação. Com o objetivo de atestar hipóteses e encontrar recursos para fundamentar o que buscamos defender, realizamos um vasto levantamento de literatura linguística e, por meio disso, verificamos uma falta de instrumental teórico sobre o tema ainda não disponível na Academia.

Devido a isso, partindo da leitura dos materiais encontrados a respeito de outras construções existentes na linguagem que passamos a conceber o perfil das construções “(#)SQX”, com o propósito de justificar a expressão que a elas passamos a conferir – *construções – gatilho de sentido irônico*.

Vale ressaltar, também, que, como estamos ancorados nos fundamentos da LC e por sabermos que sua literatura é, em sua maior parte, composta por textos escritos em língua inglesa, elaboramos notas de rodapé com tradução fiel para os trechos apresentados. Diferentemente, não utilizamos o mesmo recurso nos casos em que a tradução se fundiu com versões para a língua portuguesa.

Desse modo, propomos, nesse estudo, uma análise descritivo-interpretativa dos dados com base no arcabouço teórico da LC, sobretudo no que tange à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995) e Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). No que se refere à interpretação dos dados, optamos pela compreensão do modo como incidem os tipos formados a partir da construção “(#)SQX” em contexto.

Consideramos o contexto uma atmosfera linguística largamente estabelecida, levando em consideração propriedades morfológicas, fonológicas, sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas, em concordância com o que apontam Traugott e Trousdale (2013). Acreditamos que a escolha pela análise das construções em contextos maiores facilitaria a compreensão do papel desempenhado pelas construções em seus âmbitos discursivos e o processo de mesclagem conceptual ali presentes. Desse modo, as construções “(#)SQX”, objeto de nosso estudo, serão analisadas de acordo com sua aplicação discursivo-pragmática dentro de dadas conjunturas.

Tomando por base o agrupamento proposto por Erickson (2000) a respeito dos usos do sistema de CMC *Babble*, o qual consideramos didático, dividiremos os *posts* do *Facebook* em geral como pertencentes a três grandes blocos. Esses agrupamentos foram organizados após análise preliminar dos dados, com leitura atenta dos *posts* aleatoriamente e por meio de nosso próprio *feeling* interpretativo como usuários dessa rede social. Vejamos, a seguir, os grupos, seus traços mais característicos e um exemplo de cada um dos *posts* – também extraídos do *Facebook* – agrupados, sem a presença das “(#)SQX”:

- **GRUPO 1: Postagens de autopromoção/ lúdicas** – são aquelas elaboradas com a finalidade de entretenimento, tais como cumprimentar alguém durante o dia, mostrar-se engraçado contando piadas etc. Exemplo:

(5) Os golfinhos brasileiros são mais inteligentes que os outros"...hehehe Qualquer semelhança com um slogan de uma marca de TV é mera coincidência. #piadinha. (08/ 2015)

- **GRUPO 2: Postagens de crônicas/ depoimentos/ de interesse geral/ informativas/ propagandas** – estão relacionadas às atividades do dia a dia, isto é, eventos ocorridos no cotidiano. Apresentam o predomínio de sequências tipológicas narrativas e/ou descritivas. Exemplo:

(6) Da educação infantil aos dias de hoje. Sim, 14 anos de amizade. E quanta coisa aconteceu durante esses anos, não é mesmo? Quantas situações... Olha, sinto saudade das coisas simples: "Eu Bato na porta e você fala!", " Você faz esse trabalho! Eu tô morto!", "Você só faz merda!", "Não Concordo com você!", "E a época do Guilherme, lembra?", " E o cara do MC Donald? Épico! " Magrela, quanta coisa nós vivemos juntos, fiquei perdido nas lembranças... Ah! E espero viver mais, lógico! Você é um presente de Deus! Não adianta dizer que eu acredito no seu potencial... Já está cansada/farta de ouvir isso!!! Seu voo vai ser longo!!! Te amo muito, 500g! Sucesso sempre! PARABÉNS! (Sim, eu deixo você construir a minha casa! Rs)

(12/ 2015)

Quanto ao Grupo 2, muitas de suas publicações são, normalmente, realizadas sem que haja expectativa de resposta ou comentários subsequentes. Direccionam-se aos usuários em sua totalidade, buscando promover, em larga escala, determinado assunto/ produto. Exemplo:

(7) A Cisterna Vertical Modular XXXX, com capacidade de até 1.000 litros de água por módulo, é um reservatório compacto que se adapta bem aos ambientes, sem precisar de muito espaço. Saiba mais, clique aqui -->> <http://goo.gl/oxoIOngb>

(05/ 2015)

- **GRUPO 3: Postagens de conscientização social/ cunho moral/ opinião** – são direcionadas para os “amigos do *face*” em geral ou a alguém em particular quando apresenta marcação de nome por recurso de *hiperlink*. Exemplo:

(8) Após publicarmos a matéria sobre abusos sofridos pelas repórteres da Revista XYZ, a leitora Mary nos mandou o relato trágico do estupro que sofreu. Ela permitiu compartilhar com vocês essa DOR. Que a leitura sirva de alerta: o e o estão principalmente dentro de casa e na roda de amigos. Reconhecer que

VOCÊ foi vítima de violência e aceitar que a mulher NÃO TEM CULPA são desafios, infelizmente, para muitos.

(06/ 2015)

Postagens do Grupo 3 podem, ainda, ser elaboradas, em sua maioria, com um fim específico na mente do autor. Em geral, não são direcionadas a um participante em particular, mas visam ganhar adeptos das opiniões expressas, iniciando, assim, possíveis discussões ao logo dos comentários subsequentes. Exemplo:

(9) Minha opinião: não deveria existir "mimimi" de nenhum dos lados (machismo x feminismo) até porque os dois têm suas desvantagens e vantagens também!

(11/ 2015)

Com base no que delimitamos como traços mais característicos dos *posts* em geral, elaborados pelos usuários da rede social em pauta, apresentaremos, agora, um quadro com o quantitativo da incidência de cada tipo de “(#)SQX” em cada um dos grupos:

Tabela 3 – Quantitativo geral de tipo de “(#)SQX” por categorias de postagem

CATEGORIA DO POST	(#)SóQueNão	(#)SóQueSim	(#)SóQueNunca
GRUPO 1	13	3	11
GRUPO 2	20	9	8
GRUPO 3	10	2	10
SUBTOTAL	43	14	29
TOTAL	86		

Fonte: O autor, 2016.

Embora tenhamos alocado os *posts* em blocos definidos, vale ressaltarmos que nem sempre é possível classificá-los sem margem de dúvidas ou sem considerarmos a existência de possíveis ambiguidades de sentido. Os fatos apontados podem até mesmo ser potencializados pelas próprias construções em atuação nos contextos.

Sobre o fator organizacional, mencionemos, ainda, que, como podemos observar, a numeração de figuras e tabelas é feita de maneira corrida, sem recomeços ou interrupções. Todas as instâncias estão identificadas com números arábicos entre parênteses desde a introdução dessa dissertação. Todos os dados, coletados no período de 05/2014 a 12/2015, têm como fonte o *Facebook*, apresentam mês e ano de publicação indicado entre parênteses ao final do texto e possuem sua autoria ocultada. Outrossim, as citações que compõem o nosso *corpus* estão alinhadas mais à direita, com fonte de tamanho menor e espaçamento simples; arrançadas, também, em uma sequência numérica em ordem crescente.

Finalmente, feita a caracterização do nosso *corpus* e, igualmente, de nossos conceitos basilares, avançamos, agora, para a etapa do trabalho referente à análise das construções “(#)SQX”, de acordo com os fatores já apresentados.

4 CONSTRUÇÕES #SQX E MESCLAGEM CONCEPTUAL

Partindo da fundamentação teórica explicitada no primeiro capítulo e dos traços concernentes à linguagem utilizada no âmbito virtual e ao gênero digital *Facebook* apresentados no segundo capítulo, prosseguiremos, agora, à análise das construções “(#)SQX”, a fim de que se compreenda seus efeitos de sentido ou mesmo a sua força semântico-pragmática ao ser empregada em uma postagem. Em vista disso, apresentaremos apenas os exemplos mais elucidativos do nosso objeto de estudo. As seções em que o presente capítulo foi dividido são intituladas conforme as construções e têm como tópicos, para fins didáticos, a categorização por grupos de *post*, abordada no terceiro capítulo, referente aos procedimentos metodológicos.

Em todas as configurações de redes propostas para este capítulo, a linha contínua espessa representa a projeção entre os elementos dos inputs ativados para construção de sentido das postagens. As linhas contínuas que ligam os espaços mentais abertos durante o processo de integração demonstram a ativação em conjunto desses espaços. As linhas tracejadas assinalam os elementos projetados seletivamente no espaço mescla, para conceptualização do sentido concebido para o *post*.

O quadrado que envolve toda a rede acionada para construção de sentido das postagens representa a base comum para conceptualização das postagens como atos de fala comunicativos por meio dos quais os usuários do *Facebook* exprimem seus pontos de vista. Nesse sentido, nossa análise aproxima-se de desenvolvimentos da Teoria dos Espaços Mentais (por exemplo, SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009) que concebem espaços básicos para comunicação.

Assim, devido ao caráter interacional de redes sociais como *Facebook*, consideramos que os *posts* analisados podem ser conceituados como atos de fala (com base em AUSTIN, 1990; SEARLE, 1991), na medida em que seus usuários não apenas registram, mas demonstram suas atitudes em relação ao que expressam nesse cenário comunicativo. A força de tais atos de fala pode ser oriunda de seu caráter publicizante, que permite o envolvimento de vários participantes nas interações.

Nessa proposta de análise, um espaço mental de ato de fala é aberto para expressão do ponto de vista do internauta do *Facebook*, fornecendo uma base para ativação da rede de espaços para construção do sentido da postagem. Esse espaço de ato de fala abarca aspectos experienciais relacionados a esse tipo de conceptualização, a saber: conhecimento dos atores

do cenário comunicativo que interagem via postagens escrevendo, curtindo ou debatendo o conteúdo e seus papéis sociais ou imagem construída. A partir desse espaço de ato de fala, outros espaços mentais para a construção do sentido do conteúdo postado são ativados: conhecimento da realidade social e cultural, bem como conhecimentos armazenados e experienciados sob a forma modelos cognitivos idealizados, são ativados nas redes de integração postuladas.

4.1 #SóQueNão (ou #SQN)

Em seguida, são analisados dados em que figuram as construções “só que não”, conforme a categorização postulada na metodologia.

4.1.1 Grupo 1: Postagens de autopromoção/ lúdicas

(10) "Eu sou um Coxinha e eu voto no PMDB e no PSDB porque eu não prestei muita atenção nas aulas de História e Geografia e nem imagino o que aconteceu no Brasil entre 1960 e 2000..." #SQN

(08/2014)

O dado (10) difere de (1), apresentado na fundamentação teórica, em que se observa já de início o caráter cômico da postagem por meio da associação texto e imagem. Em (10), a primeira oração (“Eu sou um Coxinha”), a qual dispõe do termo “coxinha”¹⁷ – gíria muito utilizada em São Paulo e de uso espreado pelas redes sociais para designar “pessoa abastada, de boa condição financeira” –, como um qualificador do (“Eu”) – autor da postagem –, notamos a ativação de uma referência que só se torna compreensível caso o leitor compartilhe do conhecimento dos espaços comunicativos em que se insere a gíria. Essa postagem teve sua elaboração, praticamente, às vésperas das eleições de 2014, quando seriam eleitos o

17 Sobre a gíria, verificar matéria da *Folha de São Paulo* em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2012/04/1078798-tipicamente-paulistana-giria-coxinha-tem-origem-controversa.shtml>

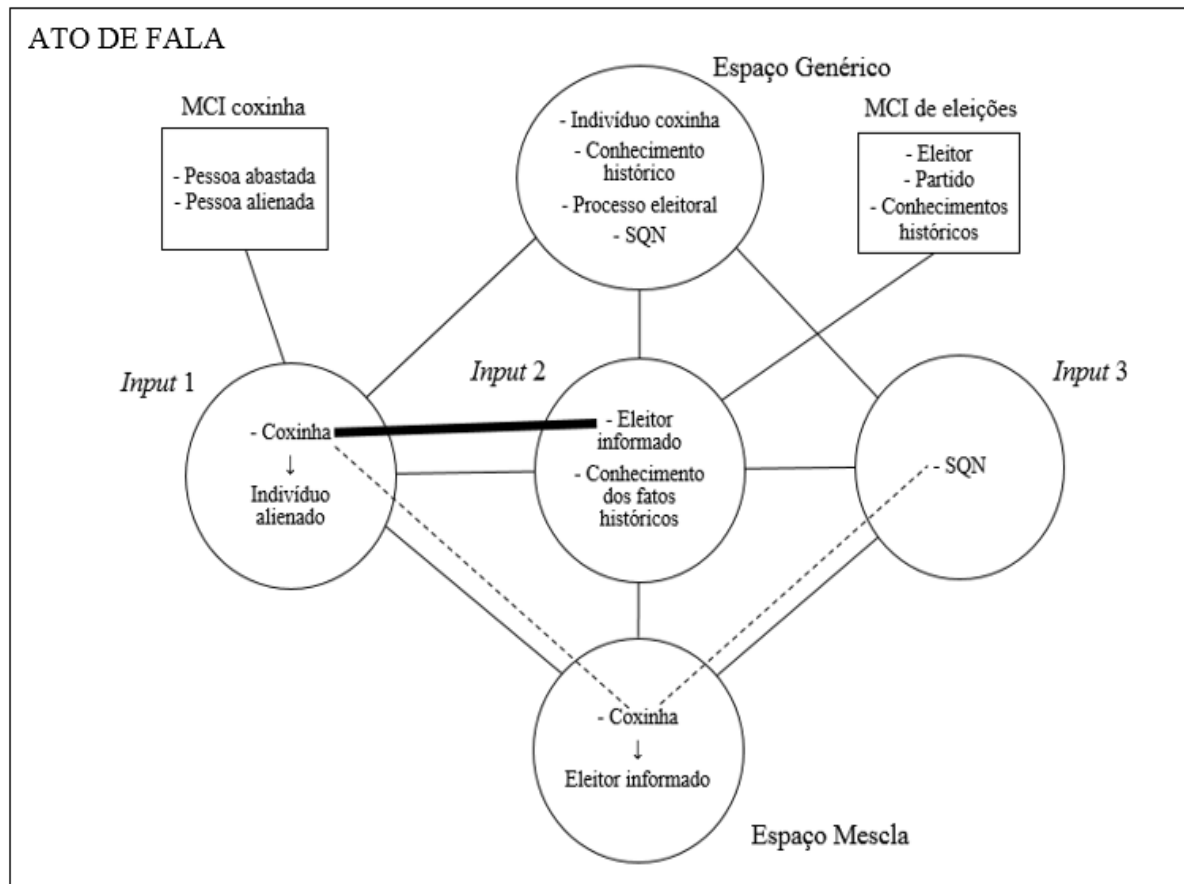
presidente da república e, em cada estado, o governador, um senador e, ainda, deputados federais e estaduais.

Ao mencionar partidos políticos (“PMDB” e “PSDB”), considerados de direita e favorecedores da classe dominante, no trecho “eu voto no PMDB e no PSDB porque eu não prestei muita atenção nas aulas de História e Geografia”, o internauta sugere também a formação da leitura que culminará na ironia ativada pela construção “#SóQueNão” (“#SQN”).

Desse modo, a rede de integração para conceptualização do *post* com a presença da dada construção apresenta a seguinte configuração:

- Espaço-input (1) – Há um indivíduo alienado e que vota em determinado partido, não se importando com a realidade de seu país. É ancorado pelo modelo cognitivo idealizado de “cozinha”.
- Espaço-input (2) – Composto de elementos relativos aos fatos acontecidos no Brasil durante os anos por parte dos partidos PMDB e PSDB e abarca, ainda, o eleitor informado. Está ancorado pelo MCI de eleições.
- Espaço-input (3) – Abarca os efeitos de sentido promovidos pela construção “SQN”.
- Espaço genérico – Configurado com a compressão de um indivíduo abastado, dito “cozinha”, que votaria nos partidos mencionados por não ter prestado atenção nas disciplinas de história e geografia e o indivíduo, na realidade, crítico que não votaria em tais partidos por reconhecer suas ações políticas no período histórico entre os anos 1960 e 2000. Compreende, ainda, o processo eleitoral como um todo e a construção “SQN”.
- Espaço-mescla – Resultado das contrapartes projetadas dos dois *inputs* interligados que nos leva a compreender a ludicidade irônica marcada no *post* pelo emprego do “#SQN”.

A rede de integração postulada para a conceptualização da ironia presente em (10) é apresentada na Figura 7:

Figura 7 – Mesclagem para o *post* (10)

Fonte: O autor, 2016.

Em (10), a relação analógica contrafactual entre os conceitos de “coxinha” e “eleitor informado”, estabelecida na projeção entre tais conceitos aberta pelos inputs 1 e 2, é cancelada pela ativação do papel da semântico-pragmático da construção “só que não” ativado pelo *input* 3, ao ser projetado no espaço mescla.

A desconstrução do conceito de “coxinha” como “eleitor informado”, promovida pela expressão “só que não”, ocorre por meio de uma (des)compressão da relação vital de IDENTIDADE, já que a pessoa “coxinha” explícita no *post* é uma representação da pessoa implícita em “só que não” (#SQN) (o criador da postagem), que intenta se opor, ironizar e, sobretudo, criticar e invectivar a postura daqueles que votam em tais partidos. Essa forma de ironia revela uma compressão por INTENCIONALIDADE, porque o autor do *post* exerce sua crítica aos eleitores dos partidos citados. Há também uma compressão da relação vital de TEMPO, pois o autor mostra que, por ser conhecedor dos fatos acontecidos no passado, entre os 1960 e 2000, recusa-se, no presente, a votar nos partidos de direita.

4.1.2. Grupo 2: Postagens de crônicas/ depoimentos/ de interesse geral/ informativas/ propagandas

(11) Não é por nada não, mas tá cheio de gente por aí que acha que vai resolver os problemas mandando indiretinha pelo Face. Ridículo. CoisasQueIrritam PisaNaFalsidade FalaNaCara IndiretasJá **SóQueNão** EntendedoresEntenderão QuemÉSabe To FalandoContigoMesmo CarapuçaServiu SeToca BeijoNãoMeLiga CompartilhaAe PiranhaGolpista. Com vocês mais um vídeo original do ZZZ.

(01/2015)

No dado acima, seu autor faz, em seu depoimento, justamente uma crítica a pessoas que não têm coragem de falar as coisas de modo direto a seus pares e lançam mão de recursos como os da indireta. Esse sentido pode ser observado na sentença como “acha que vai resolver os problemas mandando indiretinha pelo Face”, ou ainda pelo adjetivo “ridículo”, em referência a esse tipo de ação.

Ressaltemos, ainda, que, em termos morfossemânticos, construções compostas pelo sufixo de diminutivo “inho(a), se levados em conta seu contexto, podem adquirir força depreciativa ou pejorativa, como fica flagrante no termo “indiretinha”. Essa sufixação também contribui para uma conceptualização de algo pequeno, desprezível, isto é, para uma avaliação negativa a respeito do ato de mandar indiretas ao próximo.

Ademais, observamos em (11) usos de *hashtags*, que funcionam como indicadores temáticos da postagem. Assim, essas marcações pelo símbolo do jogo da velha aparecem como uma espécie de recurso multimodal auxiliador na sinalização de uma sequência textual temática relacionada de modo intrínseco ao contexto maior apresentado no *post*.

Usos tais quais os que figuram em (11) corroboram a ideia de que o advento da internet muito modificou a prática de utilização da linguagem. A postagem acima tem, em sua sequência, a apresentação de um vídeo em que seu personagem central publica *posts* no *Facebook* com diversas indiretas, ou seja, alusões ou insinuações feitas com disfarce direcionadas a seus colegas em um setor de trabalho. A marcação de *hashtags* em sentenças como “#CoisasQueIrritam” ou mesmo expressões idiomáticas de conhecimento cultural, como “#PisaNaFalsidade”, “#FalaNaCara”, servem, ainda, como sinalizadoras do cenário apresentado na publicação e sugerem um *frame* de relações interpessoais.

Na formação que antecede o “#SóQueNão, podemos observar uma alusão ao movimento político democrático corrido na segunda metade da década de 80 com o nome de

“Diretas Já”¹⁸, o que acaba sugerindo a ativação de um *frame* de acontecimento político. A expressão “#IndiretasJá” funciona como gatilho para ativação desse *frame* devido à relação formal entre as palavras “diretas” e “indiretas” associadas ao termo “já”, por meio da relação vital de ANALOGIA, que será comprimida na relação vital de CATEGORIA, na medida em que um novo sentido será construído para a expressão “indiretas já”, a saber: uma reivindicação do autor da postagem para que a forma de comunicação entre colegas de trabalho mude.

Esse raciocínio, aparentemente simples e automático, revela também a ativação da compressão da relação vital de SIMILARIDADE, ligada à capacidade cognitiva de percepção de propriedades comuns compartilhadas entre o evento político reivindicatório e o ato de não se comunicar por meios de atos de fala indiretos; logo, a defesa do fim das “indiretas”, assim como se defendeu o voto direto. Portanto, em IndiretasJá **SóQueNão**, ocorre as compressões das relações vitais de ANALOGIA, SIMILARIDADE, TEMPO e CATEGORIA, em razão da retomada de um evento político dos anos de 1980 que serão comprimidas no espaço mescla.

A construção de sentidos por meio dessas compressões requer, mais uma vez, um conhecimento de mundo bastante específico por parte do conceptualizador. Essa e as demais *tags* subsequentes à construção “#SóQueNão” funcionam como âncoras, para que os leitores ativem enquadres cognitivos que fundamentam a mescla para conceptualização da ironia, bem como um reforço da crítica e da defesa do autor da postagem acerca da forma como ocorre a interação no ambiente de trabalho.

Com base nisso, a rede de integração para conceptualização de (11) apresenta a seguinte configuração:

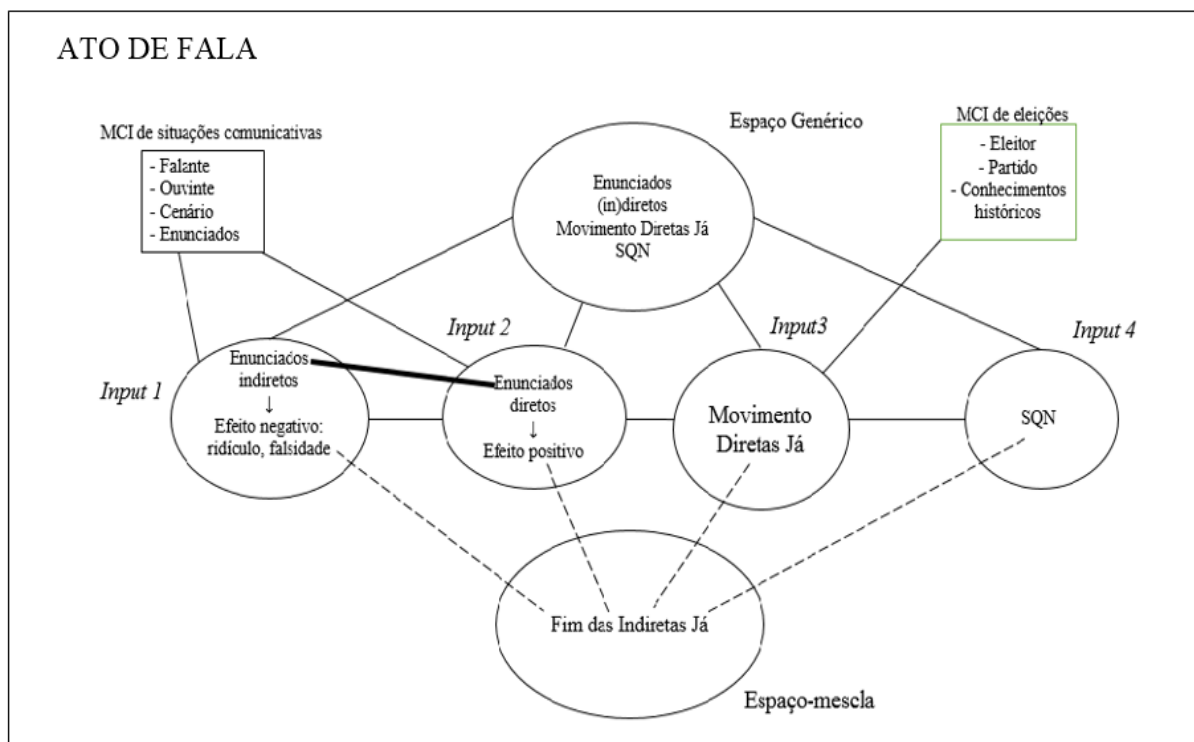
- Espaço-input (1) – Contém a crítica proposta pelo autor a quem faz indireta. Está ancorado pelo MCI de situações comunicativas.
- Espaço-input (2) – Contém o posicionamento de que enunciados diretos geram efeitos positivos. É também ancorado pelo MCI de situações comunicativas.

¹⁸ Segundo informações disponíveis em: http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/diretas_ja.htm, “Diretas Já foi um movimento político democrático com grande participação popular que ocorreu no ano de 1984. Este movimento era favorável e apoiava a emenda do deputado Dante de Oliveira que restabeleceria as eleições diretas para presidente da República no Brasil”.

- Espaço-input (3) – Abarca elementos relativos ao *frame* de movimento político de grande reverberação social, sendo utilizado como rejeição ao uso das indiretas.
- Espaço-input (4) – Abarca os efeitos de sentido promovidos pela construção “SQN”.
- Espaço genérico – Apresenta um mapeamento entre os quatro espaços *input*, conectando várias de suas propriedades, de modo a mantê-las acessíveis durante o processo de construção de sentido, via mesclagem.
- Espaço-mescla – Possui estrutura emergente própria, possibilitando a construção do caráter irônico para negação da ação de se jogar indiretas.

A rede de integração proposta para a compreensão dos enunciados propostos em (11) é apresentada na Figura 8:

Figura 8 – Mesclagem para o *post* (11)



Fonte: O autor, 2016.

O emprego da construção “#SóQueNão” no interior da postagem torna flexível as fronteiras expressivas da compreensão da “indireta” e, sobretudo, da ironia. Notamos, também, na mescla, uma compressão das relações vitais de CAUSA-EFEITO e de REPRESENTAÇÃO, marcada pela projeção entre os *inputs* 1 e 2. A compressão dessas duas relações vitais está ligada ao fato de o conteúdo do *post* tratar de um ato de fala que se remete aos efeitos danosos das interações entre as pessoas que adotam um estilo indireto de se representar. Em outras palavras, a postagem trata da forma como esse tipo de estratégia discursiva está representado nas interações.

A ANALOGIA com o movimento político das “Diretas Já”, aberta no *input* 3, comprime a INTENCIONALIDADE panfletária do autor da postagem, com vistas ao fim do uso de indiretas na comunicação, que, associado ao sentido da construção “só que não” do *input* 4, ocorrerá na estrutura emergente do espaço mescla. Esse sentido ativado pela projeção dos elementos dos quatro espaços mentais de *input* marca ponto de vista do autor do *post*, endossando a crítica a respeito das indiretas e justificando, acima de tudo, seu real posicionamento contra quem utiliza tal estratégia comunicativa.

4.1.3. Grupo 3: Postagens de conscientização social/ cunho moral/ opinião

(12) Como sabemos todos, o nosso governador do estado de SP, sua nobre família e seu séquito de assessores costumam dar o exemplo e alimentar-se frequentemente no restaurante Bom Prato ali do lado do Palácio dos Bandeirantes. Porque ficar ao lado dos que mais precisam é o "forte" desse governo. **SQN**

(08/ 2014)

A ocorrência (12), que sugere a divulgação de uma opinião crítica pessoal a uma figura política, traz à baila o episódio em que o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin visita um restaurante de nome “Bom Prato”. Tido como “popular”, esse restaurante, segundo informações do portal de desenvolvimento social do Estado de São Paulo¹⁹, serve, diariamente, refeições à população de baixa renda com o custo de R\$ 1,00.

A opinião crítica é construída por meio de uma associação multimodal entre texto e imagem – foto do governador Alckmin almoçando sorridente em meio a pessoas carentes. Há,

¹⁹ Informações disponíveis em: <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/portal.php/bomprato>.

no texto, um exagero do uso de termos de erudição como “nobre” e “séquito”; de sentenças de preservação da face em “como sabemos todos” –, em que o interlocutor é envolvido como participante crítico na construção do *post*, como conhecedor da situação e, portanto, adepto da mesma tese – e, ainda, verbo pronominalizado na posição enclítica como “alimentar-se”. Todos esses elementos parecem querer abrir espaço para a contrafactualidade que baliza a publicação.

Por meio de nosso conhecimento de mundo, sabemos que, no Brasil, não é de praxe a frequência de governantes e seus assessores a locais considerados como destinados ao “povão”. Outro fator relevante para ironia é que o cenário “Palácio dos Bandeirantes”, moradia do governador de São Paulo, é situado no bairro nobre do Morumbi, bairro distinto do local em que se encontra o restaurante popular mencionado. Isso ativa, na conceptualização do leitor, um modelo cognitivo idealizado de riqueza e relações hierárquicas de poder.

Um dos pontos centrais de ironia do *post* fica deflagrado por meio de sua última asserção “Porque ficar do lado dos que mais precisam é o “forte” desse governo”, a qual apresenta o termo “forte” marcado por aspas, recurso gráfico muito utilizado, quando se quer reproduzir na escrita sentido distinto para o termo usado, reiterando a ironia da postagem. Essa é ativada pelo uso da construção de oposição irônica em sua forma abreviada “#SQN”.

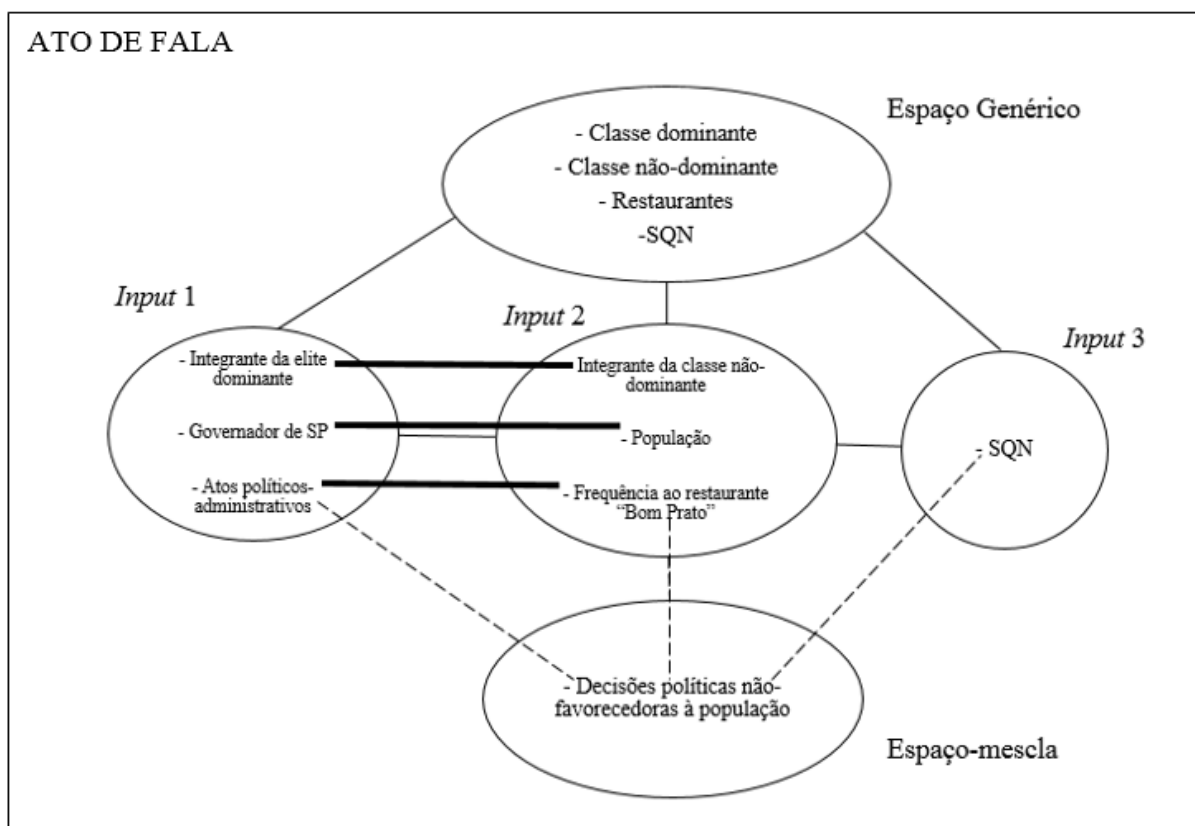
Sendo assim, a rede de integração para conceptualização de (12) apresenta a seguinte disposição:

- Espaço-input (1) – Contém a figura do governador do estado de São Paulo e de todo o seu “séquito de assessores”, em seus atos políticos.
- Espaço-input (2) – É estruturado pelo *frame* organizacional de elementos de um restaurante simples, voltado à população, classe não-dominante.
- Espaço-input (3) – Construção “SQN”.
- Espaço genérico – É estruturado pela ideia de que políticos brasileiros, em geral, não frequentam locais destinados ao público não-abastado. Classe dominante não se mistura à classe dominada.

- Espaço-mescla – Apresenta o sentido de que as decisões políticas do governador não são favorecem à população (classe não-dominante).

A rede de integração proposta para a conceptualização e depreensão da ironia presente em (12) é mostrada na Figura 9:

Figura 9 – Mesclagem para o *post* (12)



Fonte: O autor, 2016.

Os elementos ativados pela abertura dos *inputs* 1 e 2, ligados aos *frames* ATOS DA ELITE POLÍTICA do país e RESTAURANTES POPULARES, respectivamente, são conectados por meio da relação vital de ANALOGIA, a qual será descomprimida em DESANALOGIA com MUDANÇA de IDENTIDADE, ao ser projetada no espaço mescla, juntamente com efeito de sentido promovido pela expressão “só que não” do *input* 3, já que o governador não frequenta o restaurante popular citado na postagem, nem fica ao lado do povo, conforme é expresso no final do *post*.

No espaço mescla, emerge a crítica irônica à atuação do governador de São Paulo. Assim, a postagem (12) consiste em um ato da fala, cuja relação vital de INTENCIONALIDADE é comprimida na expressão “só que não” como gatilho para leitura irônica, visto que o personagem sorridente que, na fotografia, almoça entre pessoas menos favorecidas atende apenas a interesses políticos.

4.2 #SóQueSim (ou #SQS)

Em seguida, são analisados dados em que figuram as construções “só que sim”, conforme a categorização postulada na metodologia.

4.2.1 Grupo 1: Postagens de autopromoção/ lúdicas

O dado (13) constitui um ato de fala que visa à autopromoção de sua autora.

(13) O meu marido é o homem mais feliz e sortudo do mundo,,,,, ELE é casado com uma mulher linda e parceira.....ele diz isso pra mim kkkkkkkk será????

Soquesim

(07/2015)

O texto apresentado em (13) está acompanhado de uma fotografia na qual há a presença de um homem e uma mulher abraçados, associada a um subtítulo com a seguinte informação: *5 hábitos dos homens nos casamentos mais felizes – Ser feliz no casamento é uma questão de escolha. A escolha de ter ou desenvolver atitudes que levarão à felicidade conjugal.* Um leitor hábil, mesmo antes de completar sua leitura, em sua *timeline*, naturalmente, lança mão de conhecimentos armazenados em sua memória leitora de modo muito rápido, eficiente e flexível.

Esse tipo de leitor não tem sua visão voltada apenas para o texto em si, mas para todo um conglomerado informacional o qual o possibilita fazer previsões do que espera encontrar ao longo de sua leitura ou, ainda, inferências sobre o que já foi mencionado (cf. LIBERATO;

FULGÊNCIO, 2007). Esses fatores são muito importantes para a compreensão do trecho em análise, visto que nos possibilitam formar hipóteses as quais conduzirão a construção dos sentidos intentados por sua autora.

Assim, observamos, na postagem, que, logo de início, o fornecimento de pistas linguísticas, como “O meu marido é o homem mais feliz e mais sortudo do mundo”, indicam que sua autora tinha por intenção apresentar, lançando mão de um tom humorístico, uma autopromoção de suas qualidades de boa esposa. Podemos conjecturar, ainda, que a grafia do pronome “ELE”, em letras maiúsculas, as quais indicariam falta de decoro por parte da proponente do texto (tal como explicitamos no capítulo 2), diferentemente, nesse caso, foi usada apenas para ativar na mente leitora a ideia de que o marido retratado não se trata de qualquer homem, mas de um sujeito “casado com uma mulher linda e parceira”. O conteúdo do *post* ativa um MCI do papel social da “mulher” como esposa ideal.

Além da grafia de “ELE”, é possível perceber comicidade no emprego da expressão paralinguística de bastante difusão nas mídias digitais “kkkkkkk”, para indicar riso. Entretanto, é a construção apresentada como último elemento do texto em análise que vai reforçar o pensamento de sua autora como sendo uma esposa distinta das demais. Em outras palavras, esses aspectos formais que expressam o caráter humorístico e a expressão “#SóQueSim” podem ser analisadas como uma estratégia da autora do *post* para houvesse uma melhor recepção leitora da espécie de *marketing* pessoal veiculada na autopromoção. Esse *post* ilustra a concepção proposta por Galli (2010, p. 154) de que a disseminação de informações de quaisquer ordens na *web* não deixa de ser uma forma de *marketing*.

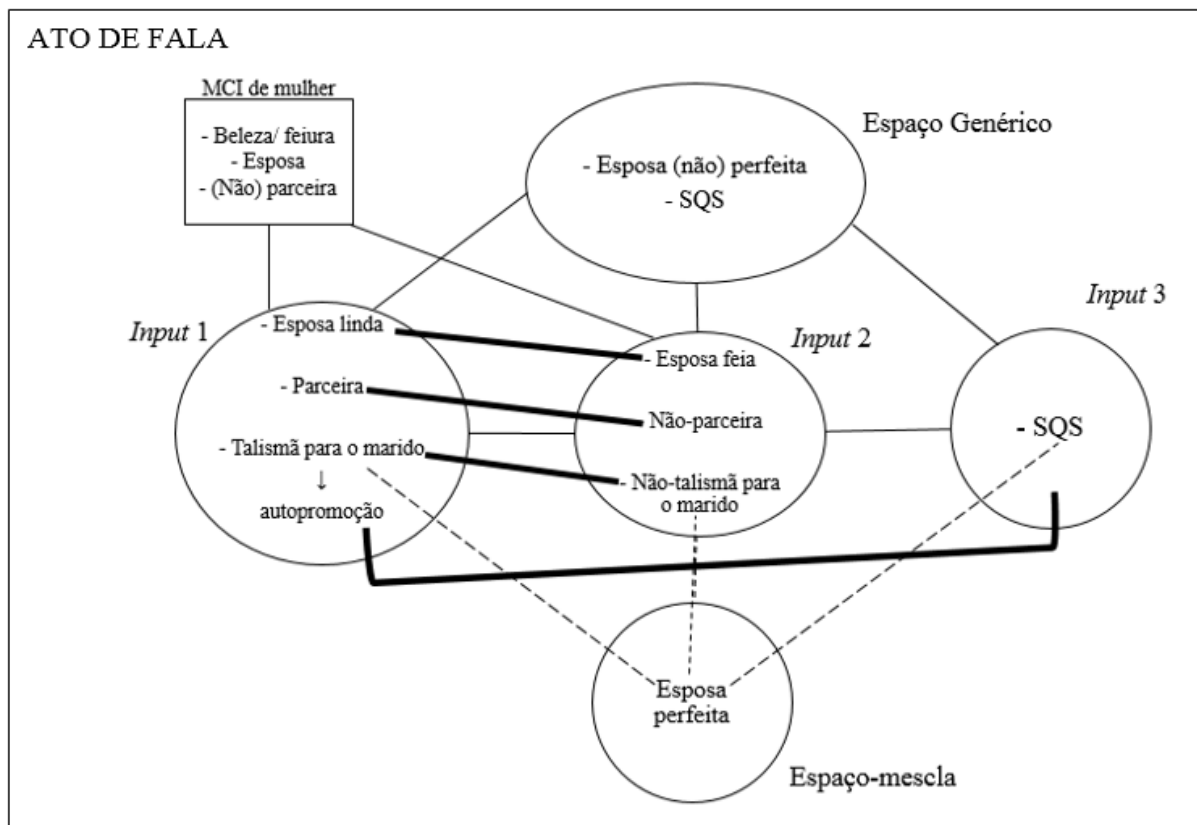
Com base no exposto, elaboramos a seguinte configuração para a rede de integração conceptual de (13):

- Espaço-input (1) – Abarca a mulher idealizada e que se autointitula como boa esposa na mídia eletrônica *Facebook*.
- Espaço-input (2) – É formado pela imagem de mulher oposta à instituída no espaço-input 1.
- Espaço-input (3) – Efeitos de sentido produzidos pelo emprego da construção “SQS”.

- Espaço genérico – É estruturado pela configuração de uma esposa (não) perfeita e pela construção “SQS”.
- Espaço-mescla – Apresenta uma mulher que observa a concatenação de diversas mulheres em si mesma e é justamente isso que a faz uma mulher especial e oposta às demais.

Na Figura 10, é apresentada a rede de integração proposta para (13):

Figura 10 – Mesclagem para o *post* (13)



Fonte: O autor, 2016.

O MCI de mulher como esposa ideal, aliado à imagem e à legenda acerca do homem feliz no casamento, aberto pelo *input* 1, também ativa no *input* 2 a negação dessa mulher ideal, em razão dos aspectos humorísticos presentes no texto (letras maiúsculas, “kkkkk”, “será?”). A abertura do *input* 3 para acesso ao sentido da expressão “só que sim” interconectada ao EFEITO de autopromoção do *input* 1, ao invés do sentido irônico, propiciado

apenas pela interconexão entre os elementos dos *inputs* 1 e 2, gerará, no espaço mescla, a confirmação do papel social de esposa perfeita.

O ato de fala da postagem (13) envolve as seguintes compressões de relações vitais:

- (i) CAUSA-EFEITO, visto que uma boa esposa é a causa de um marido sortudo (efeito);
- (ii) IDENTIDADE, já que a mulher parceira e linda pressupõe uma mulher não parceira e feia;
- (iii) CATEGORIA, na medida em que, na mescla, reafirma-se a esposa perfeita. A projeção do elemento “esposa não-talismã para o marido” do *input* 2 no espaço mescla fornece o caráter jocoso e irônico do ponto de vista da autora do *post*, cuja intenção é se autopromover. A relação vital de INTENCIONALIDADE está comprimida no papel da expressão “só que sim”, que se configura como um gatilho para autopromoção com humor sem passar a impressão de convencimento, que poderia gerar críticas dos leitores.

4.2.2 Grupo 2: Postagens de crônicas/ depoimentos/ de interesse geral/ informativas/ propagandas

(14) Noooooossa! Que sonho! É sonhar demais?! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk...
SoQueSim Cada um tem sua mania, seus gostos, suas vontades e seus prazeres. A vida já é tão difícil... maquiagem e coisas de beleza fazem com que eu me sinta bem, me sinto bonita...e amo maquiagem. Posso fazer disso profissão. Então, vou continuar postando essas maravilhas lindas...pq nós merecemos sonhar e ficarmos lindas e vaidosas.

(12/ 2014)

A postagem (14) é seguida de uma fotografia na qual são apresentados muitos estojos de maquiagem de uma marca importada, de alto custo e muito difundida entre os usuários e profissionais da beleza do mundo todo. Os itens são mostrados no depoimento do escritor do *post* – no caso uma jovem moça que se apresenta maquiada em sua foto de perfil do *Facebook* – como objeto de grande desejo.

A disposição fotográfica dos elementos na postagem, associada a frases iniciais do texto que a antecede, tais como “Noooooossa!”, “Que sonho!” e, ainda, a sentença interrogativa “É sonhar demais?!”, sugere-nos a ativação de um modelo cognitivo idealizado de sonho, isto é, de elementos imagéticos ou fantasiosos que se apresentam durante o sono. Utilizando nosso conhecimento de mundo de que o sonho, muitas vezes, é algo surpreendente e marcante,

somos incitados a pensar que a autora do *post* queria deixar bem claro a seus leitores que seu sonho não se tratava de qualquer sonho.

Essa afirmação fica deflagrada até mesmo por meio da estratégia gráfica de repetição da letra “o” para representar a pronúncia com alongamento vocálico do fone “o” na expressão interjetiva “nossa”, muito utilizada para indicar admiração, surpresa ou espanto. A representação de alongamentos sonoros indica simulação de traço fonológico empregado na modalidade oral de uso da língua.

Recursos como esse, quando na escrita, tendem a aparecer em textos de caráter informal ou em sequências escritas em que se quer chamar, de fato, a atenção do leitor. Essa nos parece ter sido a intenção de sua autora, a qual, no decorrer de seu depoimento, parece buscar adesão de seus leitores para a aceitação de sua afirmação subsequente “A vida já é tão difícil... maquiagem e coisas de beleza fazem com que eu me sinta bem, me sinto bonita... e amo maquiar”, a qual soa como justificativa para a ideia de que maquiagens importadas como as apresentadas por ela na fotografia servem para dar o *upgrade* que falta para a felicidade de qualquer mulher, razão pela qual a própria internauta indica que vai, em seus termos, “continuar postando essas maravilhas lindas”.

Diferentemente dos usos das construções “#SóQueNão (ou #SQN)”, cuja força semântica irônica envolve, sobretudo, a ideia de contrafactualidade; em (14), podemos observar que a construção “#SóQueSim”, além de seu caráter irônico, foi empregado como uma espécie de “gatilho reiterador” da ideia de que adquirir todas aquelas maquiagens seria algo irreal e, portanto, um sonho: adquirir todos aqueles produtos para uso individual seria algo surreal. Toda essa formação de uma perspectiva de irrealidade anunciada em forma de postagem é também evidenciada devido à sequência de “Kkkkkkkkkkk”, recurso utilizado na linguagem virtual para indicar riso e, no caso da instância apresentada, até mesmo deboche ou sarcasmo.

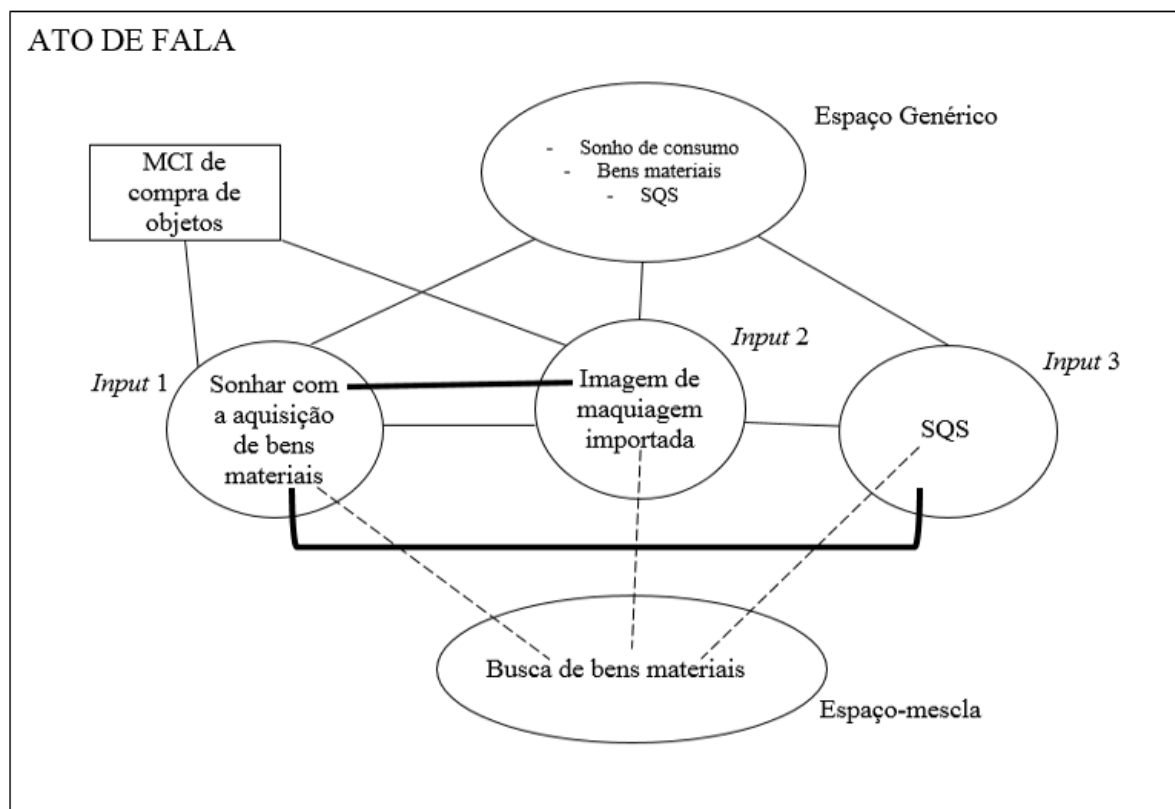
Dessa forma, temos a seguinte configuração de espaços mentais para a rede de integração do *post* (14):

- Espaço-input (1) – Apresenta um ideal a ser alcançado, ou seja, de um sonho de consumo. É ancorado pelo modelo cognitivo idealizado de compra de objetos.
- Espaço-input (2) – Aberto pela imagem de uma maquiagem importada. Também é ancorado pelo modelo cognitivo idealizado de compra de objetos.

- Espaço-input (3) – Efeitos de sentido produzidos pelo emprego da construção “SQS”.
- Espaço genérico – Concatena traços comuns aos três *inputs*.
- Espaço-mescla – Produz uma imagem seletivamente estruturada da irrealidade, sendo reforçada pelo uso da construção “#SóQueSim”, reiterando a busca de satisfação do sonho de consumo.

Assim, a rede de integração proposta para a conceptualização de (14) é mostrada na figura 11:

Figura 11 – Mesclagem para o *post* (14)



Fonte: O autor, 2016.

Por meio da análise do exemplo, a partir da mesclagem conceptual, podemos compreender que o pensamento é capaz de ativar e mesclar conceitos que podem envolver

propriedades relativas ao real e ao irreal para a apreensão dos sentidos produzidos nas interações. Em (14), a imagem dos produtos (*input 2*) abre um espaço mental de objetos cobiçados, relegados à categoria de sonho (*input 1*), devido ao valor a ser pago. A interconexão entre o sonho de consumo (*input 1*) e o sentido da construção “só que sim” (*input 3*) são projetados no espaço mescla, de modo a reafirmar a busca de bens materiais como forma satisfação pessoal.

O ato de fala da postagem, que exprime o ponto de vista da autora acerca das realizações por meio do consumo, envolve a compressão das seguintes relações vitais: (i) CAUSA-EFEITO, porque o consumo (causa) traria satisfação, alegria (efeito); (ii) ANALOGIA-DESANALOGIA entre sonho (desejo pelo objeto) e realidade (valor do objeto); (iii) INTENCIONALIDADE, marcada pela utilização do “#SóQueSim”, que reitera a busca de bens materiais como um sonho a ser alcançado, permeada de ironia e humor.

4.2.3 Grupo 3: Postagens de conscientização social/ cunho moral/ opinião

(15) Chora Brasil "de um povo Alienado, resistente, enganado, fadigado, humilhado, explorado e massacrado, pela crença na felicidade e das gerações futuras..." Chora Brasil, porque depois desse circo e do "orgulho de ser brasileiro" a conta você vai pagar de qualquer jeito. **sóquesim**

(06/ 2014)

O *post* (15) apresenta uma espécie de crítica a algo que, provavelmente, estava acontecendo, no período de sua publicação, no Brasil. Tomando por base sua data, podemos inferir que a crítica se refere, então, ao evento da Copa do Mundo de 2014 que ocorria nessa nação. Esse cenário funciona como um *background* referencial para as analogias. Sem esse conhecimento, o trecho poderia ser compreendido como mais uma entre as tantas críticas sobre a realidade brasileira.

Enunciados como “Chora Brasil” ou “a conta você vai pagar de qualquer jeito” servem como pistas textuais para o entendimento da ideia de que autor do *post* quer, realmente, mostrar a seus leitores que abrigar tal evento consistiria em um erro. Assim, além de uma opinião negativa, o autor parece querer interagir com seu leitor, de modo a conscientizá-lo do fato de que abrigar os jogos da Copa do Mundo no Brasil, o qual se encontra em constante situação de caos tanto social quanto econômico, não é algo bom e muito menos rentável.

Em “de um povo Alienado, resistente, enganado, fadigado (*sic*), humilhado, explorado e massacrado, pela crença na felicidade e das gerações futuras...”, o autor parece querer ser mais severo em sua crítica, valendo-se do recurso gráfico das aspas para introduzir em seu trecho o que parece ser uma citação ou apenas destaque aos vários qualificadores, em sua maioria, com semântica negativa, utilizados em referência ao povo brasileiro.

Outro fator que merece ser destacado é a grafia com inicial maiúscula em “Alienado”. Essa grafia nos remete à chamada “maiúscula alegorizante”²⁰, a qual proporciona um destaque especial à palavra no trecho, destacando-a aos olhos do leitor durante a leitura, de modo a enfatizar a alienação do povo brasileiro. Para o autor, o povo brasileiro, portanto, vive alheio, sem compreender ou conhecer os fatores sociais, políticos e culturais que o circundam.

Um ponto alto de sua crítica é marcado pela menção ao termo “circo”, em referência ao evento da Copa, seguido da famosa máxima “orgulho de ser brasileiro”, muito difundida no país, aludindo ao grito que costuma entoado em todos os jogos da seleção brasileira de futebol: “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”. A expressão “orgulho de ser brasileiro”, com o emprego das aspas, soa também de forma irônica, reforçada discursivamente por meio da construção “#SóQueSim” ao final do trecho.

Para conceptualização da postagem (15), foram postulados os seguintes espaços mentais:

- Espaço-input (1) – Contém elementos relativos ao enquadre cognitivo de cenário de crise e de população prejudicada, ancorado pelo MCI de Brasil.
- Espaço-input (2) – Reúne elementos relativos ao enquadre cognitivo de gastos com a Copa do Mundo e da “população orgulhosa”. Ancorado, também, pelo MCI de Brasil.
- Espaço-input (3) – É estruturado com elementos do *frame* de circo.
- Espaço-input (4) – Aberto pelo emprego da construção “SQS”.
- Espaço genérico – Abarca o conteúdo comum aos *inputs* 1 e 2, referenciado na representação como contradições brasileiras, noção de circo e a construção “SQS”. A

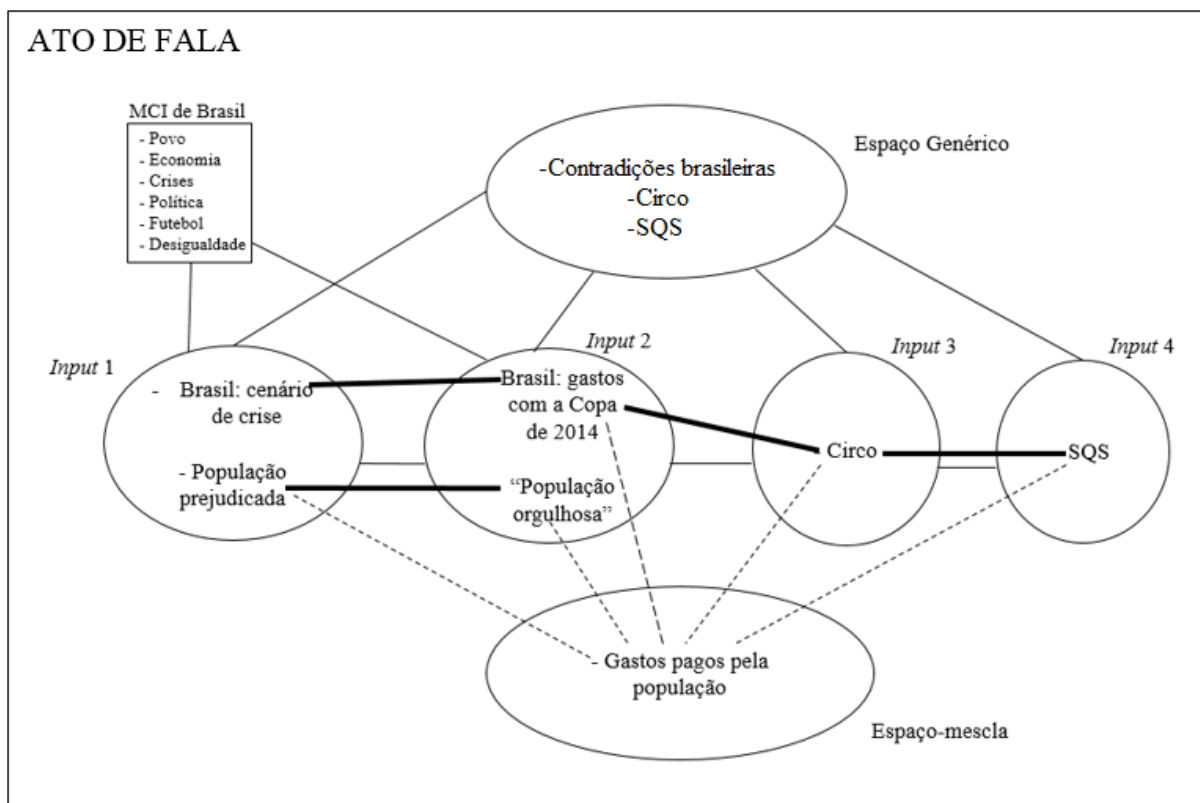
²⁰ Recurso muito utilizado na literatura pelo movimento literário *Simbolismo*, sem que haja razão gramatical para isso, mas com o intento de enfatizar, destacar um termo específico no texto.

base de conhecimento sobre o cenário brasileiro tem como gatilho os adjetivos utilizados pelo autor para se referir ao povo.

- Espaço-mescla – Evoca uma crítica ativada pelos elementos projetados dos *inputs*, tendo a construção “#SóQueSim” papel de sinalizador de ironia moderada.

A rede de integração postulada para conceptualização de (15) é exposta na Figura 12:

Figura 12 – Mesclagem para o *post* (15)



Fonte: O autor, 2016.

A defesa de ponto de vista contrário aos gastos com a Copa de 2014 por parte do autor da postagem resulta da projeção das interconexões entre os elementos dos quatro *inputs*. A ativação dos *inputs* 3 (circo) e 4 (“SQS”) abarca elementos fundamentais à construção de uma crítica permeada de ironia. A postagem é fundamentada pela compressão da relação vital de INTENCIONALIDADE, dado o caráter panfletário da crítica com gastos da Copa de 2014.

Esse processo de mesclagem envolve ainda a compressão das seguintes relações vitais:

- (i) CAUSA-EFEITO, pois pagar a conta de qualquer jeito, como citado pelo autor, é o efeito de ter participado/apoiado a Copa de Mundo de 2014 no Brasil, a qual constitui a causa;
- (ii) IDENTIDADE, uma vez que os vários adjetivos utilizados para nomear o povo brasileiro o comprimem em um único indivíduo;
- (iii) CATEGORIA, com base na compressão PAPEL-VALOR, pois indivíduo que tem “orgulho de ser brasileiro” passa a ser o mais prejudicado, porque arca com os custos do evento do mundial;
- (iv) SIMILARIDADE, visto que o episódio da Copa do Mundo, na visão do autor, muito se assemelha ao um espetáculo circense.

4.3 #SóQueNunca (ou SQNc)

Passa-se, em seguida, à análise dos dados com a construção “só que nunca” selecionados como representativos do papel dessa expressão como gatilho de ironia.

4.3.1. Grupo 1: Postagens de autopromoção/ lúdicas

(16) Parabéns vcesta no Facebook e seus pais estao orgulhosos de você voce tem. muito valor sabia **soquenunca**

(10/ 2014)

Embora não apresente pontuação adequada, o *post* acima nos chama atenção por seu tom fortemente irônico. O texto tem como sequência um vídeo no qual uma jovem moça com roupas tidas como provocantes, que se encontra no que parece ser um baile *funk*, é convidada a subir no palco e dançar com uma dupla de cantores. Em meio a muitas danças sensuais, com passos de uma dança que parece aludir ao ato sexual, a jovem fica entre os dois homens, os quais, por sua vez, começam a passar a mão pelo corpo da moça.

O comportamento da moça pode ser considerado impróprio, mesmo pais liberais de “mentes abertas”, por isso não se sentiriam confortáveis, ao ver que sua filha exposta de tal forma nas redes sociais, muito menos numa rede como *Facebook*, de grande circulação mundial. É a partir disso que começa a se desenrolar a ludicidade irônica da postagem.

Como se estivesse, realmente, saudando a jovem moça personagem do vídeo, dando-lhe “Parabéns”, o autor do *post* produz um efeito contrafactual, porque, na verdade, critica de forma contundente a postura de meninas que se prestam a tal papel, sem considerar o que pode acontecer em decorrência dos seus atos. Usando o qualificador “orgulhosos”, em referência aos pais da garota, o autor ativa na mente do leitor uma reiteração de sua ironia, a qual será reforçada, ao final de sua escrita, pela sentença “voce tem muito valor sabia” (*sic*) –, que, numa grafia mais cuidada, seria “você tem muito valor, sabia?” –, tentando interrogar a moça do vídeo, mas acrescentando uma forte negação do valor dessa moça por meio da construção “#SóQueNunca”.

Após uma repetição do pronome de tratamento “você”, também em sua grafia abreviada “vc”, o autor parece querer, de certo modo, estender essa *persona* a todas as outras que porventura ajam da mesma forma. Essa compreensão é possível, visto que, por meio de nosso conhecimento enciclopédico, sabemos que a menina apresentada no vídeo não é a única a ter se exposto de tal maneira.

A postagem, embora pequena em extensão – o que não significa que ela não porte riqueza semântico-pragmática –, leva-nos ao entendimento de que, em sua elaboração, assim como na de textos em geral, escolhas são feitas e, a partir disso, combinações e novas manifestações de sentido tornam-se possíveis. Isso corrobora a ideia de que, tal como na interação real, nada no discurso virtual é aleatório, principalmente, quando se quer imprimir, expressar algo e isso acontece pelo fato de que a

noção de escolha é fundamental para entendermos a produção de significados como uma prática. É a partir da noção de escolha que as atitudes dos interlocutores e a carga expressiva presentes numa manifestação discursiva podem ser compreendidas. Quando selecionamos apenas um item para empregar num enunciado ou em qualquer produção, dentro de um leque de opções disponíveis no sistema linguístico ou em qualquer outra linguagem, estamos desprezando todos os demais itens que também poderiam ter sido usados no mesmo contexto e não o foram. Nossas opções não são aleatórias, mas carregadas de significados culturais. Os significados são criados a partir de escolhas motivadas socialmente. O que escrevemos ou falamos, as cores ou as fontes tipográficas que usamos num documento digital, as barras de navegação que colocamos numa produção, a roupa que vestimos e qualquer outra escolha de elementos de significação manifestam escolhas motivadas pelo contexto de cultura e de situação em que uma produção acontece (FERRARI, 2012, p. 152).

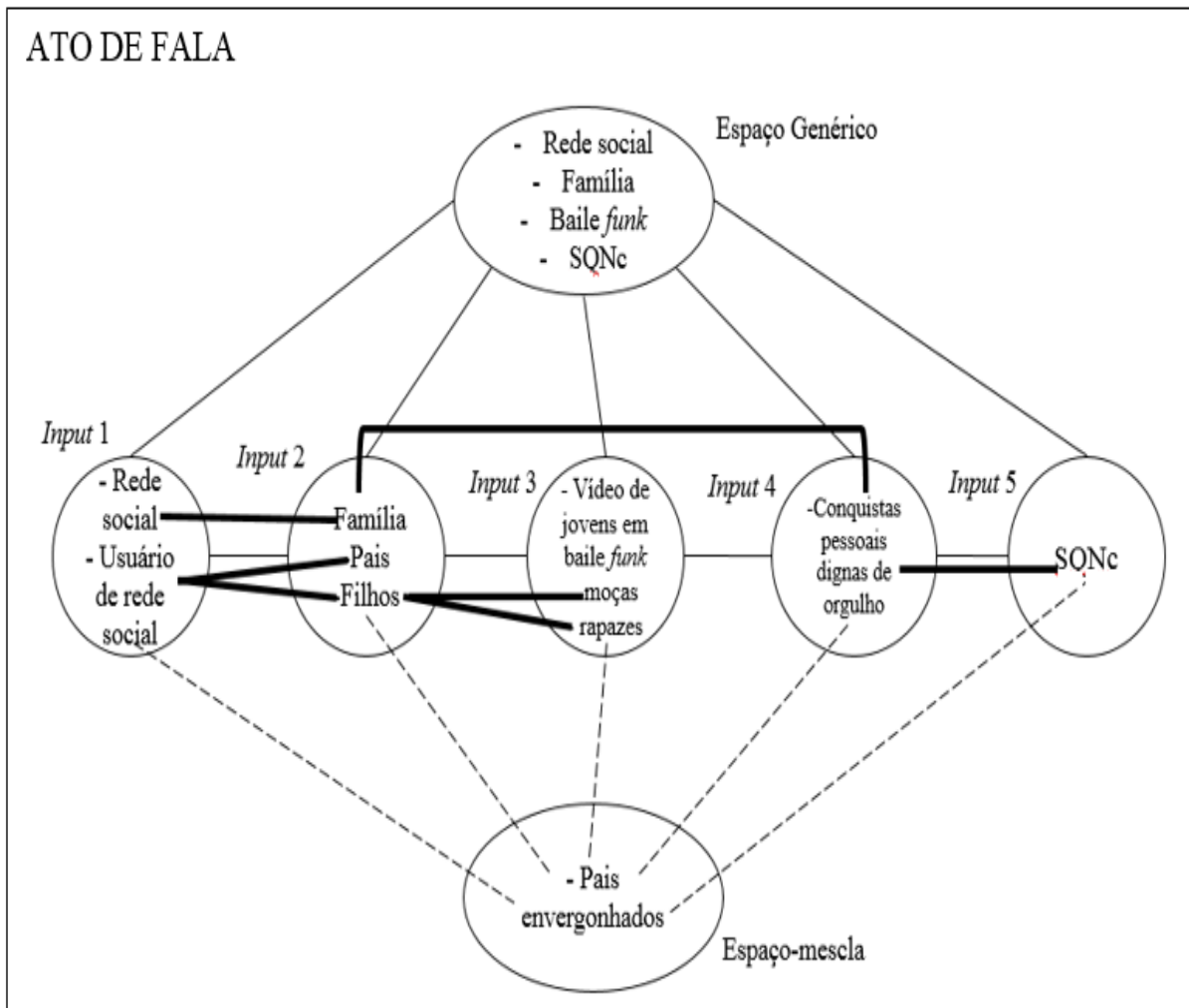
Assim, além das demais escolhas apresentadas no texto, cada qual com sua função semântico-pragmática, a respeito, especificamente, da construção “#SóQueNunca”, podemos

postular que foi utilizada pelo proponente do trecho com o propósito de reativar na memória do interlocutor possíveis características ou ideias contrárias ao que foi mencionado como positivo. Para tanto, em sua conceptualização, o leitor deverá ativar tais informações dentro do contexto acompanhado da *hashtag* em questão e, em seguida, promover uma recategorização da personagem central – a ousada moça que aceita dançar sensualmente com os cantores no palco.

Chegamos, desse modo, à seguinte configuração para a rede de integração conceptual de (16):

- Espaço-input (1) – É composto por elementos relativos ao *frame* de rede social.
- Espaço-input (2) – É estruturado pela composição de família.
- Espaço-input (3) – É composto pelo vídeo de jovens dançando em baile *funk*.
- Espaço-input (4) – É composto pela ideia de que conquistas pessoais geram orgulho.
- Espaço-input (5) – Efeitos de sentido produzidos pela aplicação da construção “SQNc”.
- Espaço genérico – Reúne o conteúdo comum aos cinco *inputs*.
- Espaço-mescla – Constitui o resultado da projeção das contrapartes dos cinco *inputs* interconectados, o qual evoca uma recategorização da figura da personagem central – a jovem – e produz um efeito de contrafactualidade, devido ao uso do “#SóQueNunca”, ocasionando no aparecimento de pais não-orgulhosos, mas sim envergonhados.

A rede de integração para conceptualização de (16) é apresentada na Figura 13.

Figura 13 –Mesclagem para o *post* (16)

Fonte: O autor, 2016.

A projeção dos elementos interconectados dos *inputs* 1 a 5 leva à tese defendida pelo autor da postagem, por meio da compressão das seguintes relações vitais: (i) PAPEL-VALOR, na medida em que pais, filhos (*input* 2) e moças e rapazes (*input* 3) são valores para o papel de usuário de rede social; (ii) ANALOGIA-DESANALOGIA, visto que a personagem aludida pelo autor da publicação como digna de receber “parabéns” tem, na verdade, sua desconstrução, devido ao traço contrafactual da ironia, acentuada, ainda, pelo emprego da construção “#SóQueNunca”, que comprime a relação vital de INTENCIONALIDADE, em razão do ponto de vista defendido pelo ato de fala (*post*).

4.3.2 Grupo 2: Postagens de crônicas/ depoimentos/ de interesse geral/ informativas/ propagandas

(17) É amanhã no ZZZZZZZZ ... Uma superline, em um ambiente único que vai deixar sua noite muito mais divertida...
 O mistério a magia o suspense, a alegria a diversão...
 Já adquiriu seu ingresso para essa instigante aventura?
 Ainda não?! Corre que da tempo...Estou a disposição ZZZZZZZZZZ Perder uma festa assim? **Soquenunca**

(10/ 2015)

O *post* (17), que acompanha uma espécie de um *banner* no qual pessoas estão vestidas com fantasias, constitui uma propaganda de uma festa de *Halloween*. Apresentando dados como horário e estilo de ambiente, seu autor tenta levar seu leitor à realização da compra do ingresso para essa “instigante aventura”.

A fim de persuadir seu leitor a comparecer à festa, dando mais credibilidade ao evento, observamos no *banner* o uso de palavras inglesas, tais como “superline”, na chamada da festa, mas que, na realidade, possui outra significação, não sendo nenhuma delas relacionadas ao mesmo campo semântico do que vem sendo tratado no texto. Tais adaptações são muito comuns na linguagem em sua totalidade e, sobretudo, da internet. Nesse caso, a expressão parece ter sido usada como estratégia para chamar atenção do leitor, de modo a persuadi-lo, uma vez que, pautados em nosso conhecimento de mundo, sabemos que, no Brasil, existe uma forte cultura de apelo pelo que é estrangeiro. Tal uso, portanto, agregaria maior qualidade ao produto oferecido – o evento.

A respeito da persuasão e, também, dos termos muito difundidos na linguagem da internet, Galli (2010, p. 164) afirma que, nesse tipo de linguagem, a

interação e a persuasão também são aspectos que se fazem presentes, da mesma forma em outros meios de comunicação. A linguagem da internet constrói-se, então, a partir da língua comum, adaptando vocábulos e, em grande parte, por meio de empréstimos da língua inglesa.

Assim, na *web* – e também fora dela –, muitas vezes, os interactantes lançam mão de escolhas lexicais estrangeiras, visando alcançar objetivos claramente funcionais. Em decorrência disso, tais escolhas podem acabar sendo incorporadas ao modo de expressão dos

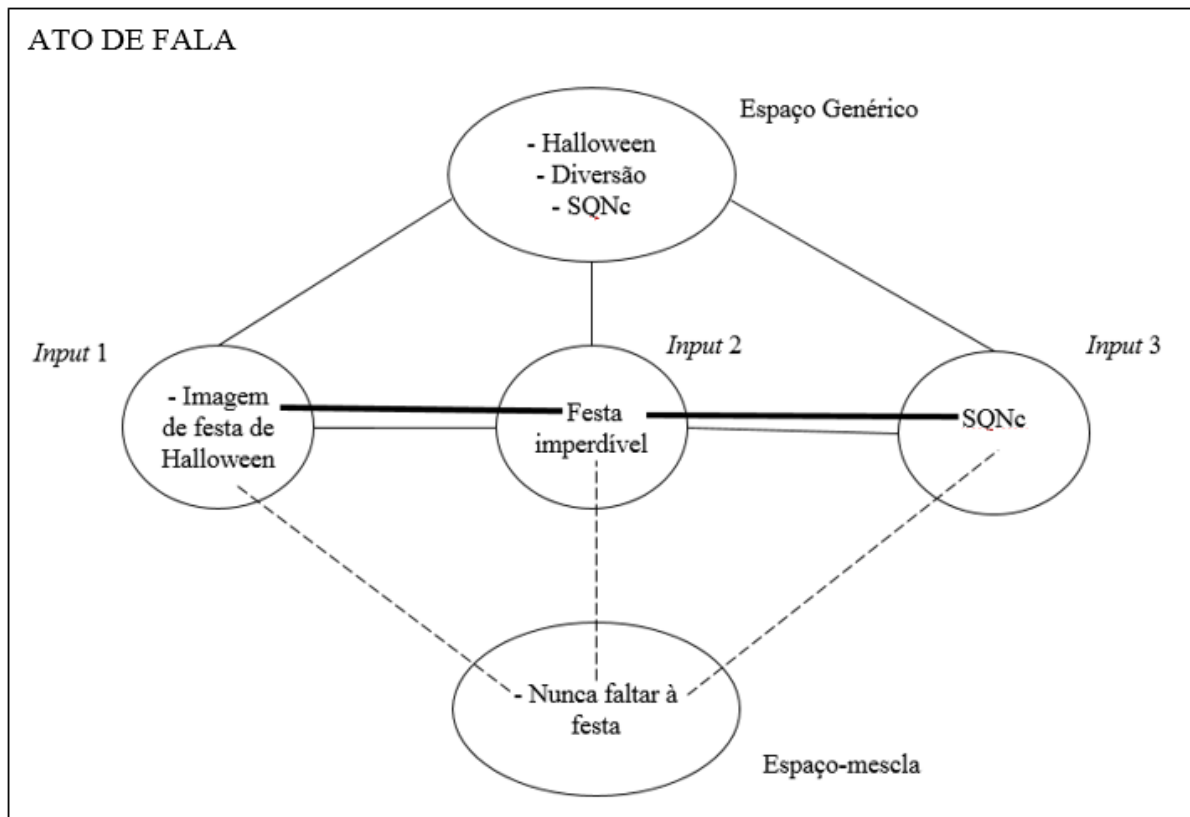
indivíduos para atender a necessidades pragmáticas próprias do uso da linguagem ou mesmo por questões de sobreposição de seu papel social.

Podemos, ainda, apontar como estratégia de reforço persuasivo o emprego da construção “#SóQueNunca”, a qual fecha contundentemente o *post*, denotando, também, a ideia de que, em hipótese alguma, alguém, em sã consciência, perderia a oportunidade de participar dessa festa de dia das bruxas e conhecer “o mistério, a magia, o suspense, a alegria, a diversão” divulgados na propaganda. A construção adquire, ainda, no trecho, a função discursiva de resposta ao questionamento “Perder uma festa assim?”, sendo a construção “só que nunca” uma resposta contundente, capaz de quebrar na mente do interlocutor qualquer dúvida a respeito do sucesso que será a festa.

Entendemos, a partir disso, que a configuração de (17) ativa os seguintes espaços mentais:

- Espaço-input (1) – Aberto pela imagem que anuncia a “festa” com suas propriedades específicas.
- Espaço-input (2) – Abriga a entidade “festa imperdível” com seus traços mais característicos.
- Espaço-input (3) – Efeitos de sentido produzidos pela construção “SQNc”.
- Espaço genérico – Há um mapeamento entre os espaços *input*, donde se tem a conexão das propriedades presentes em cada um deles.
- Espaço-mescla – Integra algumas propriedades da imagem da festa, herdadas dos *inputs* para conceptualizar uma “festa imperdível”. A mescla tem como estrutura emergente a ideia de nunca faltar à festa de *Halloween* divulgada na propaganda, ativando, na mente do interlocutor, o entendimento de que apenas essa festa é capaz de promover a fusão dos elementos característicos de uma festa com os de uma aventura.

Na Figura 14, expomos a representação da rede de integração.

Figura 14 – Mesclagem para o *post* (17)

Fonte: O autor, 2016.

Na mescla promovida para a conceptualização da propaganda apresentada em (17), os elementos ilustrados no banner interconectados ao anúncio da festa ativam a compressão da vital de ANALOGIA entre festa e aventura, com vistas ao reforço do divertimento propiciado aos que participarão da festa. Outra relação vital comprimida na postagem é a de INTENCIONALIDADE, devido ao caráter persuasivo da *post* de convocar todos para a festa. A construção “só que nunca” em resposta à pergunta sobre a compra de convite, reforça caráter imperdível da festa de forma irônica.

4.3.3 Grupo 3: Postagens de conscientização social/ cunho moral/ opinião

(18) E viva o PMDBosta! E viva a ditadura Evangélica! **SoQueNunca** Amanhã EU vou a parada em protesto a esses imbecis. A parada nunca foi tão necessária...

(06/ 2015)

A postagem (17) constitui uma crítica a fatos políticos ocorridos no Brasil. A publicação é acompanhada da imagem de um famoso político, então deputado federal pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro pelo Rio de Janeiro (PMDB - RJ), o qual assumiu, no ano de 2015, o cargo de Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil e segue um *hiperlink* para uma matéria jornalística com o título “Câmara aprova aumento de isenção tributária para igrejas”.

A biografia do personagem em questão é composta por escândalos políticos das mais diversas ordens, dentre eles, figuram, em sua maioria, escândalos envolvendo desvios de bilhões de reais de cofres públicos para contas pessoais no exterior. Outra informação dessa personalidade diz respeito a sua religião, pois o político ficou conhecido nas bancadas do Senado por defender, segundo alguns, interesses políticos dos evangélicos. Para os mais críticos, essa defesa de interesses voltados para religião consistiria, na realidade, como publicado pelo internauta, em uma denominada “ditadura evangélica”.

Quanto ao partido ao qual o deputado é afiliado, é considerado como partido de direita ou, como alguns costumam postular, um partido que reúne várias ideologias. Assim, o PMDB adquiriu fama no cenário político brasileiro como um partido no qual os candidatos visam aos seus próprios interesses, ou, como comentado em (10), favorecedores da classe dominante.

A crítica do autor fica bastante demarcada desde o início do *post* com a utilização de uma expressão em tom retumbante “E viva o PMDBosta!” para, na verdade, relatar em tom irônico seu posicionamento contrário ao acontecimento político exposto na matéria de jornal. Antes de qualquer outro fator pragmático, é sua própria utilização de expressões lexicais como “PMDBosta” que torna sua crítica bastante demarcada. A respeito do termo, possivelmente criado pelo próprio usuário do *Facebook*, podemos reconhecer que é oriundo de um processo de formação lexical denominado composição em termos morfológicos. Sobre este último fenômeno, Basílio (1987, p. 29) disserta que a

própria estruturação geral do processo de composição se relaciona com a natureza de sua função, que é inteiramente diferente do da derivação: enquanto na derivação temos a expressão de noções comuns e gerais. A composição é um processo que vai permitir categorizações cada vez mais particulares. Com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical.

Nesses termos, “PMDBosta” apresenta composição por aglutinação de palavras, visto que apresenta alteração em pelo menos um dos radicais dos vocábulos que se unem. No caso do léxico formado em questão, a segunda palavra dessa união porta em si carga semântica extremamente pejorativa e de baixo calão, o que sugere uma comparação entre os acontecimentos políticos com o envolvimento desse partido e excrementos de qualquer animal. Acrescentemos, ainda, que, segundo Ferreira (2008, p. 116), popularmente, o termo é usado para fazer referência à “coisa malfeita, de má qualidade, ou reles”.

Em termos cognitivos, “PMDBosta” resulta de processo de mesclagem, em que o *input 1* abarcaria a noção do que tal partido representa, ancorado cenário político brasileiro. O *input 2* seria configurado pelo conceito de *bosta*, ancorado pelo cenário dos excrementos. No espaço mescla, a estrutura emergente da nova formação expressa uma crítica irônica ao partido, RECATEGORIZANDO-O.

Outro ponto forte da crítica pode ser depreendido por meio da sentença “Amanhã EU vou a parada em protesto a esses imbecis”, em que o autor, em uma libertação de sua fúria e indignação, usa uma adjetivação bastante depreciativa, expressa em seu discurso por meio do termo “imbecis”. Isso nos dá margem para conjecturar que o proponente da postagem estaria se referindo tanto ao político em questão quanto ao seu grupo de apoio a tal “ditadura evangélica” na bancada política, ou mesmo ao povo evangélico em geral. Observando esse caso, concordamos com Fiorin (2004, p. 55), quando o autor declara que o

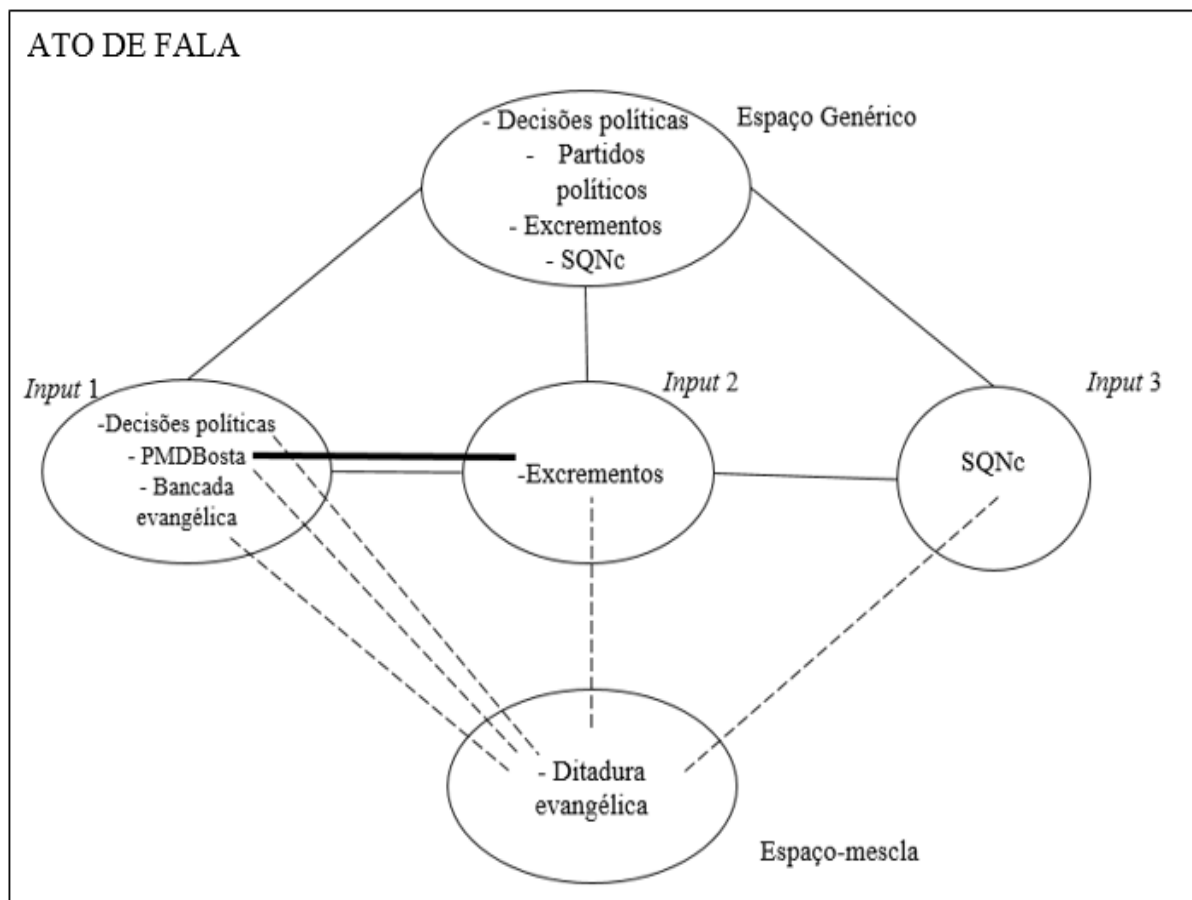
discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente.

Tomando por base nossa compreensão prévia da publicação, propomos a configuração da rede de (18) da seguinte maneira:

- Espaço-input (1) – Contém o *frame* DECISÕES POLÍTICAS com elementos a ele relacionados.
- Espaço-input (2) – Traz elementos relacionados ao *frame* EXCREMENTO.
- Espaço-input (3) – Construção “SQNc”.

- Espaço genérico – Preenchido por traços pertinentes aos três espaços de entrada.
- Espaço-mescla – Da projeção seletiva dos três *inputs*, origina-se uma estrutura emergente que possibilita a interpretação da formação de uma “ditadura evangélica” a qual tem a rejeição marcada pela construção “#SóQueNunca”.

Figura 15 – Mesclagem para o *post* (18)



Fonte: O autor, 2016.

Entre os *inputs* 1 e 2 estabelece-se uma interconexão por meio da compressão da relação vital de ANALOGIA, visto que as decisões políticas da banca evangélica do PMDBosta são conceptualizadas como descarte de excremento. Esse tipo de compressão ancora a relação entre as decisões da referida bancada e o período da Ditadura no país. Ocorre ainda a compressão da relação vital CAUSA-EFEITO, visto que, segundo o relato, as igrejas passam a ser isentas de tributos em virtude de decisões tomadas por políticos. Desse modo, a causa é a

decisão da bancada política na Câmara e o efeito é aquisição do direito de isenção tributária por parte das igrejas.

A conceptualização de (18) envolve também a compressão da relação vital de PAPEL-VALOR, já que seu autor atribui o valor de “imbecis” a todos aqueles que são a favor da liberação do pagamento de taxas das igrejas. O ato de fala de teor convocatório do *post* (18) tem sua conceptualização ancorada na compressão da relação vital de INTENCIONALIDADE, pois busca a participação de todos para evitar uma ditadura evangélica, resultante de decisões políticas comprometidas com esse ideário.

A análise das postagens com as construções “#SQX” revelou tendências conforme o preenchimento do elemento adverbial seja *não*, *sim* ou *nunca*. No caso de “só que não”, a construção abre um espaço mental que cancela o que foi apresentado anteriormente, orientando a conceptualização de uma ironia com base na negação do que se afirma. A construção “só que nunca” também consiste em um gatilho para essa mesma forma de ironia, sua diferença em relação a “só que não” reside na força argumentativa da negação do que se afirma, de modo a promover uma recategorização do elemento criticado: a moça degradada, a festa-aventura imperdível e o partido excrementoso.

A construção “só que sim”, diferentemente, desempenha o papel de gatilho para um tipo de ironia que não nega totalmente o que foi afirmado, mas nega uma pressuposição acerca de uma possível resposta dos “amigos” ou curtidores quanto ao que o autor da postagem está defendendo. Trata-se de uma estratégia para atenuar uma resposta que ameace a face do autor do *post*, visto que defender consumismo como forma de alcançar a felicidade poderia ser considerado futilidade, assim como se opor à realização da Copa do Mundo de 2014 poderia ser considerado uma forma de pessimismo exacerbado em um cenário em que muitos podem se contagiar pelo caráter festivo do evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de nossa pesquisa, vimos que, a cada dia, novas construções oriundas do discurso cibernético têm emergido na linguagem oral e *vice-versa*, algo que sugere o quanto a língua atua sobre comportamentos e também por eles é modificada. Assim, balizados nas discussões emergentes no âmbito da LC, a respeito dos processos de construção de sentido e da conceptualização dos papéis desempenhados pelas “#SQX” nos atos de fala postados pelos interactantes, a presente pesquisa de caráter descritivo-interpretativo, como explanado no capítulo 3, referente aos procedimentos metodológicos, teve como objetivo descrever as relações entre o processo de integração conceptual e a compreensão das postagens extraídas da rede social *Facebook*, nos quais figuram as construções “#SQX”.

A fundamentação teórica da presente pesquisa, apresentada no capítulo 1, se constitui como panorama geral da LC e, principalmente, da mesclagem conceptual como suporte teórico hábil o suficiente para descrever a conceptualização dos sentidos das postagens selecionadas. Nossa proposta foi que o processo de construção de sentido de tais construções pode ser explicado por meio do processo de mesclagem conceptual (MC). Assim, esperamos ter alcançado nosso objetivo, ao demonstrarmos, principalmente, a força discursivo-pragmática das construções quando empregadas em dado contexto.

Além dos pressupostos teóricos que regem a GC (GOLDBERG, 1995) e a MC (FAUCONNIER; TURNER, 2002), o conhecimento do conceito de ironia (COULSON, 2001; 2005) e a conceituação dos *posts* como atos de fala (AUSTIN, 1990; SEARLE, 1991) tornaram-se fatores de grande importância para a percepção da estratégia discursiva dos elaboradores dos dados analisados. No que diz respeito às redes de integração conceptual elaboradas para explicitar a construção de sentido das publicações analisadas, constatamos uma adequação de nossa opção por esse recurso analítico, sobretudo, devido à postulação da compreensão das relações vitais ativadas nos espaços de entrada e no espaço-mescla.

Em nossas análises, constatamos que a compreensão da força discursivo-pragmática, em especial, no que tange à ironia e seu traço contrafactual, é algo complexo. Isso se deve ao fato de que, para chegar a um entendimento, o leitor necessita acionar compartimentos cognitivos não só referentes às questões linguísticas, mas também, em muitos casos, extralinguísticas. Para alcançar, portanto, o entendimento do que circunscreve a interação autor-texto-leitor de cada instanciação, faz-se extremamente necessário que esse leitor seja

perspicaz e atento aos detalhes, isto é, capaz de se deslocar entre os mais diversos enquadres de sua mente.

O receptor da mensagem precisa, nesse sentido, lançar mão do maior conhecimento de mundo possível, a fim de facilitar o processo de ativações cognitivas, no qual são acionados os mais variados domínios e molduras organizacionais da mente. Esses *frames*, muitas vezes, só são acionados de modo integrado por meio das projeções mentais realizadas pelo conceptualizador. São essas projeções que ocasionam, por conseguinte, uma estrutura inédita, a qual torna possível a formulação de novos sentidos por parte do leitor.

Com base na organização em grupos de *posts* que formamos inspirados por Erickson (2000), pudemos perceber, em dado momento da análise de dados que, além da carga semântica de ironia, um dos constructos, a saber, o “#SóQueSim” tem seu papel pragmático também marcado como uma forma de endosso ou reiteração das proposições presentes nos contextos discursivos das publicações. Essa divisão em grupos de *post* nos facilitou, também, a observação do comportamento de outras *hashtags* e a compreensão que essas, em geral, diferentemente das “#SQX”, funcionam, no corpo das postagens como verdadeiras âncoras para que o leitor, levando em consideração, em alguns casos, os recursos multimodais – vídeos, imagens –, disponíveis nas publicações, ativem enquadres cognitivos capazes de auxiliar a integração dos elementos dispostos nos mais variados domínios.

Outro aspecto observado é que as *hashtags* podem funcionar, ainda, como uma síntese do assunto tratado no *post*. Chegamos à conclusão de que tais elementos abarcam em si a função marcadora de tematizar atributos dados pelo autor da postagem ao assunto abordado. Assim, em nossos dados, essas *hashtags* que podem anteceder ou suceder o texto verbal ou recurso multimodal, norteiam/ confirmam a compreensão leitora da ironia sugerida pelas construções “#SQX”.

Constatamos, também, que as construções “#SQX” colaboram com a formação da rede de integração conceptual, uma vez que reativam, na memória do receptor da mensagem, possíveis características contrárias ao que foi dito no corpo da postagem. Ressaltemos, pois, que as informações disponíveis ao acesso do leitor só se fazem compreensíveis se realizadas dentro de um dado contexto de uso, reiterando, com isso, a importância do cenário comunicativo.

Desse modo, nosso trabalho nos permitiu comprovar a pertinência da escolha da rede de integração conceptual para a análise das postagens, visto que esse modelo analítico propiciou a descrição da criatividade presente em seu processo de elaboração. Pudemos

mostrar, em cada agrupamento de nosso estudo, que a MC é capaz de elucidar raciocínios encontrados na fusão dos elementos multimodais e textuais dos *posts*.

Verificamos, ainda, que o contexto situacional, muitas vezes, apenas detectado por meio de pistas expressas no texto, é responsável pelo fato de autor e leitor conseguirem realizar as devidas compressões e descompressões de conceitos, a fim de que note, por exemplo, que um enunciado que, em primeira instância, pode parecer contrário ao bom senso abarca, na realidade, a força irônica. As construções “#SQX” servem, assim, como gatilhos para que os leitores atentem para o fato de que devem acessar domínios diversos em sua mente para a elaboração de novos sentidos e, então, a compreensão do que está expresso nos *posts*. As “#SQX” incitam a elaboração de redes de integração que podem envolver um número variado de espaços mentais *input*, encontrando a razão dessa variação na densidade dos assuntos tratados nas publicações.

Com efeito, as instanciações escolhidas por nós incitaram mesclagens número variado de espaços de entrada. Acontecido o processamento da mescla, ocorre um reenquadre da cena discursiva devido à ironia proposta pelas “#SQX”. Essas construções provocam, portanto, um reenquadre da significação das postagens a partir de um novo cenário.

Constatamos que a percepção da ironia e do humor presentes em alguns *posts* só acontece quando o interlocutor muda o foco de sua leitura para novas possibilidades de interpretação e, em virtude disso, as devidas ativações mentais ocorrem, possibilitando a apreensão, sobretudo, da contrafactualidade. Percebemos, também, que o uso de recursos multimodais reforça, na grande maioria das vezes, o conteúdo apresentado na parte textual das postagens em que figuram.

Posto isso, ao estudarmos dados advindos de interações que se dão em um ambiente virtual, somos incitados a compreender que a mudança linguística implementada pelo internetês “#SQX”, trabalhado por nós em termos construcionais, é, de um modo geral, decorrente da necessidade de emergência de novos pareamentos de forma-sentido – construções – com vistas a novas formas de dizer, de se expressar. Por fim, não constitui nosso intento abarcar generalizações em virtude da natureza qualitativa de nossa pesquisa. No entanto, esperamos contribuir com estudos a serem elaborados futuramente com base no escopo teórico na LC, sob a ótica da GC e, sobretudo, da MC.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L. et al. (Org.). *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.
- ANDRADE, R. M. Z. B. *Conjunções em português: aspectos sintático-semânticos*. 1987. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas 1990.
- AZEREDO, J. C. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BERNARDO, S. P. Mesclagem conceptual em análise de cartum. *Veredas* (UFJF. Online), v. 15, p. 251-261, 2011.
- BRONZATO, L. H. *A abordagem sociocognitivista da construção de destransitivização: o enquadre da interdição*. 2000. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras-Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000.
- CARVALHO, N. *Empréstimos Linguísticos*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CARVALHO, N.; KRAMER, R. Linguagem no Facebook. In: SALIÉS, T. G., SHEPHERD, T. G. (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística centrada no uso - uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.
- CIPRO NETO, Pasquale. *Entrevista Interativa*, 26 fev. 2009. Disponível em: <http://www.educacional.net/entrevistas/interativa/educadores_pais/entrevista019.asp>. Acesso em: 14 out. 2015.
- COULSON, S. *Semantic Leaps: Frame-shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Sarcasm and the Space Structuring Model. The Literal and the Nonliteral in Language and Thought*. Berlin: Lang, 2005.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: CUP, 2004.

CRYSTAL, D. *Language and the internet*. Cambridge: CUP, 2001.

_____. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ERICKSON, T. Social Interaction on the Net: Virtual Community as Participatory Genre. In: NUNA-MAKER JR., J.F.; SPRAGUE JR., R. H. (Org.). *Proceedings of the Thirtieth Annual Hawaii International Conference on Systems Sciences*. IEEE Press, 1997.

_____. Making sense of Computer-mediated Communication (CMC): Conversations as genres, CMC systems as genre ecologies. In: NUNA-MAKER JR., J.F.; SPRAGUE JR., R. H. (Org.). *Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science*. IEEE Press, 2000.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FACEBOOK. Rede social. Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso: maio 2014 a dez. 2015.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mental spaces*. New York: Cambridge University Press, 1998.

_____; TURNER, M. *The Way We Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

_____. Mental Spaces. In: GEERAERTS, D. *Cognitive linguistics: basic readings*. Germany: Mouton de Gruyter, 2006.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, A. B. H. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

GALLI, F. C. S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GEERAERTS, D. *Cognitive linguistics: basic readings*. Germany: Mouton de Gruyter, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HERRING, S. Piso conversacional e gênero na CMC. In: SALIÉS, T. G., SHEPHERD, T. G. (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

HILPERT, M.; HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford handbook of construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2013.

HUMOR COM BOBAGEM. Página de conteúdo humorístico. Disponível em: <<http://www.humorcombobagem.com/categoria/prints-do-facebook.html>> Acesso em: 16 set. 2015.

JABLONKA, E. *Do emoticon ao meme: evolução dos símbolos na comunicação virtual*. UFPB, 2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 1. California: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 2. California: Stanford University Press, 1999.

_____. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: OUP, 2008.

LAPA, M. *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1945.

LIBERATO, Y.; FULGÊNCIO, L. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.

LONGHIN, S. R. *A gramaticalização da perífrase “só que”*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística do Texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, R. A.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na Língua Portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 2008.

NEVES, M. H. M. N. *O coordenador interfrasal "mas": invariância e variantes*. [São Paulo]: Alfa, 1984.

NEVES, M. A. G. *Aspectos cognitivos na constituição da ironia*. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

PINA, A. A. O papel da mesclagem conceptual na construção do angulador um tipo de. *Revista Gragoatá*. Niterói, n. 21, p. 289 – 301, 2006.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Pontes, 2008.

RAJAGOPALAN, K. Como o internetês desafia a linguística. In: SALIÉS, T. G., SHEPHERD, T. G. (Org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SANDERS, T., SANDERS, J., SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Org.). *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009.

SEARLE, J. R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1991.

SOUZA, L. P.; DEPS, V. L. *A linguagem utilizada nas redes sociais e sua interferência na escrita tradicional: um estudo com adolescentes brasileiros*. II Congresso Internacional TIC e Educação. Rio de Janeiro: UENF, 2007.

TOMASELLO, M. *Constructing a Language: a usage-based theory of language acquisition*. USA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TWITTER. Rede social. Disponível em: <www.twitter.com>. Acesso: maio 2014 a ago. 2014.

ULLMANN, S. *Lenguaje y estilo*. Madrid: Aguilar, 1968.

ANEXO

Apresentação geral dos 86 dados – em que constam as construções “(#)SQX” – coletados no *Facebook* de acordo com o que é apresentado no capítulo referente aos procedimentos metodológicos:

Texto 1:

Minhas preces foram ouvidas a OUVIDORIA desta empresa me liga dia 30/11 informando que meu problema seria resolvido. Hoje 31/11, recebo a ligação novamente, informando que um técnico estava a caminho... eu acho que ele se perdeu ou já deve estar comemorando o ano novo, por que até agora não veio. PARABÉNS ZZZ E SUA OUVIDORIA.

Texto 2:

Direta, clara e objetiva. Sem disse que A autora tem o cuidado de a cada edição fazer um novo prefácio e adições. Me sentindo do ladinho dela. Seguindo para capítulo II com lágrimas nos olhos e limpeza da alma. Mais guerreiros da área da saúde poderiam fazer faculdade na área de humanas né?

Texto 3:

Abre o tapete vermelho pra eu passar
Pedi aí de joelhos pra voltar
Quem sabe cola, às vezes rola, Só que não _

Texto 4:

Arrancar no divã confissões íntimas dos principais candidatos às eleições parece uma grande ideia, não? Era isso que produtores na Suécia pensavam ao criar o "Nyfiken på partiledaren" com os principais candidatos do país.
Leia por que não deu certo aqui: <http://bbc.in/1qRxaR7>

Texto 5:

A Deco teme que “os cerca de 700 milhões de euros gastos pelos portugueses na semana da Black Friday” possam ter sido “motivados pela percepção de uma falsa vantagem económica”
“Na Worten, o preço do televisor LG 55UF770V aumentou mais de 60% na véspera da Black Friday.
Merry Christmas.

Texto 6:

Tá de sacanagem comigo? 1000 calorias por aula? Puta que pariu que coisa mentirosa kkkkkk quero o embasamento científico sobre isso...! Ah eh, desculpa... Não tem! Kkkkkk
SoQueNao

Texto 7:

Como pode né??? A pessoa esta no comando , tudo precisa da aprovação dela ... O pais esta em um momento pessimo , uma crise imensa e ela nunca fez , nada , nao sabe de nada , nunca concordou com nada !!! Que dó né ?

Texto 8:

Fluminense segue sua escalada em busca do G4.

Quando todos os adversários secaram pela telinha para o Flu se dar mal, () quase conseguiram, mas FRED estava lá para salvar o Fluzão logo após secada dos adversários!! Fluzão vai a 51 pontos e cola no G4.

Texto 9:

Dilsantissima.ela e poço de honestidade, Ela é a essência da pureza. Anjo de candura. Ninguém pode questionar a Deusa Isis.a magnânima Deusa da Cencreia,a ilustre e intocável Senhora dos Epicoreus Gregos.

Texto 10:

Acha que vai me convencer?!? Quero seu amor pra mim (clipe que lancei antes de Cara de rica... Notem que no final eu estou com a roupa do que seria o próximo clipe "Cara de rica") Tipo uma trilogia... Tipo... Tipo... Tipo quem fala tipo toda hora, tipo... <http://youtu.be/fy2xE0aJzuU>

Texto 11:

Não é por nada não, mas tá cheio de gente por aí que acha que vai resolver os problemas mandando indiretinha pelo Face. Ridículo. Fala Beij Que Beij
oNãoMeLig
Com vocês mais um vídeo original do Porta dos Fundos.

Texto 12:

Olha o que vou levar no TCC segunda kkkkkkkkkk

Texto 13:

Jimmy London está muito muito muito MUITO amarradão para ver o show do ! Só ele né? HAHAHA
ps: Beto Lee trolando o amigo apresentador! Kkkkk

Texto 14:

Depois do dia que eu vi um flanelinha dando risada trocando um bom dinheiro em moeda na padaria onde eu estava, logo após ele mesmo ter me pedido dinheiro p comprar pão (), só aderindo à campanha mesmo!

Texto 15:

E segue sessão nostalgia (Fevereiro da Discórdia) kkkkk Lembrando de uma certa promessa cumprida que me foi feita... ... trocando "amor eros" (paixão) por "amor filis" (amizade) e o apelido "bebê" por outro rs, tem tudo haver também. rs

Texto 16:

Longboarders de plantão!!!!
Escuta aí a opinião do super mestre saiadin , parceiro de equipe campeão SulAmericano YYYYYY, vulgo Tetas, Tretas, Tetinhas, Tetonhas ow whatever!!

Texto 17:

Uma excessão do que vimos por aí em revistas e blogs de "saúde"
Gostei!

Texto 18:

Enciclopédia ambulante! Haha

Texto 19:

Quem mente mais?

Um tem conta no exterior, a outra jura que o Brasil pagou a dívida externa, não corre risco de crise, pronatec garantido para mestres e doutores, internet livre e nada de mexer com as leis trabalhistas.

Texto 20:

Tô melhor sem você do meu lado, antes só do que mal acompanhado _Mas sozinho eu não tô, nem te conto quem me ligou _

Texto 21: Hashtag adoro TAGS! Hahaha Dessa vez uma tag desafio "50 perguntas em 5 minutos". Moleza ein? Será que consegui responder dentro dos 5 minutos? Será que respondi todas elas? Hmmmmm... Dá o play ♥ INSCREVAM-SE NO MEU CANAL | CURTAM | COMPARTILHEM | COMENTEM ♥ Beijos beijos

Texto 22:

COMO SE COMPORTAR EM UMA MANIFESTAÇÃO COMUNISTA | COMO FAZER O BÁSICO

PT faz inveja ao PCC como "partido do crime"
A prisão do líder do governo no Senado, Delcídio Amaral (PT-MS), mostra que é insustentável a permanência da presidente Dilma Rousseff no governo. O PT perdeu a moral. Até quando vamos suportar tanta corrupção?
A prisão do senador petista acontece um dia após a Polícia Federal prender o pecuarista José Carlos Bumlai, amigo de Lula, acusado de intermediar empréstimos ao PT em troca de contratos com o governo e recursos do BNDES.
Eis que o Partido dos Trabalhadores terá, enfim, os seus principais líderes na cadeia. E agora? Qual será o maior "partido do crime"? É, no mínimo, concorrência desleal com a "facção criminosa que atua nos presídios", como a imprensa costuma denominar o PCC. Seis anos depois de aceitar a denúncia do mensalão, e quase um ano após definir sua sentença, o Supremo Tribunal Federal determinou ontem a prisão do ex-ministro da Casa Civil José Dirceu, braço direito de Lula, do ex-presidente do PT José Genoíno e do ex-tesoureiro do partido Delúbio Soares, além do operador Marcos Valério e outros envolvidos no vergonhoso esquema de corrupção que carimbou os governos do PT. Os ministros do STF determinaram, nesta quarta-feira 13, a execução imediata da pena para 16 condenados no maior julgamento de corrupção do Brasil (como nunca antes na história deste país...). Com transmissão ao vivo na TV e nas redes, a decisão foi intitulada

cifradamente como "ED do ED da AP 470". Você entendeu? Não, nem eu! Nem ninguém! Leia aqui. Mas, em resumo, os mensaleiros começam a ir para a cadeia! A maior preocupação agora é fazer cumprir a "súmula vinculante 11". Outro apelido ininteligível. No popular, os petistas morrem de medo das imagens bombásticas de seus figurões sendo presos pela Polícia Federal, e estão apelando para a regra jurídica que veda o uso de algemas, a não ser em caso de resistência à prisão ou risco de fuga. Não é o que se vê com ladrões de galinha, mas pode valer para os pavões governistas. E os principais nomes do PT vão afundando no mensalão, na máfia dos fiscais, na máfia do asfalto... A única "boa notícia" () do PT na Justiça é uma chamada "vitória de Pirro": por uma decisão contestada do presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo (cujo filho será candidato nas eleições de 2014 por um partido da base governista) vão empurrar goela abaixo do paulistano o aumento abusivo do IPTU, no meio deste tsunami de corrupção da Prefeitura de São Paulo.

Texto 23:

Motivos "seríssimos" para mães não amamentarem em público . Já viu esse vídeo?

Texto 24:

É muita perfeição! Sou uma admiradora fiel a esse tipo de parto. Era meu sonho, porém, acabei na faca *Emoticon* *frown*
Mas tudo tem um propósito. Não tive o parto que sonhei, mas hoje tenho meu príncipe saudável e lindo ao meu Lado. Quem sabe o próximo KKKKKKKK

Texto 25:

Uéé...como assim? Não to entendendo, um Prefeito tão bom
Se até ele reconhece que não foi bom pra cidade, eu acho que as pessoas que votaram nele já pode parar de defendê-lo, ele destruiu a cidade em menos de 4 anos de mandato, até o final apostado que irá prejudicar muito mais a cidade!

Texto 26:

Na coluna , o desafio que tem arrecadado milhões por uma boa causa e deixado muito ativista de sofá irritado

Texto 27:

A vergonha continua, e eu deveria ficar calado !
Crianças da escola municipal de Barra de São Francisco comendo uma coisa estranha, meio azulada ?
Vejam o vídeo e comente no site, compartilhe e marque todos os seus amigos !

Texto 28:

Vamos comemorar, brasileiros! Olhem quantas melhoras nós ganhamos com esse "pouquinho" de dinheiro
Veja pra onde foi essa grana

Texto 29:

Descobrimo novos prazeres na vida...

Texto 38:

Boa noite Igreja

E eu pensando que era um vídeo da Parada Gay, mas sabe o que é? Apenas uma "Marcha pra Jesus", observem as almas "arrepentidas", "chorando" por seus pecados, vidas sendo "tocadas" pela mensagem, pessoas que estão sendo "transformadas" pelo "evangelho".....

Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

[1 João 2:15-17]

Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.

[Gálatas 1:8]

Texto 39:

É por isso que eu gosto desse povo... Nem dormir vcs n dormem só esperando novas publicações na página...
kk

Texto 40:

Como uma deeeeeeeeeeeusaaaaaaa, você me mantééééééééééém~~

Estava procurando uma foto antiga e acabei encontrando quilos de imagens desse tipo nos meus arquivos.

haushuahs

Texto 41:

Ainda bem que aqui em casa ninguém gosta de Internet ou Face..Hehe
Sóqu

Texto 42:

Não só pela doação de dinheiro pros Pataxó mais tb por outras benfeitorias deixadas no local em que se hospedaram a seleção Alemã de futebol que tb representa uma empresa merece o respeito do Brasileiros.

Se algum jogador de futebol da seleção Brasileira tivesse um terço das atitudes que a seleção Alemã teve, tb mereceria meu respeito!

Texto 43:

Parabéns Alemanha, por não ter como prioridade a cor do cabelo que entraria em campo ou o formato do bigode que ficaria melhor pra aparecer na tela do plim plim, país sério, jogadores centrados, governo focado na seleção essa é a simples diferença, que no final fez a grande diferença... Brasil país do Futebol?

Texto 44:

Chora Brasil "de um povo Alienado, resistente, enganado, fadigado, humilhado, explorado e massacrado, pela crença na felicidade e das gerações futuras..." Chora Brasil, porque depois desse circo e do "orgulho de ser brasileiro" a conta você vai pagar de qualquer jeito. só

Texto 45:

Ahhh so para avisa vcs eu nao abandonei a missao de irmos no show do Aviões do Forro viw..

CCCCCCCCC...

KkkkkKkkkkkkk...

.....

Texto 46:

UNICAMP

VEM

AÍ.

Os candidatos deverão preencher o Formulário de Inscrição disponível na página da Comvest (www.comvest.unicamp.br), de acordo com as instruções. O formulário estará disponível das 9 horas do dia 11/08 às 20 horas do dia 11/09. A Comvest aceitará somente inscrições que tenham sido completadas (boleto gerado) até as 20 horas do dia 11/09. - See more at:<http://www.comvest.unicamp.br/vest2015/manual/processo.html...>

Texto 47:

META ✓ Esperar mais 5 anos completarei 30 !_
E mais alguns ANOS até alguém mais completar 30 ..ao todo 13 anos no
aguardo para ser feliz ou continuar quebrando a cara rs
Mais prefiro esperar os próximos capítulos da minha vida para saber e não sofrer
antecipadamente
fazeroq ☒ ☒ ☒

Texto 48:

- Fala galeeeera, tá aqui o primeiro lançamento da dupla Beto&Gustavo pra vocês !
É uma gravação caseira da nossa música .
- 02 músicas inéditas, em estúdio, estão saindo do forno, mas enquanto isso diverta e curta
essa versão acústica que gravamos tocando para os amigos!
- Espero que gostem ! , Abraços da dupla Beto&Gustavo.

, #sóqueno.

<http://www.youtube.com/watch?v=RcOxDMXCJDQ>

Texto 49:

O meu marido é o homem mais feliz e sortudo do mundo,,,,, ELE é casado com uma mulher linda e parceira.....ele diz isso pra mim kkkkkkkk será? ????

Texto 50:

Você já ouviu falar do aplicativo Trover? Ele funciona como um Instagram, só que somente relacionado com viagens! Viajantes como você e eu compartilham diariamente fotos - incríveis - de suas viagens e eu uso bastante para viajar online e decidir os meus próximos destinos! Nunca ouviu falar? Não sabe o que está perdendo! O aplicativo está disponível na Apple Store e Google Play, além de funcionar de browsers pelo link disponível!

@waymebh __ #soquenunca #bh #beozonte #beaga #belohorizonte #waymebh 3 1
/waymebh/#waymebh, Websta

Texto 66:

"Ide e não vendais o que tendes para dar aos pobres; antes usai as riquezas para edificar templos em meu nome afim de que o meu reino se estabeleça na terra tal como já se estabeleceu nos vossos corações."
Evangelho d'Jc\$u\$ 2º Mamom 10:4-5
Via: O.D ...Leia a Bíblia!!!!

Texto 67:

Depois de eu reclamar muito, fizemos as pazes e tiramos uma selfie para vcs. Invejosos dirão que é montagem... s

Texto 68:

EXTRA! EXTRA! Se houver quebra-quebra eu digo que é festa grega, e vamo que vamo.

Texto 69:

Tsc, tsc, tsc...esse pessoal do McDonalds precisa ser mais Resiliente viu...
Trabalho escravo não, Oportunidade! u.u

Texto 70:

só os moradores de nova iguaçu sabe como ele deixou a cidade depois que renunciou a prefeitura pra se tornar senador

Texto 71:

Como eu queria estar lá!! __ Mentira, eu queria gostar de pagode q é mais barato e acessível..

Texto 72:

É o PT fazendo um Brasil mais justo . Os zumbis partidários e fanáticos falarão que é mentira da imprensa branca manipuladora

Texto 73:

E como sempre a culpa só é joga pro mais "fraco"
Todos devem ser punidos a começar do Governador Beto Richa.
kkkkkkkkkkkk doce ilusão isso acontecer aqui no País

Texto 74:

E viva o PMDBosta! E viva a ditadura Evangélica!
Amanhã EU vou a parada em protesto a esses imbecis.
A parada nunca foi tão necessária...

Texto 75: Olha mãe pra vc que é super viciadaa e tem o tempo todo do mundo pra ficar no Pc
kkkkk

Texto 76:

Parabéns vc esta no Facebook e seus pais estao orgulhosos de você voce tem.muito valor sabia

Texto 77:

Uns dirão que é pura implicância minha, mas pior que não, é o PRÍNCIPE desse século reinando mesmo... Ele é uma das coisas boas que a atual gestão nós trouxe

Texto 78:

CCCCCC, só pra avisar que diante desses bons argumentos me unirei aos intelectuais eleitores de ZZZZZZ.. Bjos... Flw. Emoticon tongue

Texto 79:

Sério?! Certeza que isso foi a chegada do PAPAÍ NOEL, no PARQUE DAS CRIANÇAS?!
> Super apropriado! Parabéns a grande mente que proporcionou esse SUPER show!
né?!
Absurdo!

Texto 80:

Podemos usar este vídeo como idéia pra nossa????

Kkkkk

Kk

Texto 81:

Aff!! o povo que escolher nossa profissão! ☹
Minha Mãe queria que eu fosse Marinheiro. muahahahahahahahah

Texto 82:

Olha aí o 8205 dando só alegria pra gente de novo, ZZZZZZII! Tenho até um dedo roxo de lembrança dessa vez! ☹
'Bora reclamar, meu povo!

Texto 83: Lembra prima YYYYYYYY das nossas idas ao dentista? !

!Kkkkkk

Um pedaço de barbante,duas mãozinhas e pronto.kkkkk

Texto 84:

Que é isso!?!?
Olha aiii amigos W, X, Y, Z, esse suplemento pra ficar trincada!!!
Kkkkkkkkkkkk

soquenu

Ecaaaaaa!!!

Texto 85:

Assustador!!! Muito tenso esse filme, só faz aumentar minha paixão por bonecas kkkk

E ai, vamos Y e Z???

https://www.youtube.com/watch?v=FGfthWftg3j_Uy0

Texto 86:

Ae o que falta é boa vontade dos gravatase liga pq em outubro podemos votar no Mr Catra assim que ele se eleger o primeiro discurso vai ser assim "VAI COMEÇAR A PUTARIAAAAAAAAAA"kkkkkkkkkkkkk